

REVISTA DA SEMANA

32

NA CAPITAL CR\$ 1,50

—

NOS ESTADOS CR\$ 2,00

10 - 8 - 1946



Ami



Jockey Club Mundano

O Hipodromo da Gávea, durante as realizações dos magníficos "meetings" do Jockey Club, tem se tornado o ponto de reunião obrigatório dos elementos da elite carioca. São da última reunião ali realizada os instantâneos que aqui reproduzimos, os quais mostram como a frequência naquêlo centro de diversão está cada vez maior e mais elegante.





Frei Nazareno da Virgem Dolorosa, foi uma das vítimas do incêndio no navio-transporte "Duque de Caxias". Ferido, ele foi trazido para o Rio e recolhido ao Hospital Gráfée Guinle, onde no entanto, baldados todos os socorros médicos, veio a falecer no dia seguinte. Na gravura, o desembarque do sacerdote, visivelmente abatido por ferimento no crânio. Também duas religiosas do Colégio Notre-Dame de Paris, perderam a vida nesse infausto acontecimento do último dia de julho.

O Brasil inteiro sofreu, abalado, o profundo golpe registado com o grave acidente ocorrido com o transporte "Duque de Caxias", no penúltimo dia do mês de julho. Era também a Marinha brasileira que recebia esta grande perda, com o incêndio lavrado na sua maior unidade, um grande barco com amplos serviços prestados aos aliados durante o último conflito, e a cujo bordo regressaram à Patria bravos componentes da Força Expedicionária Brasileira. Com destino à Europa, na linha Rio-Lisboa-Marselha-Gênova, deixara o porto desta capital, na véspera, o transporte de guerra "Duque de Caxias", conduzindo 1.587 pessoas a bordo, entre passageiros e tripulantes. Na manhã de 31, começaram a circular pela cidade as notícias de que irrompera um incêndio a bordo desse barco.

quando o mesmo se encontrava a poucas milhas de Cabo Frio. Imediatamente a notícia tomou vulto, a ansiedade pública aumentava, e afinal surgiam as notícias.

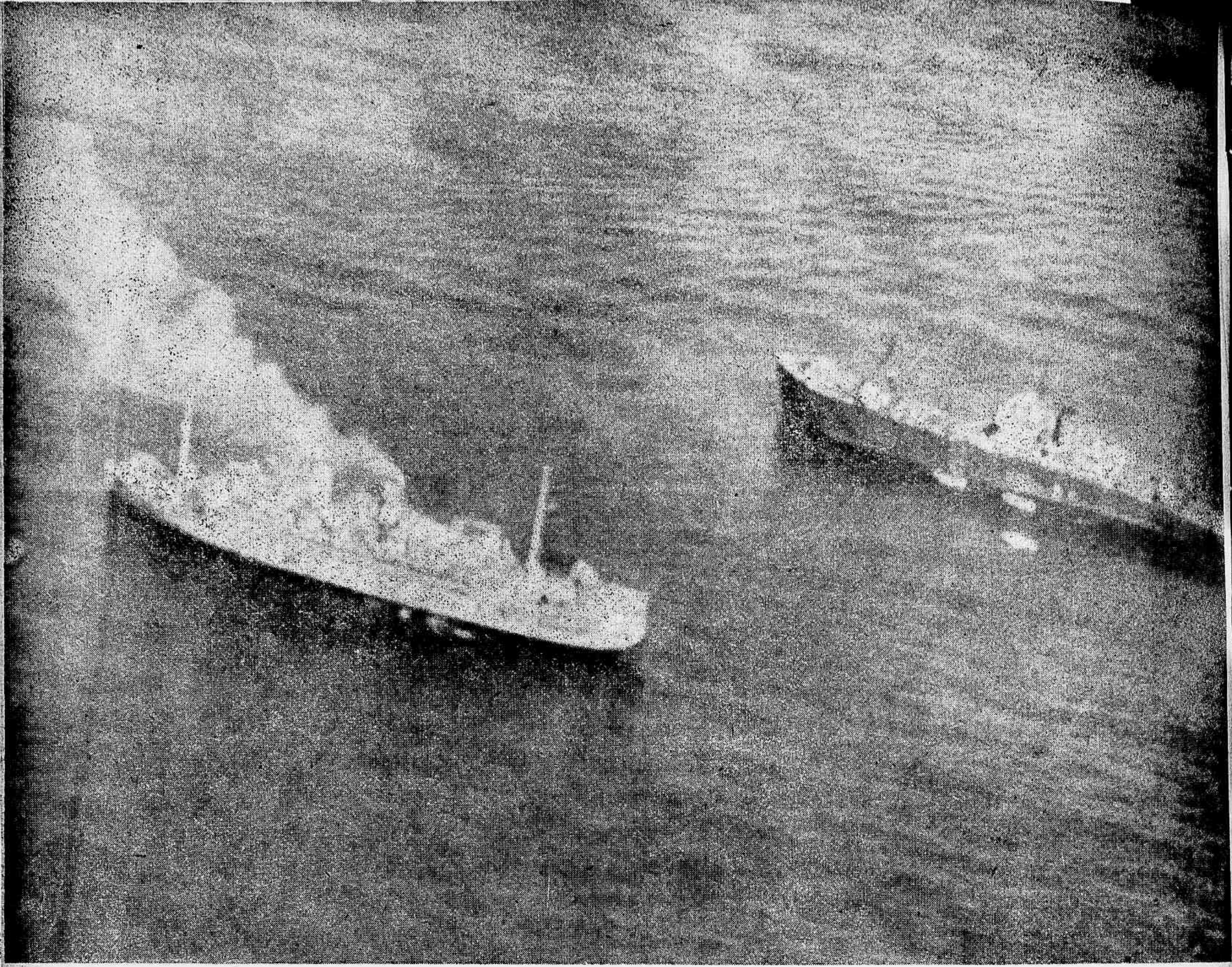
O sinistro tivera início depois da meia-noite, no dia da partida do Rio, quando os passageiros já se encontravam dormindo. O pânico foi indescritível, sendo os passageiros a custo contidos pela tripulação. Inúmeros tentaram jogar-se ao mar, não querendo obedecer às ordens da oficialidade e tripulantes. Por fim, restabelecida a ordem, aguardou-se a chegada dos socorros. Nada menos de dezessete navios de guerra e três mercantes, além de vários aviões, estiveram a serviço do salvamento, ficando três hospitais de prontidão aqui no Rio.

Até serem redigidas estas notas, os comunicados oficiais davam notícia de dezoito mortes, inclusive duas religiosas que se destinavam à Europa, as quais não tiveram tempo de se pôr a salvo, devido à violência das chamas que, cada vez mais ameaçadoramente, se alastravam pelo transporte.

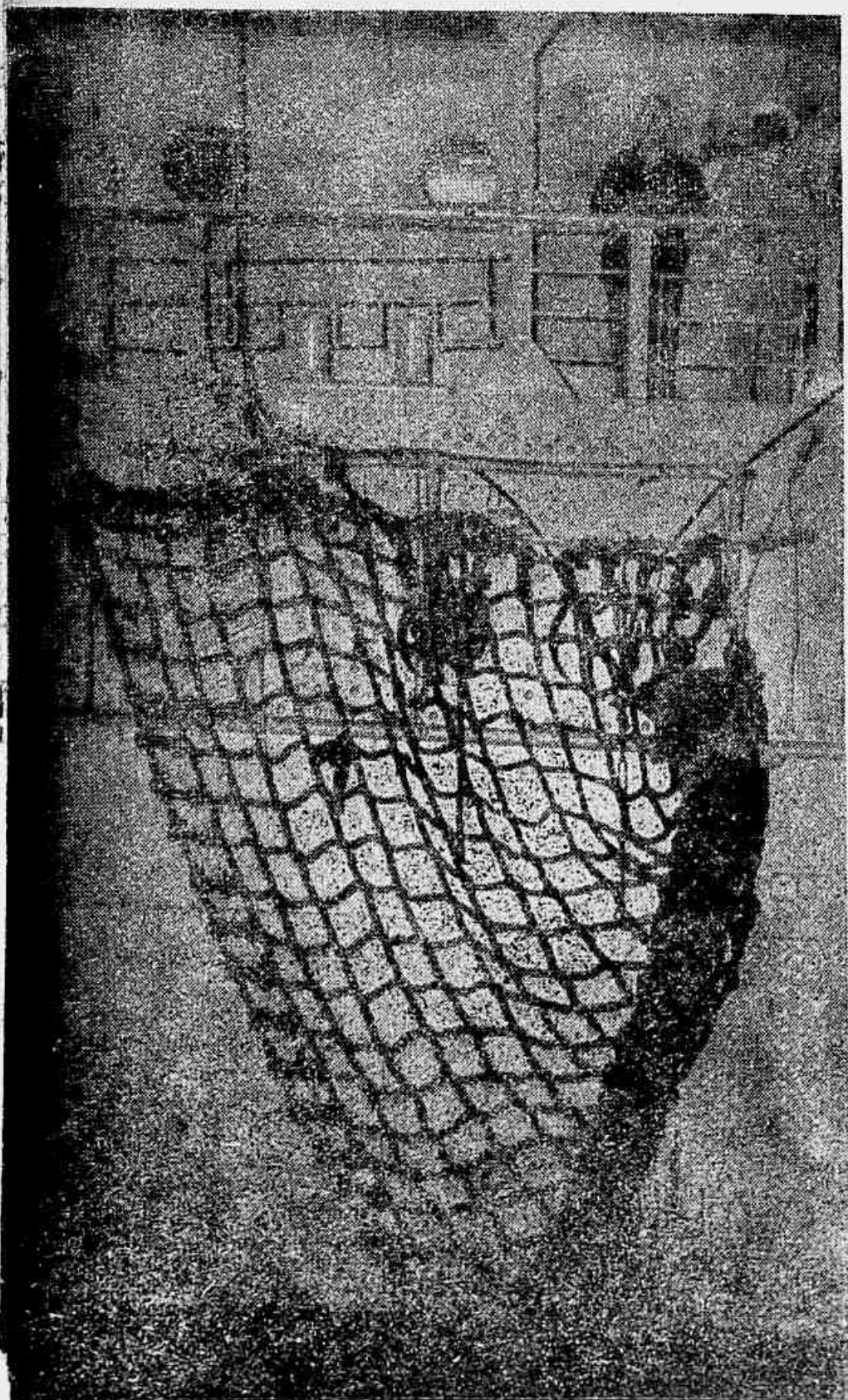
A tripulação do "Duque de Caxias" mereceu os mais calorosos elogios por parte dos passageiros, afirmando que só não se registaram perdas de vida em muito maior número, devido à ação energética e serena dos bravos marítimos.

Por singular coincidência, no dia exato em que se verificou o sinistro — 31 de julho — completava um ano que o "Duque de Caxias" fôra entregue ao Brasil, pelo governo norte-americano. O primeiro nome desse barco

O SINISTRO DO "DUQUE DE CAXIAS"



O "DUQUE DE CAXIAS" VISTO DO ESPAÇO — Momentos após as autoridades locais tomarem conhecimento do sinistro verificado a bordo do transporte "Duque de Caxias", rumavam para os arredores de Cabo Frio varios aviões catalina, da FEB, transportando barcos de borracha, também destinados a auxiliar os trabalhos de salvamento dos "destroyers" e vasos de guerra ali presentes, dando socorro. Este flagrante foi batido pela reportagem, a bordo de um desses aparelhos, e nos foi gentilmente cedido pelos confrades de "A Noite".



foi "Horizaba", sendo o nome atual, uma homenagem da Marinha de Guerra ao Exército Nacional, uma vés que o navio se destinava então ao serviço da Força Expedicionária Brasileira. Na sua primeira viagem sob o pavilhão nacional, trouxe o terceiro escalão da FEB, que desfilou em Lisboa e cuja recepção no Rio tantas recordações nos deixaram. Foi também o "Duque de Caxias" incumbido, mais tarde, de conduzir os cardeais brasileiros. Era um navio construído em 1918, em estaleiros americanos, para utilização mercante. Em 1941, adaptado para transporte de guerra, serviu à Armada norte-americana no Mediterrâneo e no Pacífico.

No entanto, o "Duque de Caxias" não submergiu, sendo combalado para o nosso porto, horas após o sinistro. Aqui foi recolhido aos estaleiros, não se o considerando totalmente perdido, embora grandes fossem as destruições pelo fogo, que mais afetou as instalações da primeira classe.

Os passageiros, salvos do tragico acidente, relataram episódios dantescos. Na zona em que o navio teve suas máquinas paralisadas, são abundantes os tubarões. Assim, enquanto da amurada os passageiros aguardavam os primeiros socorros, podiam presenciar horrorizados os tubarões que, em grande numero, rondavam os destroços afundados ao mar.

Preparado para a guerra, o "Duque de Caxias" dispunha de dois canhões de 57 milímetros, e varias metralhadoras anti-aéreas. Conta ainda — pois não foi perdido de vez — varios aparelhos de escuta e "asas" especiais para cortar cabos de minas submarinas.

Segundo declarações feitas pelo almirante Dodsworth Martins, ministro da Marinha, o incendio teve início na secção de caldeiras e rapidamente atingiu a parte do navio onde estavam os camarotes de primeira classe. O comandante, capitão de fragata Otávio Soares de Freitas, tomou as medidas exigíveis em tais emergencias. A guarnição toda, permaneceu a bordo combatendo as chamas, transferindo os passageiros para outros navios, permanecendo a bordo todo o tempo.

Também ao tomar conhecimento do sinistro, o ministro do Trabalho mandou providenciar para que as instalações

da Hospedaria de Imigrantes na Ilha das Flores, fossem postas á disposição dos naufragos que não têm parentes no Rio. E para lá foram removidos muitas dezenas de passageiros nessas condições.

No local da catastrophe, varios aviões catalina da FAB sobrevoaram, procurando passageiros perdidos no mar. Também varios "destroyers" prestaram socorro, e um destacamento do Corpo de Bombeiros desta capital seguiu para o local do acidente. Mas, quando chegou ao navio, já o fogo havia sido dominado completamente pela tripulação.

Entre as vítimas do "Duque de Caxias", estava o superior da Ordem dos Carmelitas Descalços no Brasil, frei Nazareno da Virgem Dolorosa, que, na vida, civil, se chamava João Vatani. Natural da Itália, contava 62 anos de idade, tendo nascido em Roma a 1.º de março de 1894. Após estudos brilhantes nos ginasios da Cidade Eterna, entrou na Ordem Carmelitana Descalça, e em 1899 foi nomeado superior da Ordem no Brasil, cargo que exerceu até cerca de dois meses passados e na qual teve como substituto frei Alberto Santa Tereza. Finda sua missão entre nós, regressava frei Nazareno á Itália quando se deu o sinistro. Foi trazido para o Rio e recolhido ao Hospital Graefé-Guinle em estado que não fazia pensar no proximo desenlace. Logo na manhã seguinte, entretanto, o piedoso sacerdote vinha a expirar.



Fôram indescritíveis os relatos feitos pelos passageiros salvos do sinistro. Momentos pavorosos se viveram a bordo do "Duque de Caxias", quando, na madrugada fatídica, os mil e tantos habitantes de bordo foram despertados com o alarme do incendio. Pobres senhoras, em desespero incontido, jogavam-se ás águas, nas trevas. Homens e crianças, desapareciam. Casais separavam-se, arrastados pela impetuosidade e pelo pavor, enquanto os barcos salváticos, baixados ao nível das águas, arrastavam para longe os naufragos até que apparecesse socorro de terra. E tantos dias transcorridos dessa ocorrência, ainda não se refaz a sociedade brasileira da emoção porque passou, fazendo mergulhar tantas famílias em luto.

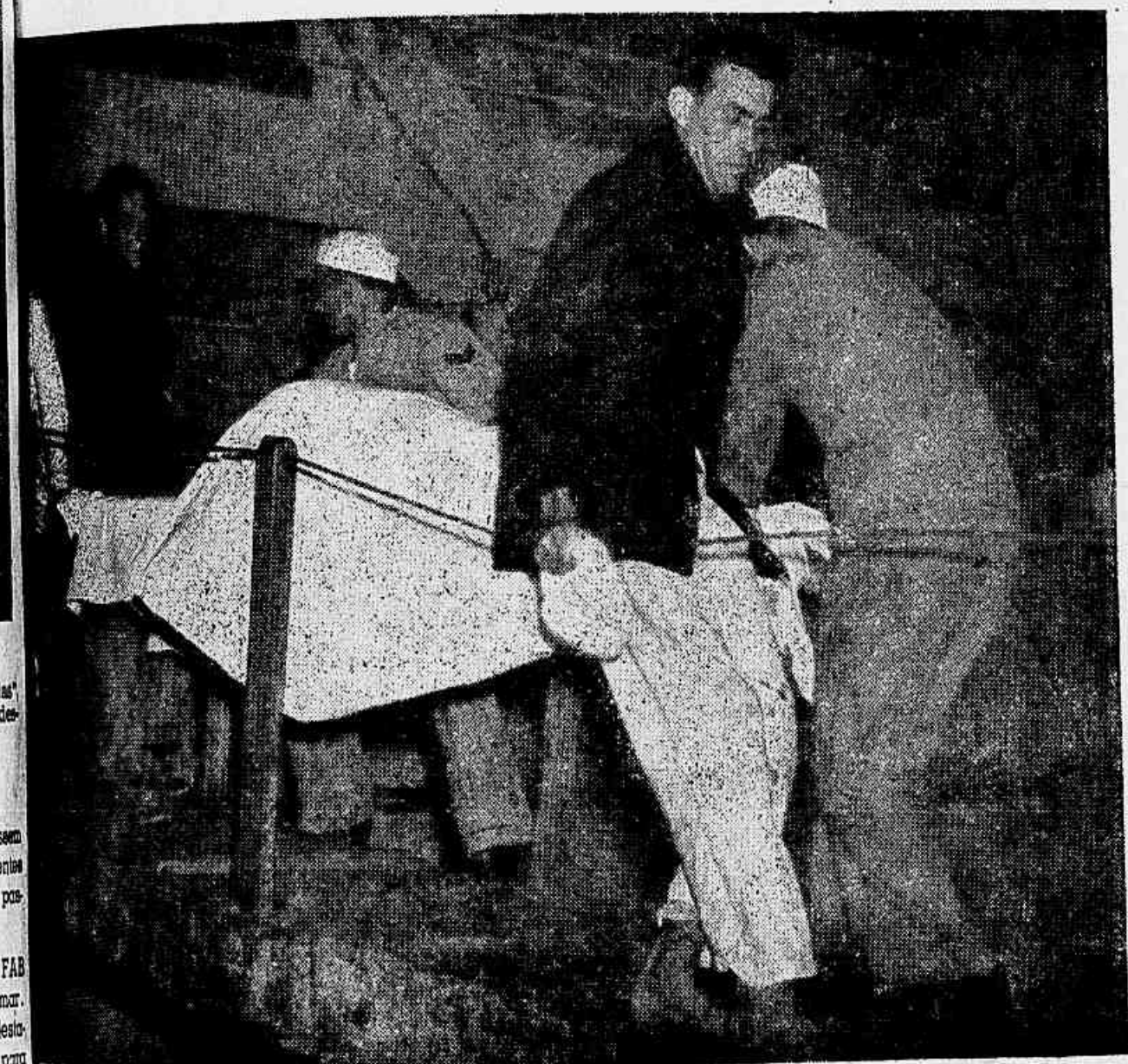
POR ONDE DESCERAM OS PASSAGEIROS — O navio incendiado deu entrada no porto desta capital, vinte e quatro horas após o sinistro, ainda trazendo arriadas as escadas de salvamento, tal como se ve na gravura ao lado. São feitas de malha, com grossos cabos de corda. Por ali desceram velhos, senhoras e crianças, muitos deles feridos e gravemente

O DESEMPENHO
pectos de
uma am

OUTRO
tornan
pelo s



O DESEMBARQUE DOS FERIDOS — Recolhidos as Hospital de Pronto Socorro, e a outros hospitais da cidade, os feridos eram imediatamente medicados. Aqui estão dois aspectos d'esses trabalhos, vendo-se á esquerda, um passageiro gravemente ferido, em consequencia do fogo. E ao lado, o marinheiro Jorge Sanches, também ferido, conduzido para uma ambulancia da Marinha. Grande foi o movimento dos funcionarios do Pronto Socorro e das casas de saúde, providenciando a hospitalização de inumeras pessoas. E ao certo, ninguem sabe o número de mortos.



OUTROS FLAGRANTES — Em cima, á esquerda, desembarque do corpo do sargento Deornes, morto no incendio. A' direita, passageiros cuja viagem á Europa foi malograda, re-tornando assim á capital da República, onde receberão a devolução do dinheiro da passagem. Mas aconteceu que muitos as compraram ao "cambio negro" e agora vão recebê-las pelo seu justo valor... Em baixo, á esquerda, parentes dos passageiros aguardando noticias e o regresso de amigos. A' direita, o capitão de fragata Otavio Soares, comandante do "Duque de Caxias", abraçando a esposa que em companhia da filha o aguardava na ilha das Cobras.



A SEMANA EM REVISTA

O SORRISO DO PRESIDENTE...



A semana passada, um parlamentar fez, da tribuna da Constituinte, revelações verdadeiramente espantosas, embora apenas algumas surpreendentes, a respeito dos vultuosos gastos que se fizeram durante anos, no Brasil, para glorificar um gaúcho ingrato e desleal. Revelou o ilustre representante da Nação que, segundo os dados em seu poder, elementos que ele reputa insuficientes, aduzindo razões bem aceitáveis aliás, o DIP gastou de 1940 até hoje 77 milhões de cruzeiros com a mania de propaganda pessoal que durante esse tempo se apoderou dos homens de governo, desejosos de suprir com clarinadas as imperdoáveis lacunas da administração.

Grande parte dessa importância foi destinada — e isto é particularmente lamentável, à publicação de obras visando aureolar da grandeza que não existia na realidade, um venturoso cidadão que a revolução de 30 levou ao poder na melhor das intenções e que uma vez no poder usou de todos os "trucs" e manobras para nele ficar.

Gastaram-se milhões para que a porta da história se abrisse ante a figura sorridente de um ditador, usando-se o seu sorriso, os seus óculos, o seu cabelo,

a sua barriga para cartazes multicores e tiradas indigestas de má literatura. Inútil... A eleição para a história não se arranja tão facilmente como para uma academia, com jantares, empregos e palmadinhas nas costas.

Não queremos gastar espaço que este comentário é limitado em extensão, mas aí vão algumas obras a que se referiu o deputado: "Perfil do presidente Vargas", "Fisionomia do presidente Vargas", "Sorriso do presidente Vargas", "Os grandes dias do presidente Vargas", "Imagens populares do presidente Vargas", e assim por diante. Haverá alguma coisa mais vergonhosa do que esse engrossamento, num país já crescido, já na maturidade, com quatro séculos e meio de vida?

E os nomes dos intelectuais que se alimentaram nessa generosa "vaca leiteira"? Lendo-os a gente vai tendo uma série de decepções acabrunhantes ao ver que entre figuras que hoje se jactam de irredutíveis ante o preço que a ditadura oferecia pela sua dignidade de escritor, figuram autênticos colaboradores da maior campanha de mistificação que já se fez no Brasil.

Quando o leitor encontrar um sujeito contando muitas bravatas em torno da sua inteireza moral como profissional da pena, procure ver nos matutinos do dia 3 de agosto de 46 se ele figura na lista da "crêche" do DIP. Se encontrar o seu nome, pergunte-lhe:

— Então, amigo, como vai o "Sorriso do presidente"?...

"VIVA IL BACIO!"



A Itália se regenera ao calor dos sentimentos democráticos dos seus filhos mais queridos que a governam atualmente. Deixou de ser a negregada Itália de Mussolini, do goebeliano Virginio Gayda, do odiado Conde e da espalhafatosa Condessa Ciano, de toda a grei desgraçada do fascismo que tanto mal fez à grande pátria de Verdi e de D'Anunzio. Passou a ser a Itália de Pietro Nenni, dos bravos partisans que derramaram seu sangue pela libertação, a Itália de Toscanini que se negou a erguer a sua batuta sob um regime fascista, passou a figurar ao lado das nações democráticas, enfim.

E isso está valendo um movimento de renovação em todos os setores de atividades, em todos os campos de ação nos quais o fascismo deixou a marca da pata, o arranhão das garras, a exaustão do regime aviltante.

Os cavalos espetaculares, os famosos cavalos da arquitetura fasciforme, certo darão lugar a linhas arquitetônicas inspiradas em motivos mais humanos e menos agressivos e brutais, como na literatura e nas artes reaparecerão as vozes reprimidas durante os anos de opressão e de falsificação do pensamento, lá como aqui,

através da sub-literatura encomendada e financiada pelos órgãos oficiais de propaganda. O sopro de revivescência dos costumes democráticos, das atitudes isentas da censura atingirá certamente os hábitos mais simples e mais ingênuos que a tudo o fascismo ofendeu e degradou.

O fascismo era a política do contra aplicada às liberdades do homem. Proibiu o beijo na via pública. Não lhe interessava essa manifestação tão significativa de afeto entre dois seres, talvez porque ela traduzisse um impulso bem forte do coração. E no fascismo não há lugar para as intensas manifestações afetivas. Ele se envergonha, ele é somente opressão, restrição aos direitos, cerceamento de liberdade, degradação.

Agora, reentrando no regime democrático ou melhor dizendo, inaugurando a sua primeira república, pois a Itália não é a continuação das tradições de Roma antiga, o povo italiano reconquistou entre as suas liberdades suprimidas, a de se beijar na via pública.

Ora viva a república nascente da querida península! Beatriz, Julieta e Francesca de Rimini não se envergonharão mais da Itália. Podem beijar-se, apaixonados amantes de Veneza. E beijem-se como autênticos representantes da raça latina, sem meas medidas. Beijem-se para recuperar o tempo perdido...

"AGARRE O SEU HOMEM"



Um telegrama vindo de Londres traz-nos a notícia de que as autoridades britânicas deliberaram não permitir a saída do país de homens casados que não tenham para isso autorização expressa das respectivas esposas. Isto sob a alegação de que os soldados que combateram no continente ou em outras partes do mundo tiveram oportunidade de conhecer outras mulheres a quem poderão estar ligados por laços de afeição, pondo em perigo a estabilidade do seu lar. Uma viagem ao estrangeiro sob qualquer pretexto pode significar o abandono da família.

Eis uma providência que indica o alto grau a que chegaram as reivindicações femininas nas Ilhas Britânicas, conquistas que valem como o preço de sua ativa participação na guerra, tanto na frente interna como nas linhas de frente, ombreando com os homens nas mais duras tarefas. Os bravos "tommies", todavia, nem de longe suspeitavam que tão preciosa ajuda das suas companheiras lhes viesse a custar o malogro de aventuras sentimentais combinadas sob o fragor das batalhas, ou numas férias passadas

em Paris, ou numa tenda de Casablanca ou ainda com uma representante da desmornada nobreza italiana, como sucedeu ao nosso amigo que registrou as suas aventuras num livro de contos: "De Nápoles a Pa.is".

Sim, as mulheres inglesas lavraram um tento se essa providência foi determinada em virtude de sua interferência junto às autoridades. Mas se se tratava de um presente dado, de mão beijada, pelo governo de Sua Majestade, o bravo das Ardenas, das praias do Havre ou da retirada de Dunquerque ha de conjecturar se ele lutou pela liberdade, se ele se sacrificou por essa suprema conquista do homem, como é que lhe fazem, agora, essa ingratidão de sonegar o direito a uma aventurasinha em Montparnasse ou um passeio "inocente" com uma destemida parisiã que deixou em Milão, com o compromisso tácito de voltar um dia?

Não, isto não está direito. Os "tommies" precisam lutar pela reconquista de um direito que perderam justamente numa guerra de libertação. Ademais, Cerceando-lhes o direito de viajar fora da Inglaterra, as autoridades não resolverão o problema de garantia da fidelidade conjugal. E' o mesmo que se faz no Brasil, de pretender assegurar a indissolubilidade da família por meio do divórcio. Se a "mrs." não lhe agrada John Bull procurará outra solução, mesmo dentro das Ilhas...

Eis o caso de uma autêntica vitória "para inglês ver"...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII Nº. 32 :=: 10-8-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

SUMARIO

REPORTAGENS

O sinistro do "Duque de Caxias"	3/6
Malba Tahan versus Melo e Sousa	8/14
A REVISTA em Hollywood (Louis Serrano)	24/26
Figuras e Fatos	39
O Centenário da Princesa Izabel	46/47

LITERATURA

O Penteado da Estela (Gerald Mygatt)	15
Caracas em 1852 (Escragnolle Doria)	18
O goal-keeper assassinado (Jean Amsler)	23
O Chapéu (R. de Vieira)	34
Livros Novos (João Luso)	35

CURIOSIDADES

Uma exposição original	36/37
O "ballet" soviético	40/41
As coleções de arte da Escócia	43

SECÇÕES

Teatro	42
--------------	----

HUMORISMO

De Bom Humor	38
O pão bolorento (Raul)	54

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Novos modelos de Hollywood	28/29
Chapéus para meia-estação	30/31
Para a intimidade	32
Elegantes	33

EXTRA

"Uma mulher livre"	19/22
--------------------------	-------

NOSSA CAPA

Mria Della Costa é a jovem artista gaucha recém-vinda de Lisboa, onde foi realizar um curso de arte dramática. Apareceu como "show-girl" em um de nossos casinos, depois de ter iniciado a carreira de modelo. Trabalhou com Bibi Ferreira em "A Moreninha". Regressará em novembro a Portugal, onde vai permanecer ainda por dois anos, para completar seu curso, enquanto também participará de um filme de Jorge Brum do Canto. Antes de regressar ao Brasil, pretende estender a viagem a outros países do Velho Mundo. É a detentora da frase que tanto se popularizou e tão glosada foi no Rio e em Lisboa: "Estou cansada de ser bonita", embora o verdadeiro autor dessa frase seja o reporter Joel Silveira.



Comer Muito! Beber Demais!



Tôdas as vezes que praticar alguma imprudência ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licores ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convem muito tomar à noite, quando fôr dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar esses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrêtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem.

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca:

Ventre-Livre não é purgante

Os grandes concursos literários da "Revista"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados à 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, esses originais não devem ir além de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (doze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR \$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.



De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessoas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuídas entre esses srs.: Daniel Rocha (Club Ginástico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.) Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Críticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR \$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginástico Português.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

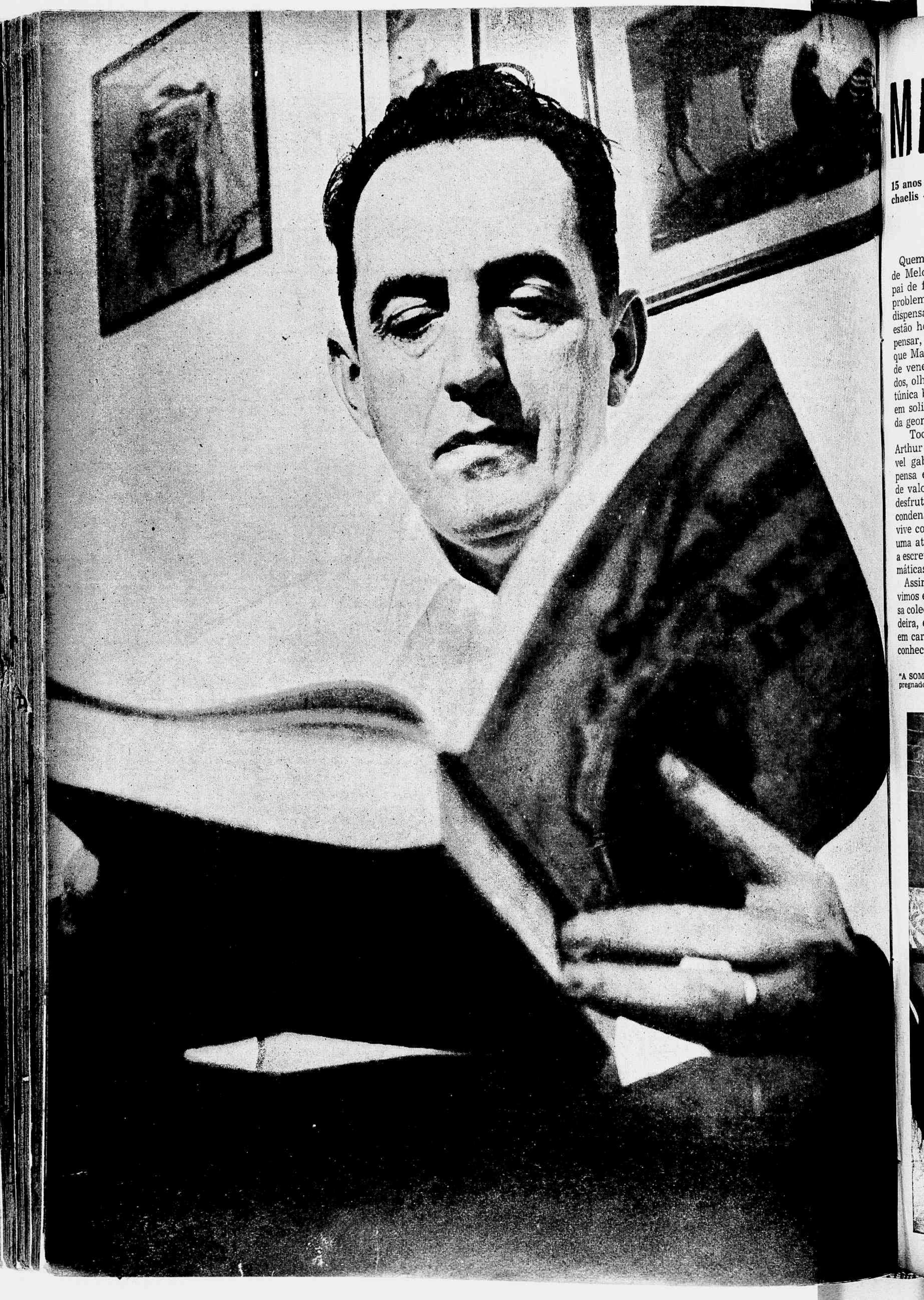
Joalheria

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES



15 anos
chaelis

Quem
de Melo
pai de f
problem
dispensa
estão h
pensar,
que Ma
de vene
dos, olh
túnica
em soli
da geor

Toc
Arthur
vel gab
pensa e
de valo
desfrut
conden
vive co
uma at
a escre
máticas

Assin
vimos e
sa cole
deira,
em car
conhec

"A SOM
pregnada

MALBA TAHAN VERSUS MELO E SOUSA

15 anos de mistificação literária — O vendedor de ódios e esperanças — 60 centávicos por um trabalho que citasse o nome de Carolina Michaelis — Outras mistificações lembradas pelo escritor — Uma história inédita — A sineta do almoço interrompe uma entrevista — Autêntico pão de trigo num almoço rotário

Reportagem de Adhemar Nóbrega

Quem não conhece o professor Julio Cesar de Melo e Sousa, professor de Matemática, pai de família, sofrendo como tal os mesmos problemas decorrentes do abastecimento da dispensa doméstica (só mesmo os potentados estão hoje acima dessas dificuldades), há de pensar, como nós pensávamos em criança, que Malba Tahan é um velho sábio oriental, de veneráveis barbas brancas, gestos pausados, olhar sereno e penetrante, vestido numa túnica branca e de turbante à cabeça, perdido em soliloquios com os enigmas da álgebra e da geometria.

Todavia, quem entra na casa 43 da rua Arthur Araripe vai encontrar num confortável gabinete é um autêntico ocidental que pensa e age e vive segundo o nosso critério de valores, verdadeiro burguês bem tratado, desfrutando as mesmas alegrias, sofrendo e condenando os mesmos erros. O oriental que vive como autor dos seus livros não passa de uma atitude que ele adotou quando começou a escrever, sob a sugestão do estudo das matemáticas de que os árabes se tornaram mestres.

Assim, em vez de alfanges e cimitarras, vimos espalhadas por toda parte uma numerosa coleção de sapos — sapos em louça, em madeira, em jade, em bronze — só não há sapos em carne e osso mas destes, em verdade, não conhecemos nenhum colecionador.

O VENDEDOR DE ÓDIOS E ESPERANÇAS

Antes de procurarmos saber como o homem enveredara pelo gênero literário que o tornou conhecido em todo o Brasil, fomos atrás da origem do seu pendor literário. E demos, como acontece em tantos outros casos, com o talento de um estudante pobre.

Mas vamos logo advertindo o leitor de que "o vendedor de ódios e esperanças" não significa nenhum qualificativo para um pregador da guerra nme para um sacerdote do otimismo. Que fale Malba Tahan para esclarecer o caso.

— Em 1908 eu era aluno do internato Pedro II, que contava, no corpo docente, com o professor José Júlio da Silva Ramos. Ele mandava que os alunos fizessem composições, de preferência sobre assuntos abstratos, — a Virtude, o Ódio, a Injustiça, a Esperança — em vez dos habituais temas de passeios pic-nics, festas e cartas entre amigos, como é comum entre os professores de portugueses.

Ora, acontece que para um estudante de 11 anos, uma redação sobre assuntos tão vagos e imprecisos representava uma dificuldade e os meus colegas não escondiam o seu desapontamento.

De uma feita, fiz uma redação sobre a Esperança e não gostei. Fiz outra, deixando a

primeira em cima da mesa. Um colega foi à minha casa e encontrou o trabalho abandonado, pedindo-me para apresentá-lo como seu, já que eu não o queria.

— E ele tirou grau dez...

— Não me interessei por saber. Apenas tomei conhecimento da sua gratidão, traduzida num presente que dele recebi: uma pena nova e um selo do Chile.

Ora, eu vivia em condições extremamente difíceis, como estudante pobre que era. Estudando no Internato, no Campo de São Cristóvão, depois das aulas ia a pé até a estação de São Francisco, onde tomava o bonde (pagava um tostão) para chegar em casa, em Riachuelo. Levava uma vida de restrições, contando os tostões e os vintens. Talvez por isso mesmo, em face do sucesso da minha "Esperança", eu fui levado a fazer o raciocínio: se eu posso trocar uma redação por uma pena e um selo, certamente ela me poderá render também alguns cobres.

Data dessa época o meu "début" no profissionalismo literário. Desde esse dia, comecei a vender redações aos colegas. E como os temas desses trabalhos, eram aqueles de que já falei, eu era um autêntico produtor e vendedor de virtudes, ódios, injustiças, crimes e outros ornamentos do espírito humano.

— E o comércio rendia bastante?

"A SOMBRA DO ARCO-IREZ" — O título dessa obra bem poderia ser o da reportagem com Malba Tahan, tal a predileção que ele manifesta pelo livro cujo conteúdo está impregnado daquele orientalismo tão característico dos seus trabalhos. Ao lado, Malba Tahan lendo para o repórter uma página de "A sombra do arco-iris", em baixo, fazendo uma conferência numa escola argentina, ao que parece sobre hidrografia e geografia política do Brasil.





DEIXAR VIR A MIM AS CRIANCINHAS — Assim disse Jesus Cristo, assim também poderio dizer o professor Júlio Cesar de Melo e Sousa. Grande parte de sua vida intelectual consistia na realização de conferência e palestras, de preferência sobre aspectos curiosos e divertidos da matemática, de que ele é um pesquisador infatigável. Na foto acima, o professor Melo e Sousa aparece no meio das crianças de uma escola pública de Bagé.

— Um sucesso. A cotação dos produtos variava de 200 a 400 reis, chegando excepcionalmente até 600, nos casos em que eu citava Carolina Michaelis. Passei a andar menos a pé, dando-me ao luxo de pagar bonde para os colegas.

— Mas a que se devia o preço de exceção para os trabalhos que citavam aquela escritora?

— E' que o professor Silva Ramos frequentemente falava no nome dela, invocava o seu testemunho sobre assuntos linguísticos e sem-

pre o fazia com respeito. Entretanto, talvez graças à malícia própria da nossa idade, pensávamos que Carolina Michaelis fosse uma dona qualquer, moradora nas imediações do colégio e a quem o professor dedicasse interesse extra-professoral... Bem, você entende o que é que nós pensávamos.

O PROFESSOR COMEÇOU CEDO

Quando saí do Internato, entrei para a Escola Politécnica e comecei a trabalhar na Biblioteca Nacional, onde tinha oportunidade de um permanente contacto com os livros.

Não demorei muito, todavia. Pouco tempo depois passei a lecionar no Pedro II, entrando cedo para a carreira a que tenho me mantido fiel, paralelamente às minhas atividades como escritor.

MELO E SOUSA TRANSFORMA-SE EM MALBA TAHAN

— E a identificação que se percebe, nos seus livros, com os assuntos, o ambiente e a psicologia dos orientais, particularmente dos árabes?

— Como já disse, a matemática me levou desde muito cedo a considerar com simpatia a civilização do próximo oriente onde ela teve grande florescimento. Depois, dediquei-me mais fundamente ao assunto, estudando o Islam durante 5 anos. Com o professor Jean Achar estudei árabe, aperfeiçoando-me nos conhecimentos sobre a língua e costumes com o professor Ragi Basili, grande erudito.

— E quanto ao pseudônimo?

— Malba é o nome dado ao lugar em que se abrigam as ovelhas para ordenha, confor-

me aliás explica o professor Suleiman Sáfady no prefácio de um opúsculo sobre a minha obra. A melhor tradução em nossa língua é aprisco. Tahan, que em árabe se pronuncia com o h aspirado, quer dizer moleiro. Entretanto, escolhi o meu Tahan do nome de uma aluna que tive na Escola Normal: Maria Zachsuk Tahan.

15 ANOS DE MISTIFICAÇÃO

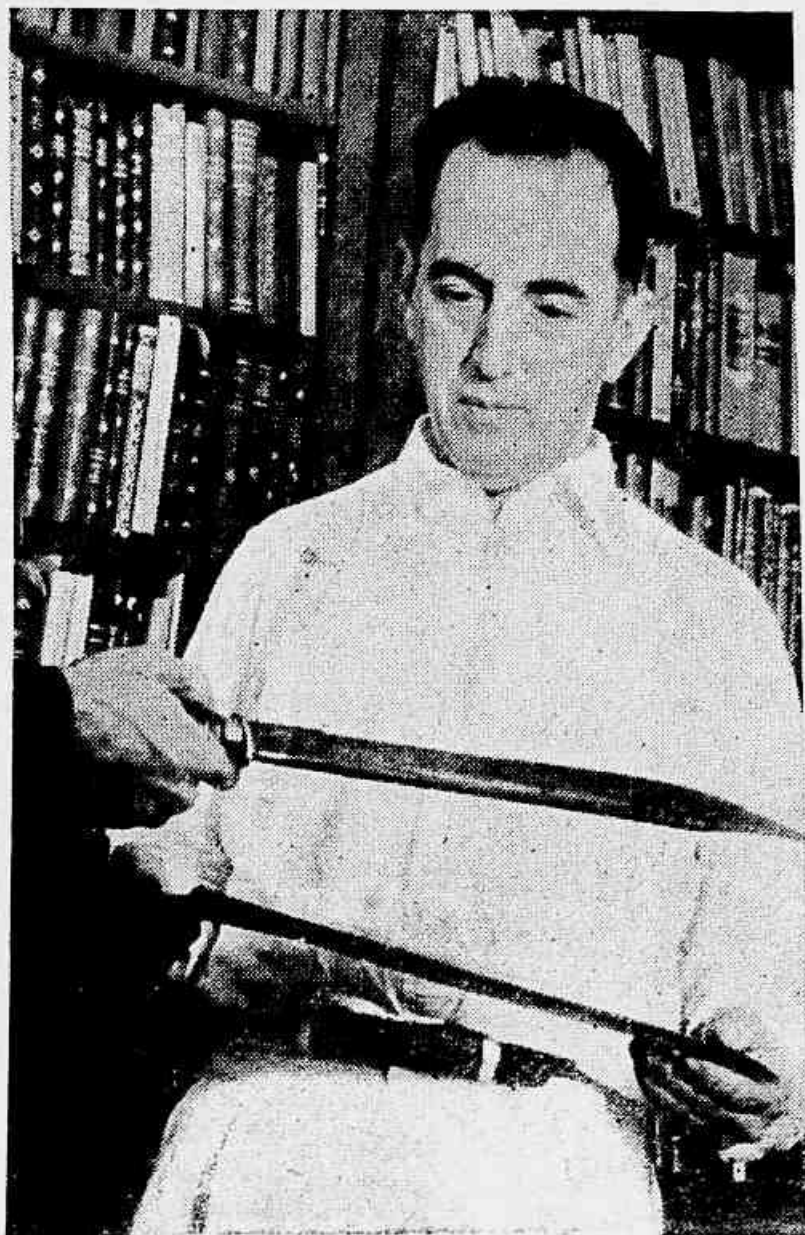
Durante 15 anos conservei o pseudônimo sem que ninguém suspeitasse que o pacato professor Melo e Sousa era o autor das histórias orientais de que estão cheios os meus livros. Isso, até que Humberto de Campos descobriu a mistificação. Continuarei entretanto o usá-lo.

E o professor Melo e Souza passa a falar de outras mistificações literárias que se tornaram famosas em todo o mundo, originando equívocos entre grandes eruditos.

— E' o caso, por exemplo, dos *Cantos de Ossian*. Houve em todos os meios literários e particularmente na Inglaterra um verdadeiro movimento em torno de Ossian. Apareceu uma numerosa bibliografia sobre o assunto e muitos eruditos se dedicaram ao ossianismo, tal o interesse que despertou a nova corrente de poesia, empregando expressões rudes, esquisitas, da Escócia para traduzir grandes momentos de beleza e emoção artística. No entanto, Ossian nunca existiu senão na pele do poeta inglês Mac Pherson, autor do "bloef" espetacular.

Diante disso, o reporter vai fazendo uma revisão nos seus parcos conhecimentos de literatura que incluíam Ossian como um cidadão que tivesse existido.

— E o teatro de Clara Gazou? — continua



O "CACHET" DE UM CONFERENCISTA — Ainda uma vez o conferencista. Certa vez, Melo e Sousa foi a Pirassununga, onde realizou uma conferência a convite do comandante do Regimento de Infantaria. Ao terminar, perguntaram-lhe quanto custava o seu trabalho mas o professor nada quis receber. Deram-lhe de presente este pesado sabre. Foi o "cachet" do conferencista.

BRINCA
as barba

o entre
ropa c
teresso
do que
Aqu
polgac
como
lhas d
quem
Gonça
trar q
rente
A e
tifica



BRINCANDO COM "PAMIM" — Ainda há quem pense que Malba Tahan é um velho sábio oriental, criador e narrador de lendas, de gestos pausados e olhar sereno e penetrante. Mas as barbas veneráveis pendendo sobre a túnica branca. Pois Malba Tahan é o professor Melo e Sousa, pai de família burguês bem tratado, sofrendo e gosando as mesmas penas e prazeres que nós outros. Nesta foto, ele aparece no quintal de sua residência, brincando com "Pamim", o estimado Lulu que não é de briga mas é de circo...

o entrevistado. Clara Gazou apareceu na Europa como teatróloga, suscitando enorme interesse. Pudera! Era nem mais nem menos do que Merimé, Prosper Merimé.

Aqui no Brasil, — prossegue o escritor empolgado pela lembrança das mistificações como a dele, durante muito tempo as Sextilhas de Frei Antão jamais deram a entender a quem as leu que se tratava de uma obra de Gonçalves Dias que as compôs para demonstrar que era capaz de escrever em estilo diferente do seu indianismo.

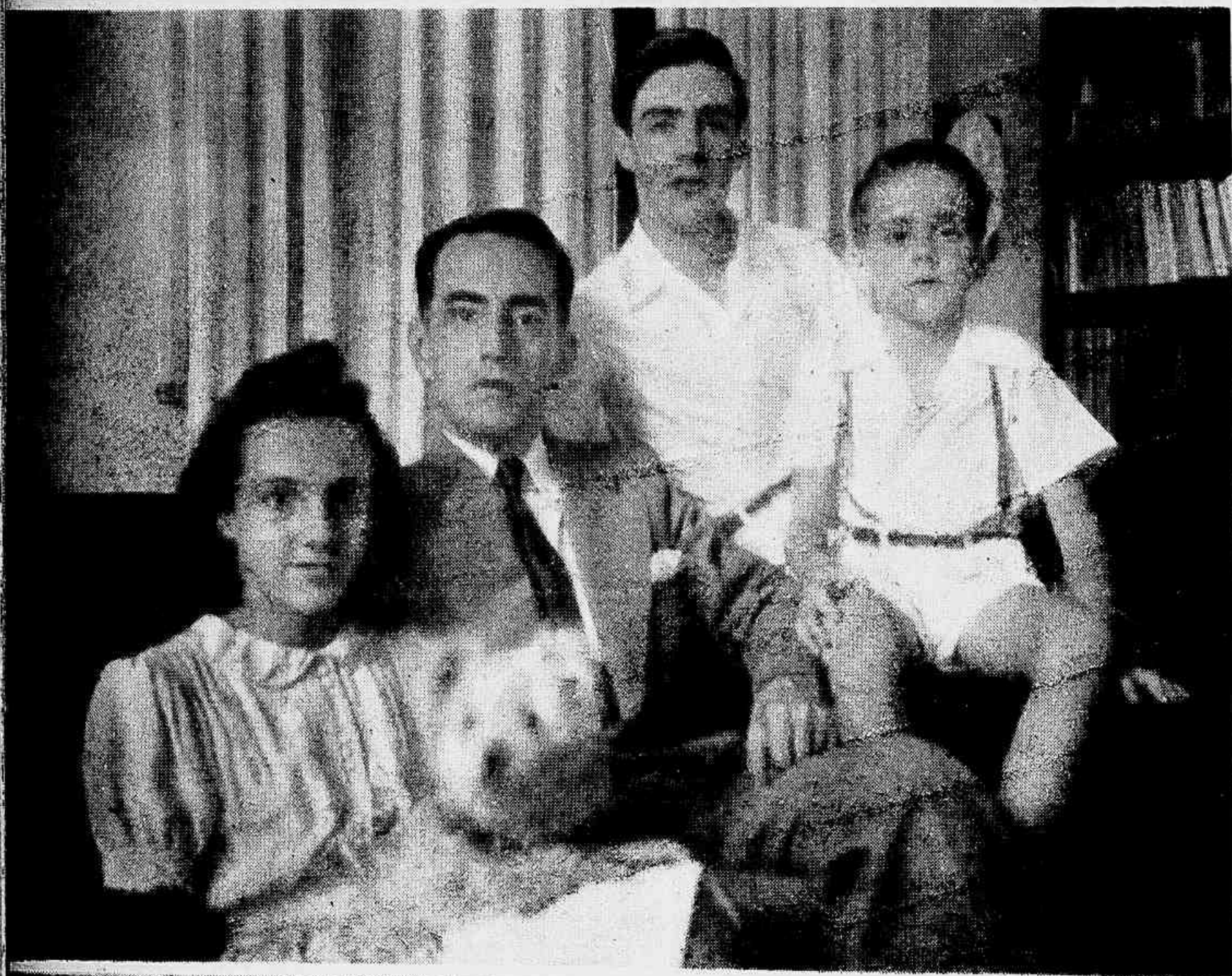
A essa altura o reporter se lembra da mistificação não menos ousada e tão sensacio-

nal quanto as que mais o sejam, em que se empenhou o grande violinista Fritz Kreisler, apresentando em todo o mundo, com o prestígio do seu nome, composições que havia descoberto em meio a velhos papeis, na Espanha. Eram obras de violinistas do século XVIII, ainda inéditas e que despertaram, entre os musicólogos, um interesse fora do comum. No entanto, soube-se depois, graças ao mesmo Kreisler (se não nos enganamos) que as árias, gavotas, bourrées e outras danças que ele tocava para assistências cultas atribuindo-as a compositores falecidos a cerca de duzentos anos eram dele mesmo.

A REPERCUSSÃO DO PSEUDÔNIMO

O professor Melo e Sousa está satisfeito com o seu Malba Tahan. O nome já tem uma repercussão bem apreciável.

— Muitas crianças têm sido batizadas com o nome de Malba, em alguns casos eu recebendo a afetiva comunicação. A até mesmo acidentes geográficos. No município de São Domingos, no Alto Rio Doce, existe uma lagoa a que o proprietário deu o nome de Malba, leitor assíduo que era das histórias dos Nagib, dos Beremis, dos Ben-Nadim e outros personagens dos meus livros.



Muitas dessas pessoas, certamente, desconhecem que o seu querido contador de histórias é o homem simples e pacato que nós temos à nossa frente, bem vestido à ocidental, fumando cigarros tipo americano em vez do complicado "narguillé", sapatos comuns a todos nós, em vez de sandálias, fazendo "blagues" dentro do nosso modo de pensar, desfrutando a vida como um "bon-vivant" malgrado a falta de café, de fósforos, de leite, de tudo.

Achamos que o professor Melo e Sousa devia fazer todo o possível para conservar, o mais possível, a mistificação em torno do nome do autor dos seus livros. Por mais simpatia que êle desperte como professor, por mais nobres que sejam as suas qualidades morais como Júlio Cesar de Melo e Sousa e por mais sonoro e robusto que seja êste nome, seria preferível a gente continuar alimentando a ilusão de que ao ler os contos de "Lendas do céu e da Terra" estávamos conversando com um velho sábio, vendo o seu sorriso sereno e tranquilo, sentindo o brilho do seu olhar perscrutador, verdadeira janela aberta para o conhecimento do mundo e dos homens. Aliás, somos contra todas as "descobertas" dessa natureza. Tais mistificações fazem muito menos mal à humanidade que outras tantas realidades nuas e cruas como o aumento do custo de vida, o desaparecimento do leite e da farinha de trigo, o "avança" do cambio negro e outras mais que não têm nada de maravilhoso, senão para os bolsos dos especuladores.

A BIOGRAFIA DE MALBA TAHAN

Assim, fizemos um esforço para continuar a palestra com Melo e Sousa, fazendo de conta que estávamos face a face com Malba Tahan — "Ali Yezzed Izz Eddin Ibn, conhecido como Salin Malba Tahan, famoso escritor árabe, descendente de uma família muçulmana e que nasceu no dia 6 de maio de 1885 na aldeia de Muzalit, nas proximidades da cidade de Meca." Tal como reza o começo da sua biografia. E querem saber mais? Eis o sonho do artista condensado nessa pequena nota biográfica:

"Fez os seus primeiros estudos no Cairo, mais tarde, transportou-se para Constantinopla, onde concluiu oficialmente o seu curso de ciências sociais. Data dessa época os seus primeiros trabalhos literários que foram publicados em idioma turco, em diversos jornais e revistas.

A convite do seu amigo, o Emir Abb el Azziz ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de quaimaquam (prefeito) na cidade de El Medina, tendo desempenhado as suas funções administrativas com rara inteligência e habilidade. Conseguiu, mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos e as autoridades locais; e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada proteção aos estrangeiros ilustres que visitam os lugares sagrados do Islam.

Pela morte do seu pai, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou, então, o cargo que exercia em El Medina e iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo. Atravessou a China, o Japão, a Rússia, grande parte da Índia e Europa, observando os costumes e estudando as tradições dos diferentes povos.

Entre as suas obras mais notáveis, citam-se as seguintes: Roba-el-Khali, Al-Samir, Sama-Ullah, Maktub, Lendas do deserto, Mártires da Armênia e muitas outras.

TRES ASPECTOS DE UMA ENTREVISTA — Ao alto, o escritor fala ao reporter, tendo diante de si a Bíblia, o Talmud e o Alcorão, obras fundamentais de três religiões: Catolicismo, Moiseísmo e Islamismo. Ao centro, em companhia dos seus filhos e do caçulinho "Pamim" corruptela de "pra mim" quando o filho mais jovem estava aprendendo a falar. Em baixo, uma indiscreção de Vieira, por onde se vê que o exemplo do seu colega Manzon está sendo bem seguido. Os três aspectos são da sala de visitas.

COM OS
aos menos

Foi fe
proxim
liberda
Central
Aí es
dor de
do dest
é verda
achado
cas his

MALB

— Q
pelo m
de mat
lance,
ções s
mortal
dias d
— S
amiza
onde
exerci
geome
— E
de um
as sua
contra
— F
protej
ihosas
tar-lh
extrac
Cer
da, es
levar
va, pa
sentei

UM EX
— A m
não de
grante

esco-
nistó-
os te-
ental,
ez do
a to-
"bla-
esfru-
grado
tudo.
sa de-
var, o
no do
s sim-
r, por
es mo-
e por
nome,
entan-
endas
sando
so se-
o seu
uberta
mens.
ertas"
n mui-
s tan-
mento
o leite
ambio
da de
espe-

AN

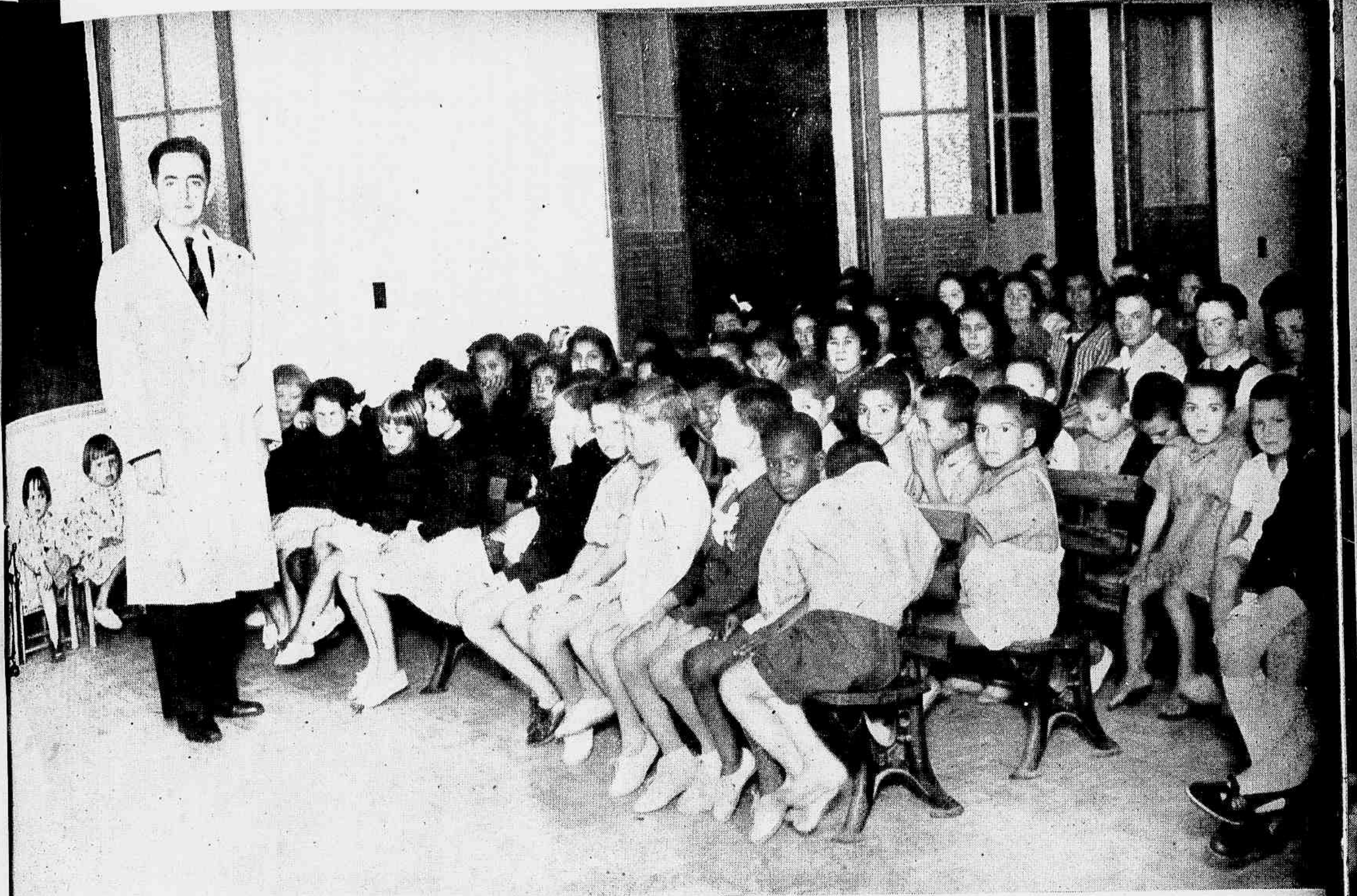
continuar
de con-
ba Ta-
hechido
escritor
culma-
1885 na
a cida-
da sua
sonho
ota bio-

Cairo,
antino-
u curso
os seus
n publi-
ornais e

Abb el
man, du-
naquam
ndo de-
trativas
Conse-
nciden-
s locais;
e desin-
ilustres
lam.
recebeu
abando-
Medina
e várias
a, o Ja-
Europa,
as tra-

citam-se
r, Sama-
Mártires

Ao alto, o
a Bíblia, o
s religiões;
em com-
corruptela
ava apren-
Vieira, por
anazon está
de visitas.



COM OS FILHOS DOS HANSENIANOS — Além das atividades decorrentes do magistério e da sua condição de escritor, Malba Tahan se dedica também ao problema de assistência aos menores, particularmente aos hansenianos, aos quais está ligado por laços da mais louvável solidariedade. O professor vai até eles e os distrai com a sua palavra fácil e sua imaginação fértil. Na foto, aparece falando a um auditório de filhos de hansenianos.

Foi ferido em combate (julho de 1921) nas proximidades de El Riad quando lutava pela liberdade de uma pequena tribo da Arábia Central."

Aí está o homem com quem falamos, o criador de tantas histórias famosas como "O livro do destino", de sofismas como o da lenda "Não é verdade... nem mentira" e tantos outros achados engenhosos que passam por autênticas histórias do Oriente.

MALBA TAHAN CONTA UMA HISTÓRIA INÉDITA

— Querido mestre. Nas suas peregrinações pelo mundo afora deveis ter conhecido o grande matemático Houdini, capaz de fazer, de um lance, cálculos fantásticos envolvendo operações sobre operações que para um simples mortal como nós significariam horas, talvez dias de estudo acurado. Não é verdade?

— Sim. Conheci Houdini. Privei de sua amizade e juntos nos divertimos, na aldeia onde ele morava, nos arredores de Calcutá exercitando-nos em problemas de álgebra e geometria.

— E' certo que Houdini pode dizer à vista de um número de quatro ou cinco algarismos, as suas propriedades, as mais difíceis de encontrar?

— Houdini é um grande sábio. Que Allah o proteja. Mas não sei dessas virtudes maravilhosas do seu saber. Entretanto, posso adiantar-lhe que às vezes nos acontecem cousas extraordinárias.

Certa vez, por exemplo, eu estava em Bagda, esperando uma caravana que me devia levar ao porto de Bassora. Enquanto esperava, para esquecer o calor sufocante que fazia, sentei-me para escrever, mesmo antes de pen-

sar no assunto. Apenas imaginei começar assim:

"O poeta Mozzli passeava um dia pelas ruas de Bagdad quando alguém lhe atirou um vaso, do alto de uma janela.

— E depois destas palavras, sem um minuto de hesitação, continuei:

Era um rico vaso feito por um antigo oleiro veneziano, com lindas decorações em ouro e azul, entre elas uma legenda em letras douradas que dizia assim: "Aquilo que se conquista com a violência só se mantém com a doçura".

Aconteceu que o precioso vaso, chocando-se contra o solo, quebrou-se em mil pedaços. Um dos fragmentos feriu o poeta Mozzli no rosto.

Era precisamente o fragmento que trazia escrita a palavra **doçura** da sentença que o oleiro escrevera.

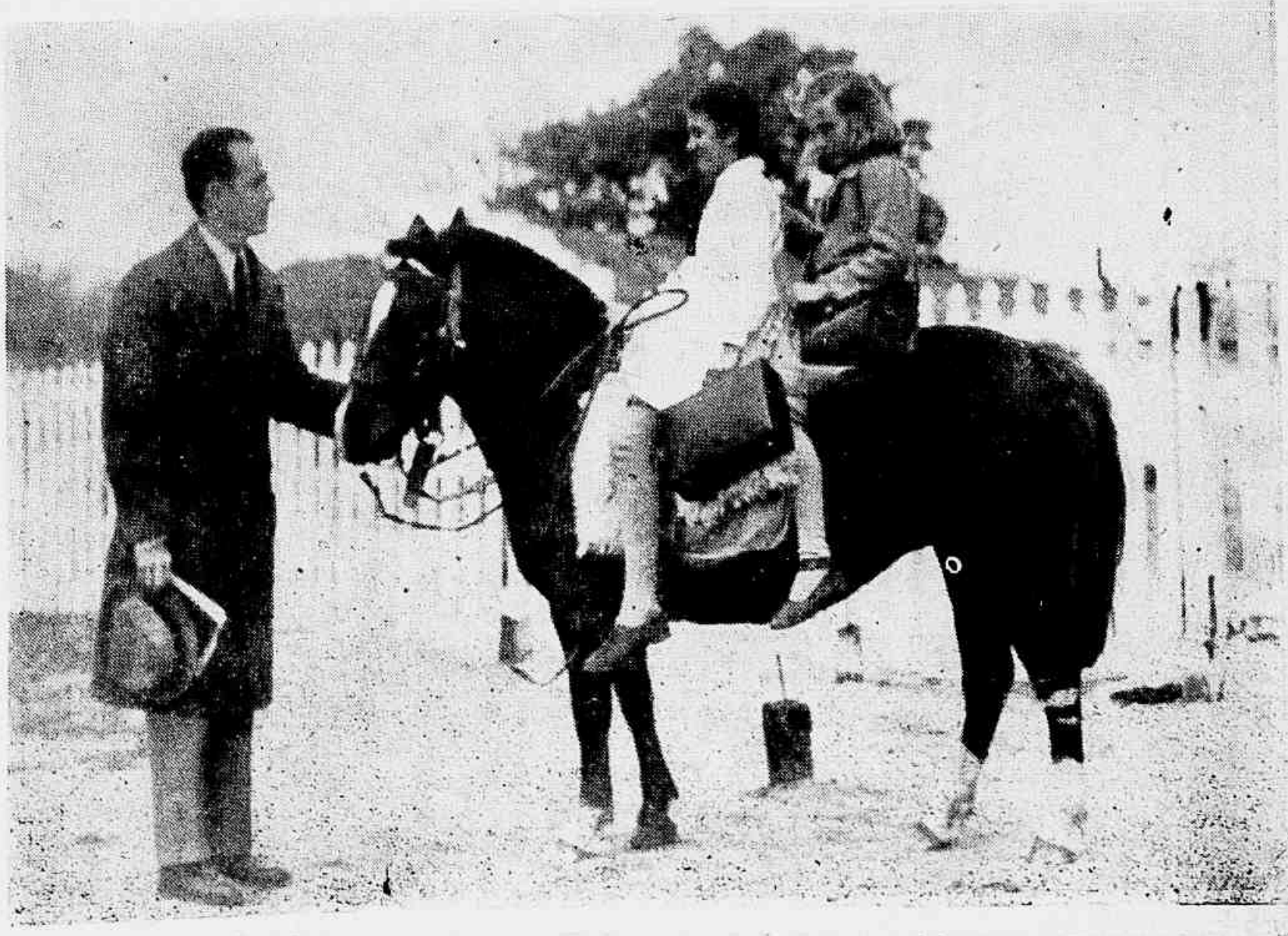
Continuando o seu passeio, imperturbável, Mozzli encontrou-se com o seu amigo Jamil Nahim que depois de inteirar-se do sucedido perguntou-lhe:

— Por que não se queixa às autoridades? Isto é um crime.

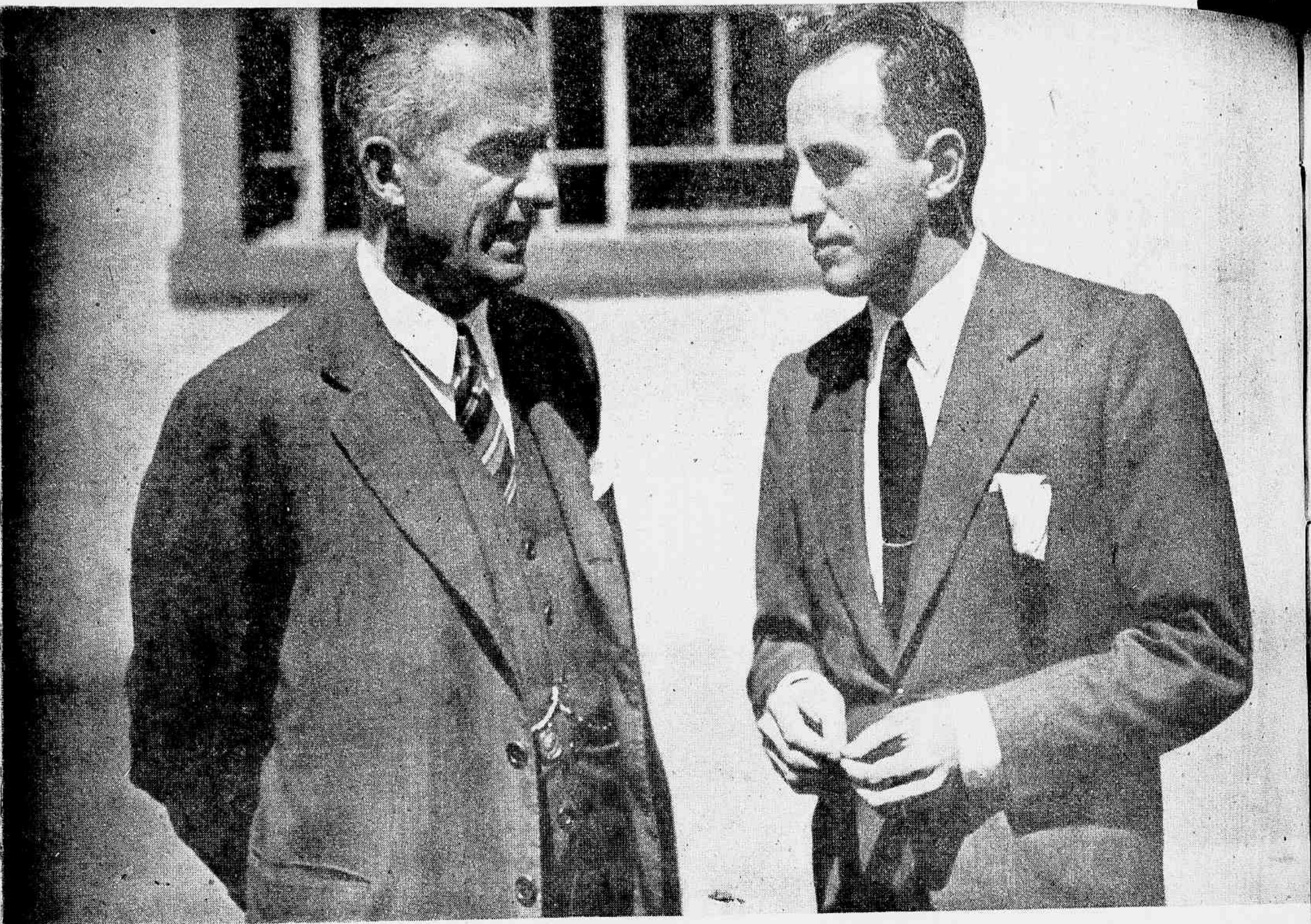
E o poeta Mozzli, ainda imperturbável, respondeu:

— Como queres tú que eu me queixe contra alguém que me feriu com doçura?

Terminando a narrativa, Malba Tahan acrescentou. Eu escrevi essa história quasi



UM EXEMPLO PARA AS MENINAS GRANFINAS DO RIO — A menina rica tem um cavalo para ir à escola. Mas não deixa que a sua colega ande a pé. Isto é um flagrante do interior do Uruguay. Malba Tahan o dedica às granfinas do Rio que têm automóveis.



NA UNIVERSIDADE DE SAN MARTIN — Malba Tahan tem viajado muito em função da sua qualidade de escritor dedicado a temas orientais e de mestres e pesquisador dos segredos e caprichos da matemática. Tanto no Brasil como no estrangeiro e particularmente na Argentina e Uruguay, ele tem discorrido sobre curiosidades dos números sobre as quais já escreveu um livro. Na foto acima, vê-se o conhecido escritor em companhia do reitor da Universidade de San Martin.

de um fôlego. Quando terminei, verifiquei que se tratava de um conto aproveitável. Talvez o mesmo tivesse acontecido a Houdini.

Ficámos ainda alguns momentos conversando com o autor de "A sombra do arco-iris" que considera, juntamente com "O homem que calculava", a sua melhor obra.

Além disso, Malba Tahan falou-nos do prazer que lhe dá o jogo de xadrez e convidou-nos para uma partida. Recusamos com delicadeza. Seria vergonhoso dar ao escritor uma demonstração da nossa ignorância nos segre-

dos do tabuleiro. Como árabe ele não nos perdoaria, embora talvez o compreendesse como filósofo. Em todo caso, recusamos. Era preferível gosar a sua palestra a sofrer a investida dos seus peões e dos seus cavalos, assim como o avanço implacável das suas torres bem protegidas.

Mas Allah não quis dar-nos essa graça. Toda a impressão que havíamos forjado para a nossa conversa desapareceu como por enquanto quando sou, impertinente, a sineta no amplo salão, avisando que ia ter início o almoço. Es-

távamos no Automóvel Clube, aguardando o almoço do Rotary, para o qual nos convidara, não o sábio e viajor Malba Tahan mas o professor Júlio Cesar de Melo e Sousa, pertencente a esta sofredora fauna humana do Distrito Federal que bebe mate gelado quando pretende tomar café e come brôa de milho dizendo que é pão.

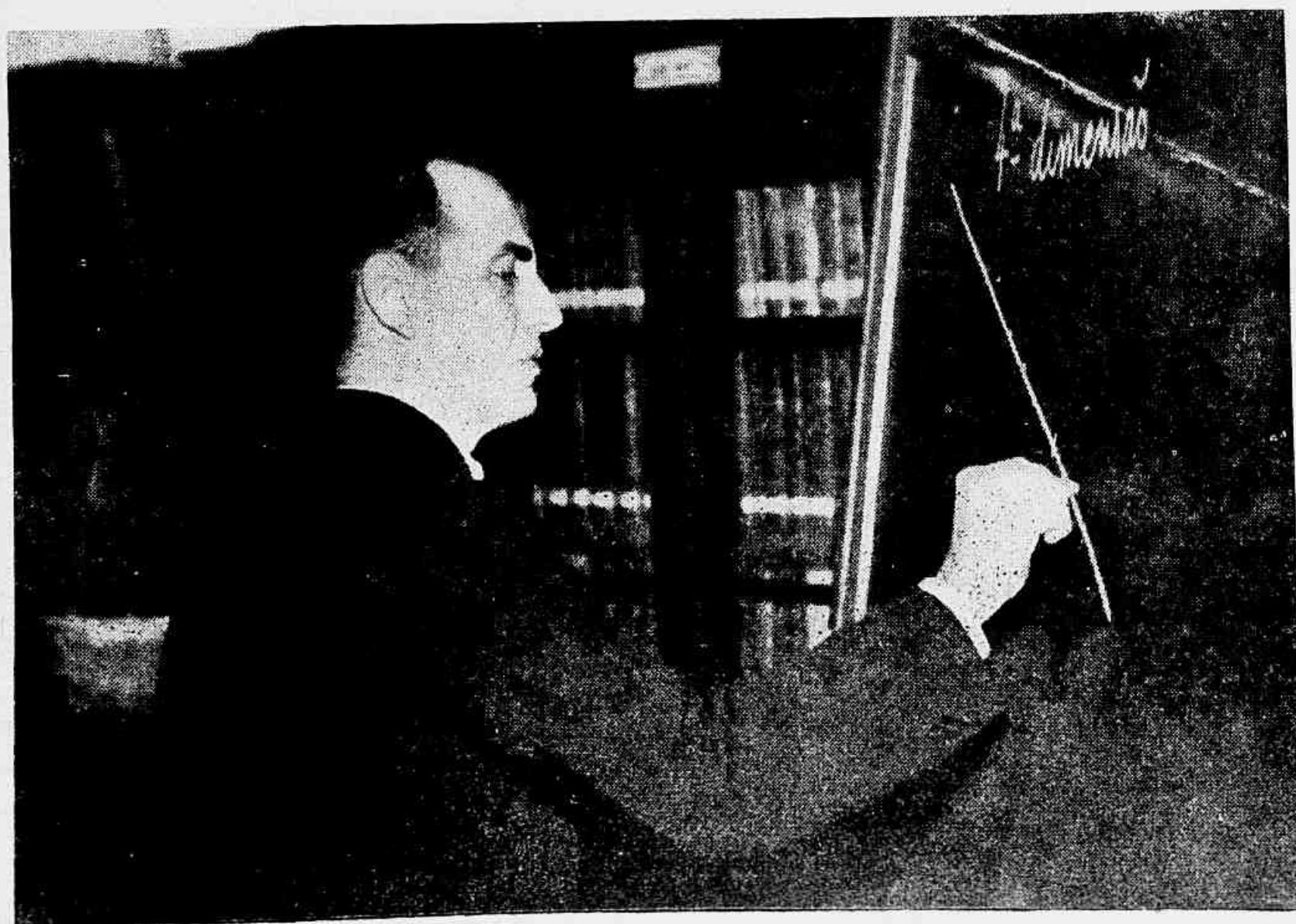
Nada mais havia de maravilhoso. Tudo se desvanecera. Tudo, não! O Rotary nos reservava uma agradável surpresa. E' que o pão servindo no almoço era de trigo.

Fazendo as honras de anfitrião, o professor Melo e Sousa diz com espírito para o reporter:

— Você não sabe que os rotarianos são homens de bem que se reúnem para passar mal?

Não respondemos, empolgados pelo pão de trigo que começáramos a mastigar devagarinho para prolongar por mais tempo aquele alimento tão comum há uns cinco anos e hoje uma preciosidade mais rara do que leite puro e tesouras marca "Corneta".

Sim senhor. Pão de trigo. A ilusão de prosperidade era encantadora. Estávamos gosando um prazer hoje reservado, talvez, sómente ao Palácio Guanabara, ao Rotary Clube e à mulher do padeiro...



A QUARTA DIMENSAO — Eis aqui o começo de uma exposição sobre o tão falado problema da quarta dimensão a respeito do qual temos o conhecimento necessário para escrever e pronunciar a expressão... O leitor inteligente de certo arranjara para o foto uma legenda erudita.

O PENTEADO DE ESTELA

N AQUELE pequeno restaurante da parte central de Nova York um homem só poderia entrar por acidente. E lá chegando, a menos que goste de perder tempo admirando pequenas que fazem carreira no comércio, quem ali entra come apressadamente e sai logo. Essas pequenas são qualquer coisa de assustador, particularmente consideradas em conjunto. E ali era assim que elas se apresentavam. Jimmy Smith sabia disso. E somente porque choveu e ele estava sem capa foi que entrou naquele reduto feminino por excelência. Quando ele notou onde estava tratou de se encaminhar para o bar. A chuva passaria logo. Nesse meio tempo, tomaria um copo de cerveja. Mas, ao redor do bar, havia uma porção de cadeirinhas também cheias de pequenas do comércio. Todas estavam ocupadas em deslumbrarem umas às outras, pensou Jimmy. Algumas faziam esgares com a boca, outras falavam com os gestos, com os olhos, com as sobrancelhas. Jimmy procurou ver se alguma delas ia ao extremo de mexer as orelhas. Não encontrou... Era uma pena.

Como continuasse a chover, ele tomou mais um copo de cerveja. Depois, fez uma descoberta. Todas as pequenas do comércio se pareciam com estrélas de cinema. Duas delas, num dos lados do bar, pareciam-se exatamente com Lauren Bacall. Outra era Katherine Hepburn escrita. E outra se assemelhavam a Ann Sheridan, Greer Garson, Eleanor Powell. Ah, mais duas Lauren Bacall a um canto. E uma Irene Dunne ainda bastante encantadora... E a chuva, que continuava a cair! Bem, o melhor era almoçar logo, de uma vez. Em frente dele, era curioso, — estava mais uma Lauren Bacall. Não a havia notado ainda. Ela estava almoçando em companhia de uma sub-Katherine Hepburn e de uma sub-Dorothy Lamour. Jimmy atacava com energia o seu escalopine quando notou qualquer coisa de singular na mesa em frente. Uma quarta moça vinha se juntar às três outras. E havia qualquer coisa de tremendamente esquisito em relação a ela: a pobre coitada em absoluto não se parecia com uma estréla de cinema... De fato, se não fosse pelo seu cabelo, ela teria até parecido bastante bonita. Tinha os olhos negros. Um nariz reto, um sorriso radiante. — oh, mas aqueles cabelos! Levantado na frente, nos lados e atrás, — um conjunto de almofadas! Bastava aquilo para fazer com que ela se torna pouco atrativa.

Jimmy notara isso. E logo achou que a cabeça da pequena parecia uma beringela. Sim, uma beringela. Na conformação, no brilho, em tudo. Horrível! E ela podia ser tão bonita. Com certeza estava copiando uma estréla de cinema, também.

mas uma estréla que Jimmy ainda não conhecia. Na próxima semana, metade da população feminina de Nova York estaria usando aquele mesmo penteado — e todas as moças teriam aquela cabeça de beringela. Outra vez, houve um grande movimento na mesa vizinha. A sócia de Lauren Bacall, com a sub-Katherine e a sub-Dorothy, preparava-se para sair. As contas foram pagas e elas partiram. Jimmy enterrou-se na comida, — figurativamente falando, pois, realisticamente, era o contrário que se dava. Por fim, ele viu que a moça da cabeça de beringela estava na mesa sozinha, terminando a sobremesa. Jimmy sentiu-se atrevido. Talvez a culpa fosse da cerveja... O fato é que ele se levantou e disse à jovem em sua frente:

— Já tentou alguma vez se olhar num espelho?

Com um movimento rápido, a moça tirou da bolsa um pequeno espelho, mirou-se e remirou-se, dando mostras de satisfação. E em seguida olhou para Jimmy.

— Você tem a cabeça que é ver uma beringela, — declarou ele.

Ela de novo consultou o espelho e outra vez olhou para Jimmy, em silêncio.

— Não estou querendo pretexto para entabular conversação e bancar o saliente, — disse ele. — Mas você está com um aspecto horrível. Seu cabelo... você devia se envergonhar de arrumá-lo desse modo... É uma beringela. Uma verdadeira beringela...

— Crua ou cozida, — perguntou a moça, afinal falando.

— Crua... Do jeito que a encontramos nas quitandas.

— Muito obrigada, — disse a moça.

— Não me agradeça, — declarou Jimmy. — Ou, melhor, você deve realmente me agradecer. Como eu lhe disse, não estou querendo ser saliente. Estou apenas lhe dizendo o que você precisa saber. Seu cabelo é horrível...

— Muito obrigada, — repetiu a moça.

— Bem... Era o que eu tinha a dizer...

Jimmy, meio desconcertado, deixou o bar, a caminho da porta de saída do restaurante. Nem sequer olhou para trás, afim de ver a jovem. Tinha cumprido o que julgara ser o seu dever. Mas ao chegar à rua descobriu que ainda estava chovendo. Bem. Esperaria mais um minuto.

★

Começou a esperar. E, enquanto esperava, seu pensamento tomou um curso curioso. Não seria mau, pensou, se ele ficasse conhecendo aquela moça. Sim, porque valia a pena conhecê-la. Era elegante e bonita como o diabo! Isto é, seria, se não fosse o ráio daquele cabelo. Ele seria capaz de dar um jeito no cabelo dela, — e o sujeito que com certeza sairia com ela nessa noite havia de gostar da idéia. Esse sujeito ficaria encantado, deliciado, feliz. Nada de cabelo para cima. Teria de ser para baixo. Sem enchimento, solto, ondulado, diáfano. Seria lindo! Sim, seria lindo...

Mas tudo isso era tolice, Jim-

(Conto de GERALD MYGATT)

my não o soubesse. Ele não sabia sequer o que estava se passando lá atrás, nos fundos do restaurante. Primeiro, a moça tirou o espelho. Depois, pôs o espelho de parte. Depois, apanhou-o de novo e olhou-se nele outra vez. Depois, enquanto Jimmy desaparecia, fez um aceno e chamou George, o chefe dos "garçons".

— Notou esse cara que se aproximou da minha mesa? — inquiriu.

— Sim, — mentiu George.

Como de costume, ele estava meio adormecido, sem prestar a mínima atenção a quem quer que fosse. Mas, agora, ele estava desperto.

— Quer dizer, — aquele rapaz distinto? — perguntou George (e isso quase sempre dava certo).

— Veja, George. Ele está na porta dos fundos. Daqui a dez segundos poderá ter partido. Por favor, vá à porta dos fundos. Diga que ele está sendo chamado ao telefone... o que quiser, contando que eu fique de fora... Pergunte se ele é Mr. Smith, da Universal Broadcasting Company... E volte logo com a informação...

George apressou-se a obedecer. Aquilo fazia parte da sua profissão.

— Chovendo a potes, não? — disse Jimmy.

— Só há uma chuva que até hoje não passou, — respondeu ele.

— Qual?

— Esta!

E soltou uma gargalhada.

(Continúa na pág. 50)

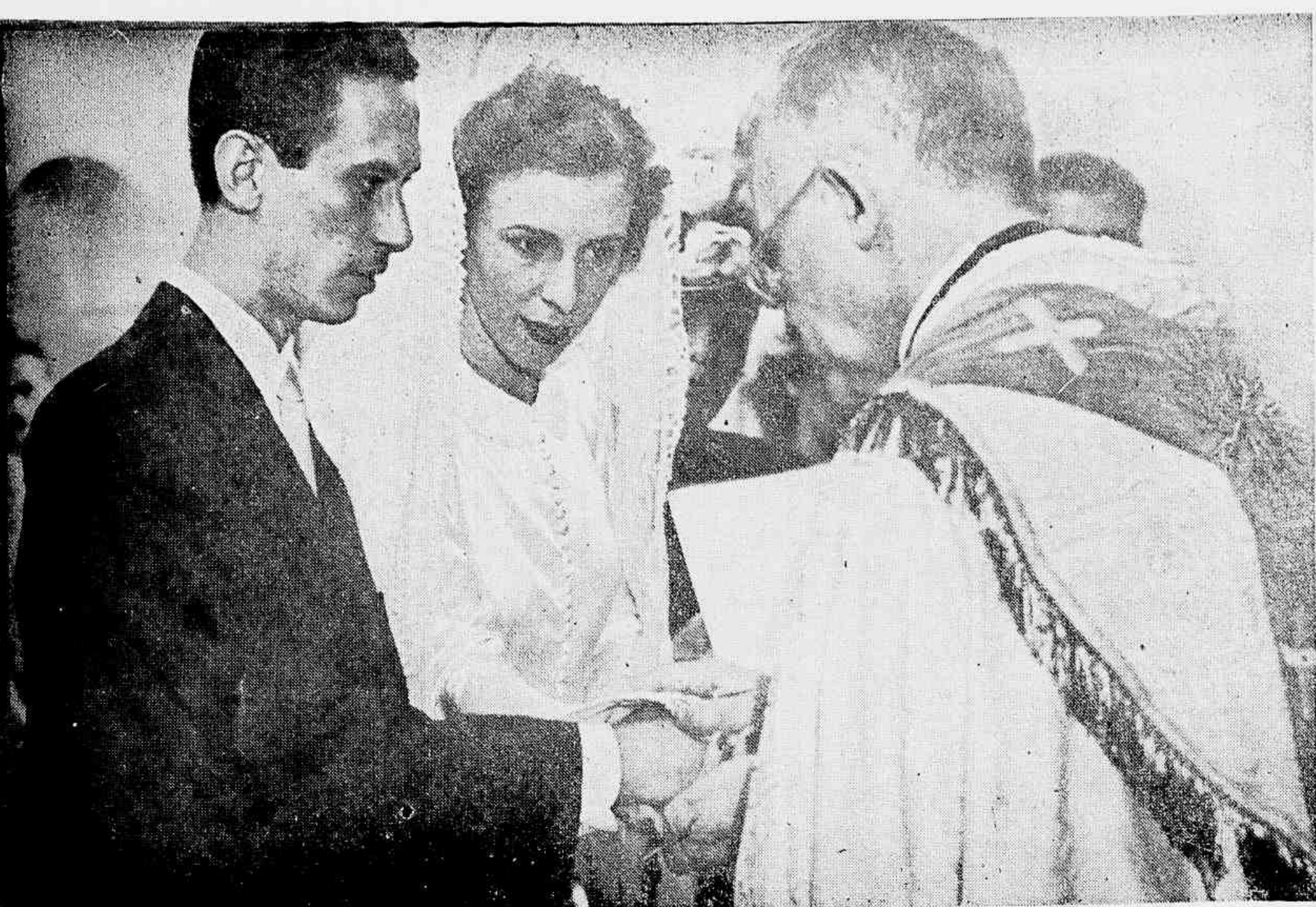


NUPCIAS ENLACES

LÉDA ALIMONDA DA SILVA - LUIZ CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE LACERDA.

LUCY ALIMONDA DA SILVA - EUGENIO DE ALENCASTRO SALAZAR

OS dias 24 e 29 de Julho último dois acontecimentos festivos encheram de bênçãos e mensagens votivas o palacete da rua Jequitibá, 9, na Gavea. Naquêles dias consorciaram-se as Stas. Léda Alimonda da Silva e Lucy Alimonda da Silva, filhas do sr. Sizenando Gonçalves da Silva e de sua esposa em primeiras núpcias, sra. Maria Ida Alimonda da Silva. No dia 24 a sta. Léda Alimonda da Silva recebeu por esposo o sr. Luiz Cavalcante de Albuquerque Lacerda, filho do casal Francisco de Paula Cavalcante de



Os noivos, sta. Léda Alimonda da Silva e sr. Luiz Cavalcante de Albuquerque Lacerda, recebem a benção nupcial.



Flagrante do casamento da Sta. Léda Alimonda da Silva, vendo-se a sra. dr. Aguinaldo Xavier Carneiro Pessoa, a sra. e sr. Olegario Mariano e a sra. Sizenando Gonçalves da Silva.



Flagrante do enlace da sta. Lucy Alimonda da Silva, e do sr. Eugenio de Alencastro Salazar, feito durante o sermão nupcial.

A sta. Lucy Alimonda da Silva assina o termo de compromisso. Ao seu lado, o noivo, e cercando o jovem par estão a sta. Anita Alimonda, o sr. Miguel Dibo, a sra. Maria Luiza Salazar, a sra. Francisca Brenan Salazar, a sra. Iracema Medeiros, o sr. Alfredo Medeiros e o sr. Arlindo Salazar.



Albuquerque Lacerda — Izolina Carneiro C. de Albuquerque Lacerda. No ato civil, realizado na residência do pai da noiva, serviram de padrinhos, por parte desta, o casal Francisco de Paula Cavalcante de A. Lacerda e o sr. José Carneiro Lins e sra. Eloah Carneiro Lins, e por parte do noivo, o sr. Alfredo Medeiros e sra. Iracema da Silva Medeiros e o sr. Sizenando Gonçalves da Silva e a sra. Alzira Poggi da Silva. Na cerimonia religiosa, levada a efeito na Igreja da Santissima Trindade, serviram de padrinhos da noiva o sr. Giovanni Battista Alimonda e sta. Anita Alimonda e o sr. Alber Pessôa Cezar Cantinho e a sra. Esther Ramos Cantinho, e, do noivo, o sr. Aguinaldo Xavier Carneiro Pessoa e sra. Gysella Carneiro Pessoa e o sr. Olegario Mariano Carneiro da Cunha e sra. Maria Clara Carneiro da Cunha.

No dia 29, a sta. Lucy Alimonda da Silva uniu-se pelos laços matrimoniais ao sr. Eugenio de Alencastro Salazar, filho do casal Sebastião Salazar da Veiga Pessoa — Maria Luiza de Alencastro Salazar. Foram padrinhos da noiva o sr. Miguel Dibo e a sta. Anita Alimonda e o casal Sebastião Salazar da Veiga Pessoa, e, do noivo, os casais Alfredo Medeiros e Arlindo Salazar. O ato civil foi testemunhado, por parte da noiva, pelo casal José Alimonda e sr. Cicero Leite e sta. Angela Gonçalves da Silva, e por parte do noivo, pela sra. e sr. Willy Lewin e sr. Sizenando Gonçalves da Silva e sra. Alzira Poggi da Silva.

A todas as cerimoniaes compareceu grande numero de pessoas das relações das famílias dos nubentes, elementos representativos das sociedades carioca e pernambucana, que, na residência do casal Sizenando Gonçalves da Silva, em brilhantes recepções seguidas aos atos religiosos, tiveram oportunidade de cercar os dois jovens pares e seus illustres progenitores dos maiores e mais cativantes demonstrações de apreço e afetividade.

DULCINA VAI REPRESENTAR EM ESPANHOL



Dulcina no seu atual grande sucesso, com Odilon, no Teatro Regina: — "Avatar", a notavel comedia de Genolino Amado, a caminho do centenario de representações. Está em cartaz no Teatro Regina, tendo merecido da critica e do público, verdadeira consagração.

Dulcina em "Chuva", de Somerset Maugham, a celebre peça com que vai estreiar em castelhano no Teatro Astral de Buenos Aires. Aqui no Rio, na tradução de Genolino Amado, permaneceu no cartaz 3 mezes consecutivos, e cerca de 4 mezes no Teatro Santana em São Paulo.

A grande e aplaudida atriz brasileira acaba de ser contratada pela Empresa Gallo-Rayneri para "estrelar" e dirigir uma temporada de arte em Buenos Aires. O seu ordenado mensal será de 20.000 pesos, devendo a "estrela" patricia estreiar em fins de Ou-

tubro com a peça "Chuva", no Teatro Astral, uma das principaes casas de espetaculo da capital portenha.

Dulcina fará também, possivelmente, uma excursão pelos países do Pacifico até o México.

O público brasileiro, ficará privado temporariamente dos magníficos espetáculos que a arte inconfundível de Dulcina lhe vem proporcionando, mas acompanhará com o coração o êxito brilhante que por certo está destinado a essa temporada de arte.



Dulcina assinando o contrato com a Empresa Gallo-Rayneri, do Teatro Astral de Buenos Aires, tendo ao lado seus advogados Drs. Dario de Mello Pinto e Tito Carlos de Lima. Tem como Odilon, e, à sua direita, o representante de Gallo-Rayneri. Snr. Alejandro Arnaldi, enviado ao Rio especialmente para contratar a notável artista brasileira, cuja arte maravilhosa vai transpor essas nossas fronteiras apresentando-se em outro idioma, fato inédito na história do teatro de comédia no Brasil.



SIMÃO BOLÍVAR

(1783 — CARACAS — 1830 — SANTA MARTA, NOVA GRANADA)

Poucos diplomatas brasileiros escreveram livros pintando os países nos quais acreditados. José Maria do Amaral disse da Rússia do tempo de Nicolau I, Henrique Lisboa, doria da China Filha do Céu, Oliveira Lima do Japão só Imperio do Sol Nascente. Tomas Lopes evocou Terras de Espanha, Cyro de Azevedo os esplendores da corte de Viena presidida por Francisco José, Argeu Guimarães mostraria o atrativo da Sereia Scandinava.

Tudo serviços prestados à curiosidade nobre de saber. Entre os seus servidores falta um, Miguel Maria Lisboa, em 1852 conselheiro, em 1872 barão de Japurá.

A carreira diplomática de Lisboa decorreu frutuosa e de vista, tendo ele a honrar conceituado nome paterno. Entrou Lisboa na diplomacia em 1828, adido de legação em Londres, só a morte tirando-o da carreira em 1881, ministro plenipotenciário em Portugal. Meio século e pouco de trajetória no representar pátria em não poucos anos de presença na vida, esta para todos de maior ou menor solavanco, de maiores ou menores dores.

Em 1842, encarregado de negócios, Lisboa conheceu a Venezuela, tornou a conhecê-la em 1852, ministro residente em missão especial. Missões especiais na diplomacia requerem sempre cuidados especiais da parte dos incumbidos de negociar. Os interesses internacionais não deixam de ser jogo, requerendo pois bons jogadores.

Em 1852 voltou Lisboa a Caracas, para os lances de três tratados, logo três. Nas folgas de negociar coligia apontamentos sobre Venezuela da época. Particularmente completava a missão jun o aos governos da Venezuela, da Colômbia e do Equador.

Em 1865, Lisboa, ministro em Bruxelas, ali publicava uma *Relação de Viagem à Venezuela, Nova Granada e Equador*, obra de 385 páginas, com ilustrações de vêr.

Em auto-prefácio declarou o autor consistir o seu livro na reunião de notas tomadas havia anos. O fim do trabalho era dar a conhecer a patriotas do autor países limítrofes com o Brasil, entretanto deste completamente desconhecidos.

Propunha-se Lisboa, por meio de narrativa benevola, si apontando defeitos com indulgência, fazer com justiça valer virtudes de hispano-americanos, corrigindo o efeito produzido no mundo literário pelas observações de uns tantos escritores. Tal o escopo da obra de Lisboa.

Em desempenho de missão especial, embarcou Lisboa em Southampton num vapor da Companhia das Índias Ocidentais. Ia o *Orenoco* de partida para Santomaz, levando a bordo ingleses e mexicanos, franceses e chilenos, alemães e peruanos, mais de cem passageiros de bastantes idiomas. Não faltava à pequena Babel flutuante "o onipresente e incansável judeu".

A 21 de Setembro de 1852, via-se Lisboa no porto principal venezuelano, La Guaira. Não chegara Lisboa mais no *Orenoco*, da Mala Real, largado de Southampton, sim a bordo da escuna venezuelana *Graciosa*, da linha de comunicação Santomaz — La Guaira.

Deste porto três estradas conduzem a Caracas, a estrada de carro de Catia, a de mulas construída pelos espanhóis, a das Aguadas pelos índios de tempos pr-colombianos.

Declarando a estrada de Catia a mais moderna, frequentada e comoda, monumento de gloria para o governo do general Soublette, reconhecia Lisboa que a estrada de mulas, ou de ferradura, de Cumbre, recomendava altamente os espanhóis como coletores. Havia mais de dois séculos tinham calçado, a obra permanecia perfeita em 1852.

Com três companheiros de viagem e um criado francês, Simplicio, partiu Lisboa, a mula, de La Guaira para Caracas.

Podia Lisboa comparar então a capital da Venezuela, onde estivera em 1842, com a mesma capital onde assistia em 1852, reconhecendo melhoramentos importantes realçados pela administração municipal progressista.

Conforme Lisboa, as casas de Caracas, de exterior não alegre, eram no interior comodas, espaçosas, muito mais apropriadas ao clima que as habitações no Brasil.

Observou Lisboa bastantes casas térreas em Caracas, crendo os habitantes as casas baixas menos expostas aos estragos de terremotos. Tinham os sobrados, pé direito considerável, contando perto de trinta metros de altura, a sala de hotel ocupada por Lisboa.

Nas habitações de Caracas o gosto pompeiano dos pátios predominava, as peças principais das vivendas dando para um pátio calçado e algumas vezes ajardinado dando alegria a olhos.

No âmbito de Caracas, havia em 1852 oito praças, principal a de Bolívar, na qual se reuniam o Palácio do Governo, as secretarias dele, a catedral, o paço episcopal, a Universidade tudo à mão de quem precisava com poupança de tempo e de esperas.

Apreciadas as praças era correr as ruas, mais de vêr as de *Leyes Patrias* e *Del Comercio*, ambas cheias de lojas, em luxo e aparência lhes sendo superiores, conforme Lisboa, as lojas cariocas das ruas do Ouvidor e da Quitanda.

A catedral de Caracas, à moda do século era tanto casa de Deus como leito de mortos, numerosas capelas encerrando restos mortais de pessoas de estirpe. Numa de tais capelas erguia-se em mármore, executada em Roma, a estatua de Bolívar, no de nome e de numa em toda a América Espanhola escapa à mãe pátria.

Segundo dados oficiais, Venezuela em 1852 entre pessoas livres e escravas contava 1.218.716 habitantes, em Caracas, 50.000, os naturais da capital conhecidos por *caraqueños*, orgulhosos de compatriotas ilustres capitaneados na história por Bolívar, *caraqueños* Miranda e Sucre.

O povo venezuelano das cidades era pacífico e ordeiro. Em 1852 parecia-se com o povo de outra cidade, a do Rio de Janeiro; entre *caraqueños* e *cariecos* existindo traço de união. Uns e outros, segundo Lisboa, gostavam de meter tudo à buíha. Mas cumpre lembrar que o sarcasmo é válvula por onde se escapa não raro o protesto geral contra as tiranias, opressões e os cerceamentos da liberdade, o só dos direitos humanos.

Lisboa restifica que os *caraqueños* eram "suaves em seu trato, polidos elegantes em suas maneiras, obsequiosos, prestativos".

Houvesse morte ou enfermidade em qualquer casa e logo acudiam muitos "não por espírito de curiosidade, não por desempenho de simples civilidade, sim com o desejo de ajudar, de consolar, sem considerações de amor próprio, qual correndo a chamar medico, qual indo aviar receita à farmácia".

Na Venezuela, especialmente na capital, como em Bogotá, Quito e Lima, encontrava-se aristocracias perpetuadoras de antigas famílias nobres, as dos *matuanos*. O nome nada tinha a ver com o épico da *Eneida*, o nome provindo do uso de *manto* por parte de senhoras de estirpe. No escol destacavam-se grupos e grupos, de ilustres, os grupos dos Tovar, dos Toros, dos Ribas, dos Herreras, dos Ybarras e mais e mais.

Das classes altas passando às humildes, Lisboa leu nestas o acio do traje, o sexo feminino amigo de saias brancas ou de cores claras, trazendo cabeça coberta por manta e por cima desta um chapéu de palha.

"Tudo porem tão alvo, tão engomado, tão alegre, que causa um verdadeiro prazer visitar a praça do mercado às suas horas da manhã e contemplar o grande curso de vendedoras e compradoras". Assim Lisboa se expressa com encantamento.

Guiavam-se os elegantes *caraqueños* pelas modas de Paris e Londres. As *caraqueñas*, com receio de não lhes bastar a leitura atenta do *Petit Courrier des Dames*, valiam-se de correspondentes na Europa para conhecerem por antecipação a ultima moda de Paris, ditada para as senhoras pela costureira Disieux e para os homens pelo alfaiate Constantino.

As damas mais favorecidas pela antecipação podiam vencer rivais, na competição entre filhas de Eva nada influiendo latitudes e longitudes.

Lisboa teve ensejo de verificar a pontualidade, o rigor de cortezia das relações sociais em Caracas, declarando o observador que ao dar o *caraqueño* um grande baile "ninguém o sabia fazer melhor".

Tanto os *caraqueños* divertiam-se como se instruíam. Grande era o adiantamento do jornalismo venezuelano, bem divulgado, no país e o uso do francês e do inglês. Edições de luxo propagavam as obras dos escritores nacionais.

A frente da instrução venezuelana estava uma notabilidade continental e européia, Dr. André Bello.

Lisboa descreveu solenidade da colação de grau na Universidade de Caracas como festa de pompa digna de especial menção e relevo cultural.

Da existencia espiritual passando à material, Lisboa mostrou ter estudado de perto a vida agrícola da Venezuela, país cultivador da cana de açúcar e de café, esta ultima cultura dividida em duas classes, do *café da terra fria* cultivado em morros e em clima parecido ao do vale do Paraíba fluminense, na Venezuela o *café de terra quente* nascido e medrado em terrenos onde vendejava a cana. O café de terra fria era exposto ao sol, como no Brasil, o de terra quente à sombra de freixos, bosque artificial. Lisboa declarou que "nas plantações de café de terra quente o util estava maravilhosamente combinado com o agradável", não hesitando o diplomata viajado em afirmar que, em Caracas, os parques de N. S. da Guayra e São Bernardino excediam os parques europeus de Kensington e do Bois de Boulogne.

Para compensação de terremotos, a natureza terrível nas suas iras, bondosa nas suas amenidades, favoreceu a terra venezuelana, dentro dos trópicos, banhada pelo sol equinocial. Naquela terra aos raios do sol equinocial associa-se a elevação sobre o nível do mar, elevação de 2.880 pés em Caracas, consoante Lisboa.

Um bom clima ajuda poderosamente a viver tanto quanto um mau clima anémia os mais robustos. Quanto a clima só se podiam louvar os *caraqueños*, *mantuanos* ou não, Caracas gozando a temperatura média de 19° centígrados, registrada e ainda mais sentida pelo ministro Lisboa.

Dizia ele: "Não existem epidemias periódicas e destruidoras na Venezuela como em outros pontos da zona torrida si bem que reinem endemias no país".

Moderno peregrinador do continente sul-americano — George Lafond — confirmaria Lisboa, elogiando Caracas, "seu clima delicioso", seu progresso, sua adaptação ao modernismo bem entendido, isto é, o que não sacrifica o passado a esmo, sendo atual e ao mesmo tempo tradicional, com isto respeitando vida, obras, sacrifícios de maiores.

Venezuela entregue em 1547 por Carlos V à exploração dos banqueiros de Augsburg, hoje é a Venezuela dona de si mesma, sabendo evocar Espanha cavaliheiresca numa América do Sul onde a Espanha foi tanto e por tanto tempo.

CARACAS EM 1852

ESCRAGNOLLE DORIA

UMA MULHER LIVRE

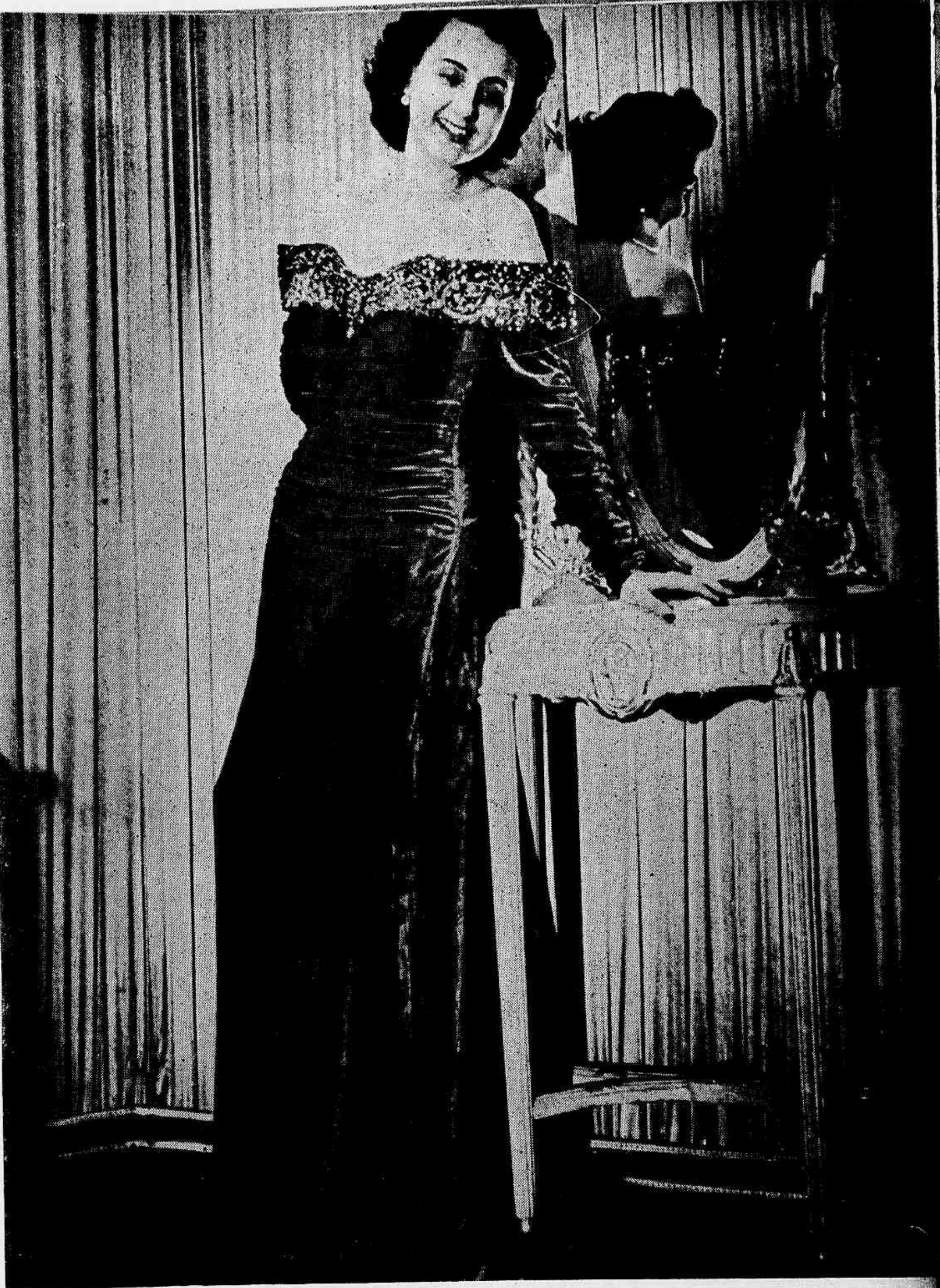
O conhecido original de Dennys Amiel "Ma Liberté", traduzido por Bricio de Abreu, vem de ser encenado pela companhia Eva Todor. E o foi com aquele apuro de montagem, aquele esmero na representação a que já nos habituaram os espetáculos do elenco orientado por Luiz Iglesias, com a seguinte distribuição:

Alice	Eva
André	Afonso Stuart
Raimundo	André Villon
Susana	Elza Gomes
Pedro	Delorges Caminha
Marta	Samaritana Santos
Garçon	Renato Machado
Criada	Pola Leste

As representações de "Uma mulher livre" estão enriquecidas com a participação do ator Delorges, num papel de relativo destaque para os seus créditos de legítimo e experimentado comediante, mas esse detalhe faz exatamente demonstrar o espírito de camaradagem do referido artista, prontificando-se de bom grado a substituir o primitivo interprete, que foi Arthur Costa Filho. Incumbiu-se da cenoplastia, Hipolito Colomb, valendo ainda um registro especial a "mise-en-scene" do professor Eduardo Vieira. No "climax" desta brilhante temporada teatral, a peça oferecida ao seu público por Eva Todor veio registrar um legítimo acontecimento artistico, e como tal reconhecido tanto pela crítica como pelo público.

1 Ela era uma creatura diferente. Defendendo acima de tudo sua liberdade, disposta a encontrar no amor uma compensação para os seus encantos físicos, mas jamais querendo tornar-se a escrava de homem algum. Frequentava as festas, comparecia às reuniões mundanas, era invejada e disputada pelos "leões das salas", mas jamais seu coração havia encontrado em qualquer homem, a outra metade da própria laranja...

2 Seu maior marido era seu pae. O velhote André viuvo e folgazão, acompanhava Alice a todas as solenidades, e por vèzes, em consequencia do carinho tribulado á filha, era considerado talvez o seu grande "caso"... Naquêlê dia êles se encontraram no "reservado" de um "night-club" e até o garçon se espantou com a alegria de André. Realmente êle estava apenas disposto a apresentar Raimundo á caprichosa moça.





3 E dessa apresentação nasceu o inevitável. Eles se compreenderam e se casaram. Talvez não fôsse ainda Raimundo o homem ideal para Alice, mas entim, casaram-se. Agora eles continuavam unidos, embora a moça persistisse em fazer a sua vida à parte, acompanhando o pai a novas festas, deixando-o em casa. André, o pai de Alice, também contraiu novas nupcias, tornando-se o marido de Susana. E ambos, pai e filha, continuavam livres, sem perceber que esse seu modo de vida pederia não dar certo. Raimundo e Alice procuravam iludir-se. Ela, porém, era-lhe fiel ao extremo e jamais dera motivo para qualquer insinuação das más línguas. Mas, acima de tudo, era uma mulher livre.

4 E
de
te

5
que e
a m



4

E a vida continuava sem novidade. Pai e filha entendiam-se, marcavam noites de arte, nos recitais de música, ambos apaixonados da arte, enquanto Raimundo e a madrasta da esposa, nem sempre os acompanhavam. As criadas da casa surpreendiam-se com aquele "modus vivendi", imaginando coisas... Si não houvesse perigos iminentes, os dois casais seriam felizes por completo. Mas naquela noite, alguma coisa de extraordinário devia acontecer. André e a filha saíram para um recital, deixando os respectivos esposa e marido em casa. Raimundo e Susana não gostaram, mas por sua vez cada um deles arranhou distração para essa mesma noite.



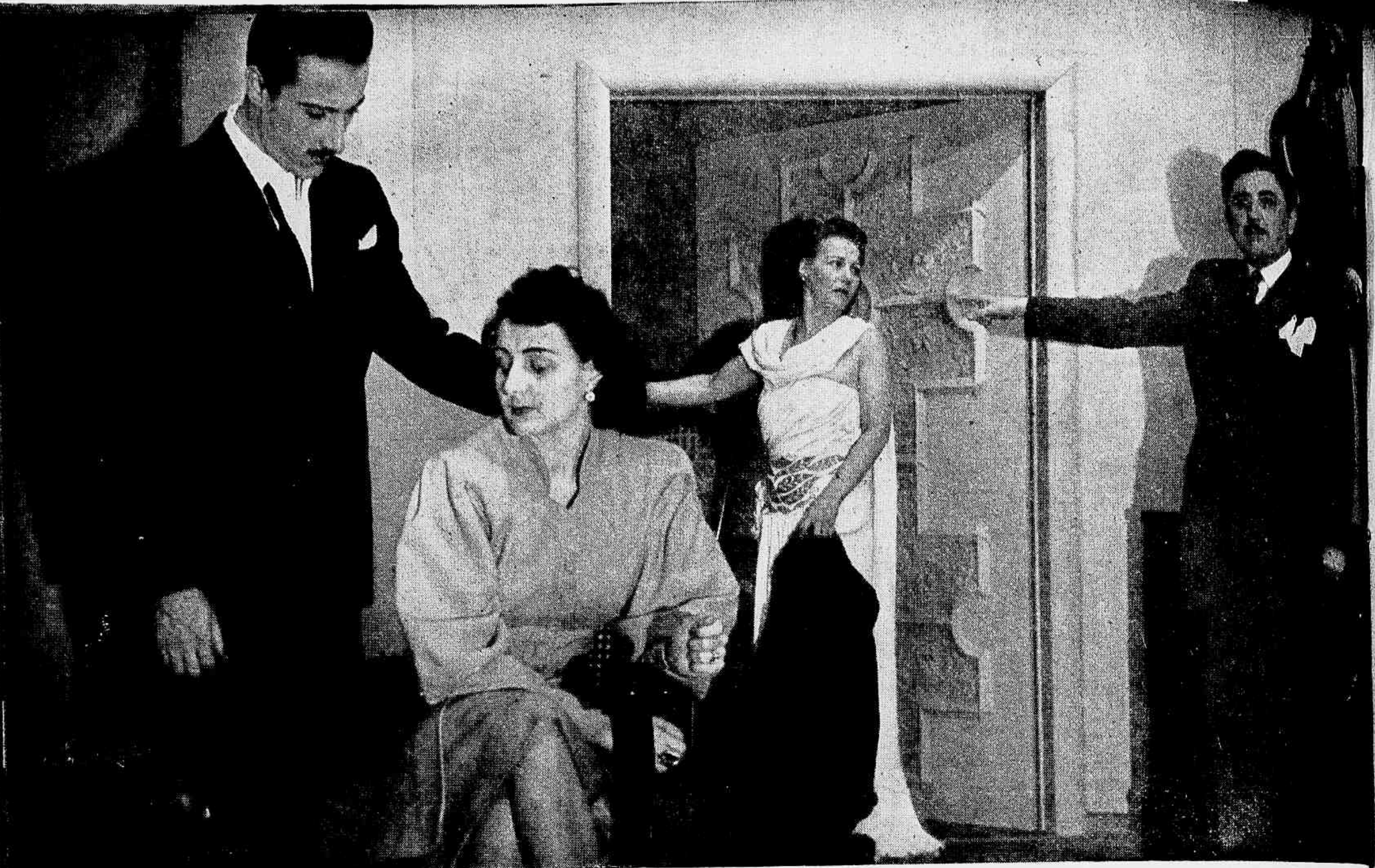
5

E quando ficaram a sós, acabaram não saindo. Susana, despeltada com o abandono de André, instintivamente aceitou a corte que lhe fez Raimundo. Beberam alguns "drinks", falaram de mil cousas... Susana não estava disposta a sujeitar-se ao que ela admitia como sendo um despreso do marido. E encontrou no esposo de sua nora a mesma predisposição de espírito. Daí a uma traição aos outros, era um passo...



6

Foi tudo inexplicável. Subitamente, Raimundo viu-se beijando os lábios da mulher a quem devia respeitar, como a segunda esposa do sogro. Ela não protestou nem reagiu. Cada qual era movido pelo despeito, mais do que por qualquer ímpeto de paixão. Um sentimento os unia naquele instante... E se esqueceram de seus deveres. Os lábios caídos, so se lembraram do pecado. Era noite, estavam a sós, tudo facilitava o crime...



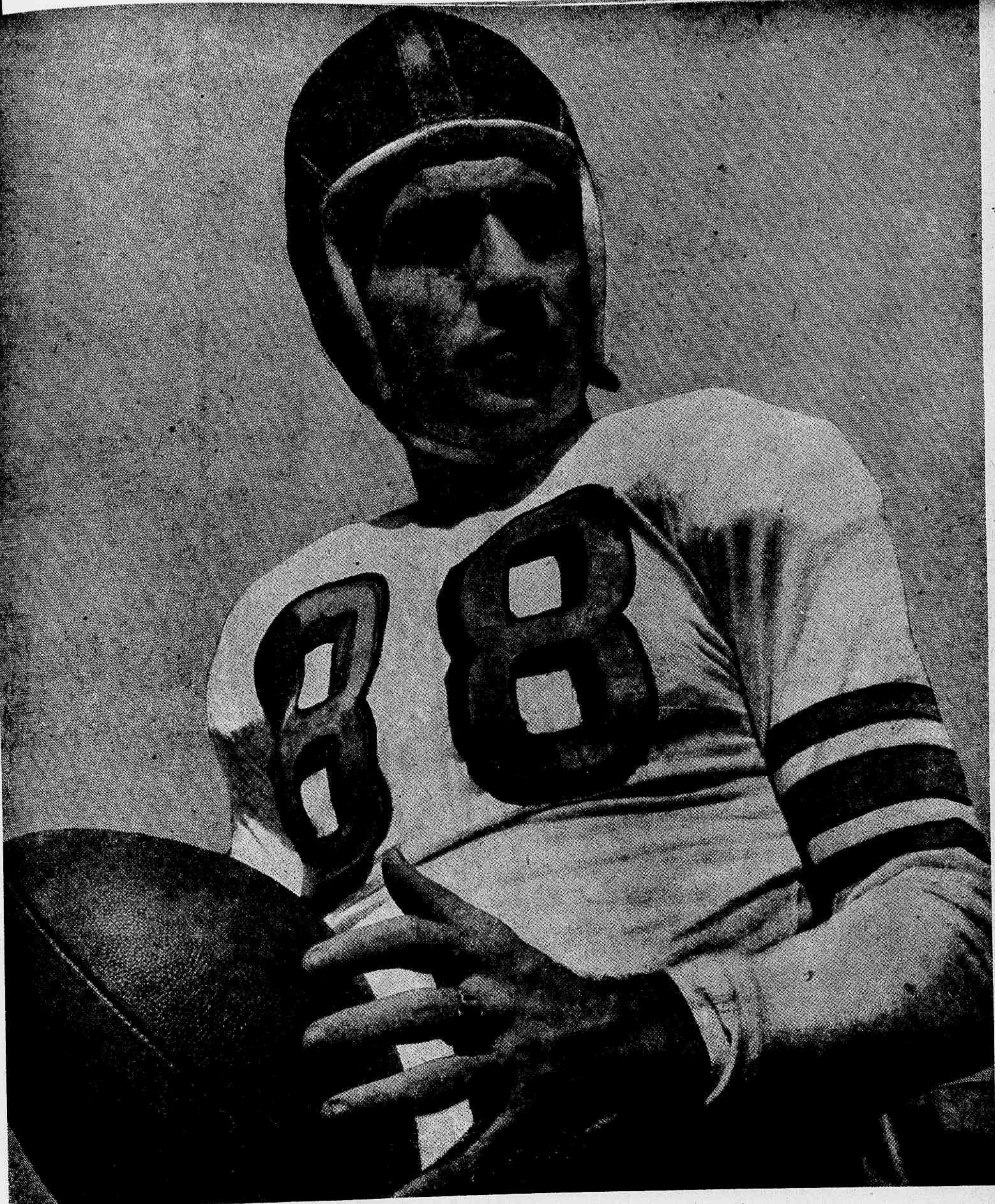
7 E quando André e Alice voltaram, mais cedo do que eram esperados, em casa os aguardava aquele trágico desfecho: Pai e filha haviam sido miseravelmente traídos... Ambos expulsaram de casa os seres a quem estavam unidos pelo matrimônio. Alice não quis aceitar a menor explicação de Raimundo, ordenando-lhe que sumisse da sua frente. E o mesmo fez André em relação a Suzana. Foram escorraçados como dos cachorro leproso. Eles tentaram-se defender em pura perda, atribuindo a culpa ao abandono em que ficavam. Mas Alice protestou: Ela era apenas uma mulher livre, tal como havia imposto ao marido antes de se tornar sua esposa, mas jamais havia prevaricado. Enquanto que ele...



8 E ali estavam novamente sosinhos, cada qual entregue à sua dor, pai e filha. Ela, disiludida do amor e do matrimônio, mais do que nunca disposta a defender com unhas e dentes os seus pruridos de emancipação. Ele, sentindo a falta da companheira, começando a envelhecer, compreendendo que não o podia esperar em parte alguma, um novo e sincero amor. Na sua idade... Ainda aí fosse jovem... e nem pensava em liberdade!



9 Mas o milagre operou-se, inesperadamente. Outro homem apareceu... Naquela tarde, Alice viu de relance aquele rapaz simpático, bem posto, de ar dominante — e não tardou a sentir-se apaixonada. Sim, agora ela seria escrava de Pedro. Liberdade, emancipação? Para longe tudo isso... O amor, o verdadeiro amor, podia mais do que tudo — e ali estavam as palavras carinhosas de Pedro... Era feliz, embora menos livre...



O final do torneio olímpico de foot-ball, este ano, no campo do Intercontinental F. C. foi abalado por um acontecimento imprevisto: o goal-keeper patagônico foi assassinado durante a partida.

Vinte e sete milhões de pessoas assistiam o "match"; duzentas mil no estádio, o resto em casa, diante do aparelho de televisão. Desde a saída, os Patagônicos, considerados francos favoritos, dominavam a partida, dando o que fazer ao "keeper" adversário. Os Tibetanos, porém, desfavorecidos pela altura, mas orientados pela energia mental do Dalai-Lama que, de Lhasa assistia à partida, valentemente enfrentavam o adversário, defendendo-se com

energia. Sómente no vigésimo sétimo minuto do primeiro tempo conseguiram os Patagônicos modificar o placard, a seu favor, por intermédio do centro avanço Rodriguez, com potente "tiro" à meia altura.

Os peritos, imediatamente depois de consultar seus diagramas, anunciaram pelos altos falantes que o balão transpuzera o arco com a velocidade de 121km. por hora; mas o record mundial do Escocês Mac Clintok, com 123 km. 251, homologado em 2917, continuava de pé. Seria este esperado? Um novo atrativo se juntava ao interesse da final: a multidão esperava ansiosa o próximo tiro de Rodriguez.

Alguns segundos depois, o Dalai-Lama de acordo com o código internacional apresentava uma reclamação, declarando que Rodriguez, na hora de "shootar" estava em "off-side". Consultaram rapidamente o filme registrador do juiz automático: o goal era válido. O speaker da Federação Planetária transmitiu a notícia pelo microfone e, enquanto os espectadores presentes e ausentes se riam deste recurso dos asiáticos, a bola foi enviada ao centro para nova saída.

Enquanto isso, o Dalai-Lama, absorvendo na contemplação de seu próprio umbigo, penetrava no terceiro grau do Yogha.

(Continua na pág. 56)

O "GOAL-KEEPER" ASSASSINADO

Conto de
JEAN AMSLER



Jean Negulesco não é apenas cineasta, mas também um retratista de classe. Vê-se esta bonita "cabeça" de Joan Crawford, que por sinal deve aparecer na sua película "Humoresque", da Warner. O "ambiente" está naturalmente favorecido por uma iluminação apropriada.

A "REVISTA" EM

Discutem os cenaristas cinematográficos, neste momento, a conveniência de suprimir de seus filmes vindouros, as cenas culminantes de amor. Tudo faz crêr que essas intenções desapareçam, pois ninguém admitirá o mes-

O diretor Frank Capra é rigoroso na preparação da mais simples tomada de camera. Aqui o vemos orientando Donald Reed, também aparecendo James Stewart, que vai reaparecer no filme (It's a wonderfull life) e seu assistente. Só depois de bem ensaiada a cena, as câmeras funcionam.





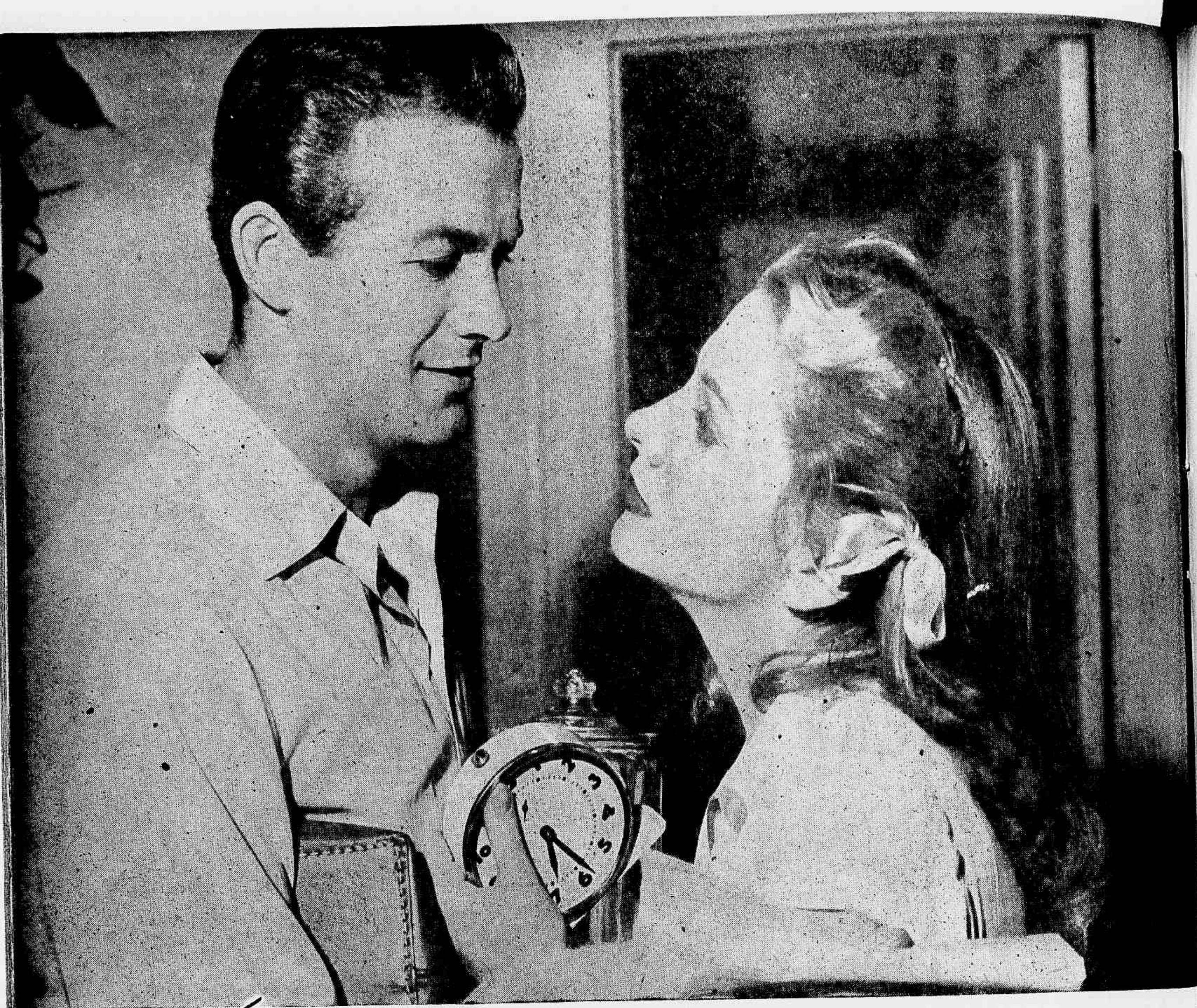
Este é o primeiro retrato de Mickey Rooney tirado nos estúdios da Metro por ocasião de ser iniciada a filmagem de "Uncle Andy Hardy", que servirá para seu reaparecimento depois de desincorporado das forças armadas de Tio Sam, onde serviu durante todo o período de guerra.

HOLLYWOOD

mo interesse das multidões de "fans", pelos celuloídes destituídos dêsse atrativo. Sempre o amor tomou parte integrante dos romances filmados, e sempre nêles ha de figurar destacadamente. Agora mesmo dois filmes são con-

Perry Como (à esquerda), o ídolo das garotas que escutam rádio nos EE.UU. e também galã de cinema. A' direita, Alan Ladd e Geraldine Fitzgerald preparando-se para o início da filmagem de "O.S.S.", que vai ter a direção de Irving Pichel. Ambos atenciosos e disciplinados...





Joan Fontaine interrompeu seus trabalhos de estúdio por algum tempo. Agora volta, apaixonada e mesmo deslumbada por Mark Stevens, seu galan em "From This Day Forward", da RKO (gravura ao alto). Em baixo, um flagrante na intimidade de Bette Davis com seu atual marido, William Grant Sherry, que parece não gostar muito do cãozinho da esposa... Neste momento Bette Davis filma "Decepção", com Paul Henreid. E o cachorro parece tomar parte integrante no filme! Será ele o motivo da decepção?



cluidos, nêles prevalecendo essa intensidade amorosa: "Cloack And Dagger" e "Humoresque". No primeiro, Gary Cooper é o apaixonado fremente de Lilli Palmer, enquanto no outro, Joan Crawford perde-se de amor por John Garfield, e dizem que por pouco o romance não terminava ao natural, longe das câmaras...

Aqui estão nesta página dois "climax" demonstrativos dessas paixões. Gary Cooper e Joan Crawford, veteranos na pratica dessas cenas diante dos refletores, não resistem à fascinação, respectivamente, de Lilli Palmer e de John Garfield, que por sinal, nos bastidores dos estúdios, é o tipo acabado do don Juan incorrigível...

E digam depois: Os filmes não ficam mais interessantes com esse atributo? Claro que sim... Só mesmo os sêres glaciais responderiam de outro modo.

NOS BASTIDORES FEMININOS

O homem ideal... Sonho bonito de todas as moças... Príncipe encantado que ocupa todos os nossos pensamentos... Existirá ele realmente ou é apenas fruto das nossas imaginações? O mal nosso, querida amiga, é desejar demais de um pobre homem... Queremos que tenha sentimentos elevados, que seja bonzinho, carinhoso, atencioso; que não se esqueça que nos conheceu no dia tal às tantas horas, ali, naquele jardim, no momento exato em que passava aquele formidável Packard (não, não era dele!); usávamos um vestido verde pistache, com drapado na blusa, um brochesinho de jade, cabelos soltos com lacinhas verdes e "pois" brancos, sapatos trançados com pulseira nos tornozelos, e ainda aqueles brinquinhos de que ele gostava tanto!

E vejam só! De nada disso se lembra o ingrato!

Pêrca as suas doces ilusões, querida. Guarde você as datas e esses acontecimentos tão deliciosos e de tanta importância para você, mas não espere que ele faça o mesmo.

Não é por indiferença ou porque tenha deixado de ama-la, como você erroneamente supõe; é simplesmente porque problemas mais serios o preocupam; problemas como o seu conforto e bem estar, a garantia do seu futuro e dos seus filhos; os compromissos que é obrigado a assumir para às vezes satisfazer um capricho da mulhersinha querida (já viu, meu bem, chegaram os perfumes francezes, e o Patou de que tanto gosto está custando só novecentos cruzeiros! Baratinho, não é?).

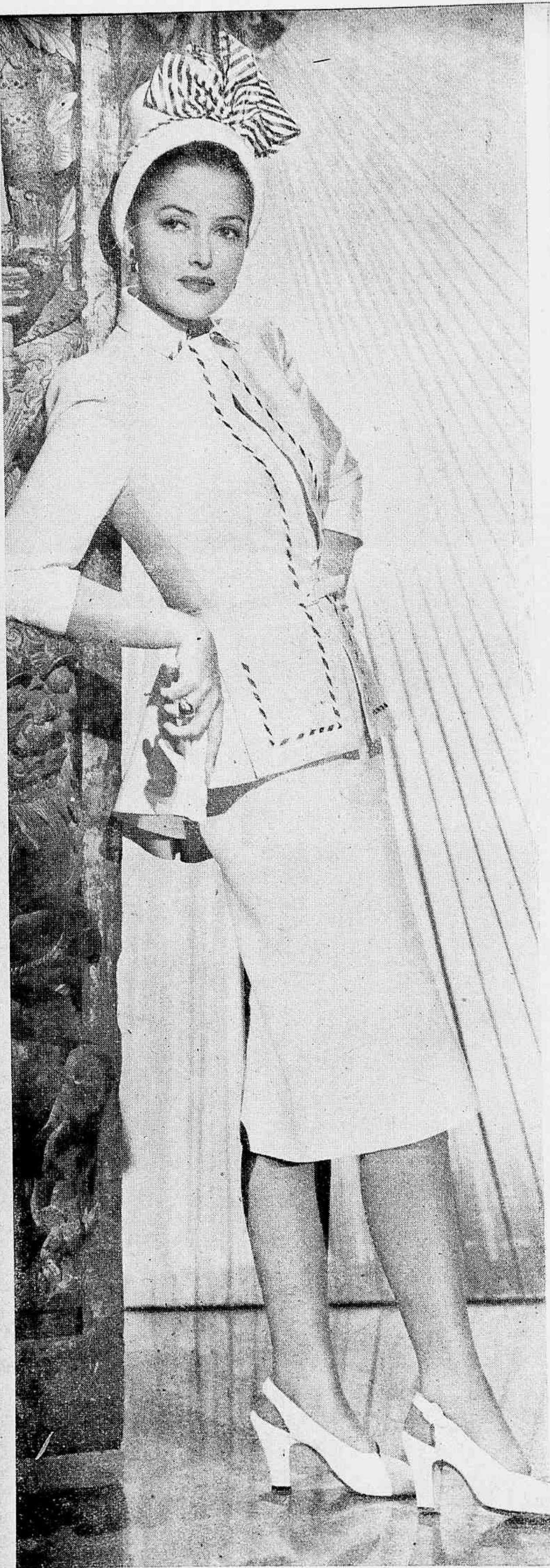
E o marido que não se lembra do vestido que você usava no dia em que a conheceu, faz às vezes uma tremenda "ginastica" para dar a você o perfume de que você tanto gosta!

Ouçá, minha amiga, si o seu marido é um homem digno, honesto, de caracter firme e energico, esqueça-se dos detalhes e procure fazê-lo feliz. Não queira adivinhar ou interpretar as suas atitudes; contente-se em ter como companheiro um homem decente, que não a envergonhe sob aspecto algum; não exija dele essas bobagensinhas que você "acha" que fazem parte do amor. Procure ter uma mentalidade mais adulta; procure compreender que você deve dar mais do que pedir; procure fazer com que o seu marido sinta que tem em você uma companheira capaz de enfrentar qualquer situação; enfim, minha amiga, procure criar para o seu marido um ambiente de simpatia e estímulo; de encanto e tranquilidade, onde ele possa encontrar uma compensação dos seus esforços e das suas lutas.

KITTY



Patricia White (W. Bros.)



Nesta página Martha Vickers apresenta às nossas leitoras dois originalíssimos trajes. O primeiro em poncho branco com interessante gola, 3/4 em azul, vermelho e branco, no casaco. O chapéu também branco, tem como único ornamento uma larga fita com as mesmas cores do traje. O segundo modelo foi apresentado na mais bela e bela quadriculada. Completa-o uma blusa branca estilo "chemisier" e uma gravata da mesma fazenda do vestido. Na página de lado Junia Paço exibindo um elegante "robe" em seda preta com ramagens de cores vivas colza e deixa em grande estilo.

NOVOS MODELOS DE HOLLYWOOD







Chapeus para a meia estação

JA estão surgindo os novos modelos para a meia estação, e, como sempre Hollywood tem a última palavra. Véus e flores voltarão a enfeitar as cabeças das mulheres bonitas (Um amigo malicioso disse que afinal as mulheres encontraram o "porque" de terem cabeça...)

Ann Miller, "estrela" da Columbia, apresenta um modelo em palha rosa pálido, de aba estreita. Sobre a copa, pétalas de veludo e tafetá rosa. Véu preto com "pois" rosa. Modelo bastante "chic", em palha preta, com véu preto e "pois" rosa. Na frente, enfeite de "gros-grain" rosa e preto. Usado por Andréa

King, da Warner Bros. Outro modelo de Andréa King, em palha azul marinho lustrosa. Véu azul marinho e fita de "gros-grain" vermelha. Uma corrente dourada, colocada sobre a fita, dá uma nota de originalidade a este modelo. Angela Greene da W. Bros é quem apresenta este modelo em palha branca com aplicação de "gros-grain" preto e véu, também preto. Patricia White, da Warner Bros, apresenta um modelinho em palha preta, aba estreita, coberta com um trançado de véu preto e rosa.

Para a intimidade

E LEGANTÍSSIMO "robe" em setim pérola. Grandes lapelas, saia "godet" somente atrás. Faixa á cintura terminando em laço. Bonita sugestão de Frances Langford da RKO Rádio, para as nossas leitoras.





A' esquerda: Esther Williams, da M.G.M., exibindo um original modelo para noite em seda cor de cereja. A' direita: Bonita Granville (e é bonita mesmo!), "estrelinha" da RKO Rádio, apresenta às nossas leitoras este sumiço traje para a noite, feito em pesada seda preta com frente em seda "branca". A parte da frente da blusa, imita jaqueta, com fios de vidrilhos em diagonais, tornando-se no tórax.

ELEGANTES

O chapéu



LA estava êle, bem no meio da vitrine da casa de modas, espetado numa haste metálica, como se fosse o centro de um universo misterioso que atraísse o olhar de todas as mulheres que por ali passassem.

Chiquita quando o viu, ficou fascinada, quedou-se por alguns instantes, adorando-o, como a um idolo. Nunca vira coisa igual que reunisse tanta delicadeza, tanta graça e esplendor.

— “Que encanto, que lindeza”, exclamou, e ajuntou: “Ha de ser meu, custe o que custar; como ficará maravilhoso com o vestido azul... Não, com o azul não, com o roxo cheio de folhinhas, sim, com este sim. Como ficará bem...” E pôs-se a mirar num espelho irreal, procurando por um duplo trabalho de imaginação, combinar as cores do chapéu com as do vestido. Entrou na loja. O caixeiro atendeu-a, pressuroso.

— “Que deseja, senhora?”

— “Quer ter a bondade de me mostrar aquele chapéu e dizer o preço?” apontou. Chiquita com o dedo indicador.

— “Qual? Aquê de florzinhas? Espere um momento, por

favor” E, enquanto retirava o chapéu, o vendedor aplicou toda arte de enganar o próximo. “Avaliou” a fregueza pela qualidade do seu vestido, o valor das joias que a adornavam, o ar de distinção, e a tudo isto somou o interesse da mesma mercadoria. Calculou a fregueza em dinheiro, juntou o empenho do comprador e estabeleceu por uma estranha matemática o preço do chapéu, muito acima do custo real, sem duvida, e com boa margem para reduções inevitáveis, em se tratando de cliente do sexo feminino.

— “Mil cruzeiros, minha senhora”, pediu êle por um objeto que não valia nem duzentos e fazendo certa mimica, que significava “Que ninguém nos ouça, este preço é só para a senhora, muito menos o patrão”, — que era êle mesmo.

— “Ih! E’ muito caro! Um absurdo! Não! Não dou tanto dinheiro!” exclamou Chiquita. E depois de um curto silencio, denunciador de elocubrações em que a vaidade entrava em renhido duelo com o senso economi-

(Continua na pág. 49)

Conto de R. Vieira — Ilustração de Orlando Mattos
Classificado no Concurso da “REVISTA”

NOVOS

Por JOÃO LUSO

Livros

ALMAS E DESTINOS, dramas radiofônicos de Darcília Azarany Bonafini — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1946.

É interessante observar como a literatura de Rádio está adaptando os velhos temas e os velhos processos que o teatro abandonou. Ao passo que este se aligeira e simplifica, buscando, para os problemas da vida, a maneira mais directa e natural de os resolver, vão os cultores da arte para o microfone apelando para o repertório vitorioso no Teatro Recreio de Dias Braga, com os seus mistérios, as suas complicações sentimentais, a sua ênfase, a sua fatalidade. As novelas que as matronas ainda têm as escas e as moças ainda suscetíveis de paixão vivem angustiadas mas com delícias, as primeiras

fazendo tróico e as outras não fazendo outra coisa se não escutar, recorrer, por sistema, aos chamados melodramas "e m todos os matad-res". Lá estão revezadamente, aos dias ou aos trs, se não todos juntos, os elementos sensacionais: o falso testamento, o sequestro, o casamento à força; o acidente aporético, necessário quando não há para a situação outro remédio; o sequestro providencial donde não se espera que ele possa vir; e a Virtude, ao cabo de mil lutas e martírios, triunfando contra o Vício. Se não fosse os neologismos ou ditos populares de momento introduzidos na retórica dos diálogos, diríamos que a acção decorre numa época distante alguns séculos da nossa. Há designações locais que parecem tiradas dos romances de Walter Scott. Assim, numa das "peças radioteatrais" da Sra. Darcília Azarany Bonafini, *Único beijo*, entre personagens evidentemente brasileiras e das atualidades, um marido resolve, por vingança cruel, mandar a esposa "para o castelo dos Ameches na Colina Azul". Aquilo lá é, um verdadeiro presidio...

Entrecho e linguagem, nessa obra como na outra do volume, *Retalhos de vida*, tudo obedece à mesma orientação anacrônica e empalada. O que, porém, no teatro se tornou arcaico e pretencioso vem a ser no Rádio moderno e natural. Os trabalhos da Sra. Bonafini estão bem dentro do estilo e do agrado do dia. Obtiveram prêmios em concursos instituídos por estações das mais prósperas e foram irradiados no programa de um dos mais conhecidos produtos da indústria de perfumaria. Portanto, não há dúvida: no gênero, são excelentes.

CANTICOS DO NORDESTE, versos de Almeida Rocha — Irmãos Pongetti Editores — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. Almeida Rocha é um nordestino que, longe da sua terra, tem saudades dela, como todos os Nordestinos e, a bem dizer, toda a gente. O que não constitui regra propriamente geral é a pessoa sentir saudades em verso. As do Sr. Almeida Rocha vêm-lhe rimadas e quase sempre em forma de soneto. São versos singelos mas cuidados, que primam pelo curho evidente da sinceridade e de certo a nenhum leitor deixarão de despertar verdadeira simpatia.

Tomamo ao acaso um dos sonetos, intitulado *Saudade do lar*:

Tenho saudade do meu lar perdido,
Daquelas plagas de sabor agreste,
Das estrélas, luas do Nordeste,
Das casas-grandes de jardim florido.

Tenho saudade do sertão querido,
Da serra amena e azul, negra celeste,
Do matagal que de vertor se veste,
Do regato, do açude, do partido.

Tenho saudade do meu lar distante,
Do aboiio longo do vaqueiro errante,
Dos alanceiros coqueirais do mar,

Do linto engenho, da feliz fazenda,
Do bambuzal, do barracão, da venda,
Tenho saudade do paterno lar.

ONELETE EM BOMBAIN, contos de Orígenes Lessa — Secção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio de Janeiro, 1946.

O título não abrange nem domina o livro. Diz respeito apenas a uma das histórias que o compõem e que de certo não é a melhor. Um passageiro de São Paulo para Santos recorda, depois, as suas impressões de maneira a tornar aquela descida animada, curiosa, rica de observações pitorescas. Entre os companheiros de trem iam dois sujeitos profusamente viajados, um dos quais conhecia o narrador e o apresentou ao outro. Travou-se uma espécie de duelo de conhecimentos geográficos e picezas de turismo, combate ardoroso, apaixonado, que rem os atropelos da merenda no Alto da Serra nem as intervenções dos funcionários da estrada conseguiram interromper. Os contendores realmente se valiam um ao outro em engenho e bravura; e a vítima da pugna veio a ser o terceiro personagem, o qual nos repete agora as frases do diálogo que mais ou menos lhe ficaram na lembrança. Alguma vantagem, porém, ele tirou da eleja cujos heróis se batiam principalmente contra a sua pessoa: aprendeu por alto os paizes onde se encontram os melhores restaurantes, com as suas especialidades culinárias; e ficou prevenido para, se um dia for a Bombaim — cá está, nas últimas linhas, a razão do título — não pedir aos garçons espécies alguma de *omelette*, pois tal acepipe é ali absolutamente intragável. Não chega, nessas páginas, a haver entrecho nem qualquer afabulação. Valem, no entanto, pela agilidade do estilo que deveras nos prende, nos leva interessadamente até ao fim.

O Sr. Orígenes Lessa é um escritor de corte vivo e enérgico; passa de um a outro episódio, servindo-os da maneira mais adequada, para lhes dar o possível poder de expressão, de eloquência comunicativa. Com igual destreza e dando sempre a impressão de espontaneidade, emprega a ironia leve, a franca-

larga alegria, a gravidade compenetrada, a intensidade comovedora. Assim nos apresenta os casos: dum furto misterioso, num colégio de rapazes já "formados"; uns amores fúteis de bonde e ao longo de alguns quarteirões urbanos dois amigos casados, com irmãs gêmeas, extremamente suscetíveis, em certos momentos, de serem confundidas; o efeito das modinhas ao violão na sensibilidade de uma aranha — efeito diverso agora da falada influência hipnótica da música em tais animalejos; a odisséia duma pobre mulherzinha da roça, procurando na grande cidade a filha que se tornara estrela dum cabaré ingóbil; o alvoroço dum garoto engraxate que acertou num milhar do Bicho — outras narrativas, variadas, vivazes, e qual delas mais divertida ou impressionadora.

FEIRA DE IDÉIAS, crônicas, contos, peças radiofônicas, fragmentos e trovas de Alvarus de Oliveira — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1946.

Nesta feira de idéias como nos bazares tão em moda, há grande variedade de artigos em exposição e marcados a preços módicos.

Por isso mesmo que deseja tornar os suas produções agradáveis, simpáticas à maioria do público, o Sr. Alvarus de Oliveira adotou — pelo menos em relação ao presente livro — uma condição geral de leveza, singeleza e vivacidade. Deu a estes trabalhos o possível de vistosidade, mas sem nenhum refinamento ou complicação. Compôs-os à mercê da fantasia ou da impressão do momento e conforme lhe parecia preferível um ou outro gênero para as disposições em que se encontrava. Abordou assim o artigo de jornal, a história de costumes, a divulgação filosófica — em pensamentos avulsos, que dariam duas ou três linhas — o teatro curto para rádio-ouvintes, o epigrama e outras formas de poesia. A nota geral de tais obras faz deduzir que o Sr. Alvarus de Oliveira não as tomou rigorosamente a sério. E se, de onde em onde, se deixou levar por uma comoção verdadeira, ou ela, por si mesma, passou depressa, ou o escritor cuidou de a vencer, pelo menos disfarçar.

A feira que estas duzentas e cinquenta páginas compõem vale sobretudo pela feição risonha. E quem a visitar por ela andarão risonhamente.

A BALAIADA, estudo histórico e político de Astolfo Serra, 2.ª edição. — Bedeschi — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. Astolfo Serra empreendeu a tarefa mais que meritória pela intenção, de reabilitar a insurreição que se chamou Balaiada, e se que tanto se falava até agora mas em geral, sem exato conhecimento de causa. Nos capítulos deste livro, ricos de matéria documental, se afirma a concepção do autor, baseada na certeza que ele adquiriu de se não tratar duma aventura de bandoleiros sem outro norte ou objectivo se não a ferocidade e a rapinagem. O seu estudo começa de longe. Vem da natureza do cenário maranhense em que se haviam de dar aos acontecimentos, bem como dos antecedentes, da índole, das condições de vida dos personagens principais do drama, das figuras secundárias e até à comparsaria.

Eram e isas que, com o tempo, se haviam tornado vagas ou obscuras e de que os leitores de hoje — os moços principalmente, solicitados por questões mais de seu interesse e de seu gosto — não poderiam fazer justa idéia. Agora, quem ler a obra do Sr. Antônio Serra, tudo ficará sabendo acerca daquele movimento, a começar pela sua denominação popular a qual, como a Jacquerie da Idade Média, na

Ilha de França, veio de um nome de homem. Neste caso se trata mais propriamente de um apelido. O homem se chamava Mancel Francisco dos Anjos Ferreira; e fora o officio de fazer cestos ou balaies que lhe valera a alcunha depois estendida a todos os seus companheiros na insurreição famosa. Desse herói trata o livro demoradamente, bem como do "principal responsável intelectual da Balaiada" o publicista, político, parlamentar, orgulhoso da sua coragem combatente como do seu "ateísmo de sempre": Estêvão Rafael de Carvalho. E outras figuras se destacam dum lado ou outro da rebelião com as suas idéias ou a sua capacidade activa, o seu prestígio para dirigir ou a sua fidelidade em acompanhar e obedecer.

Ha uma explicação liminar que assim principia:

"O movimento revolucinario que sacudiu a provincia do Maranhão no século passado e que tomou, na História, o nome de Balaiada, de um de seus caudilhos, luta que ensanguentou o Estado nortista durante dois anos de cruas refregas e que só foi sufocada pela acção fulminante de Caxias, não está ainda devidamente interpretado à luz da sociologia moderna que estuda êsses movimentos, nestes tempos, sob um outro critério mais humano e mais científico."

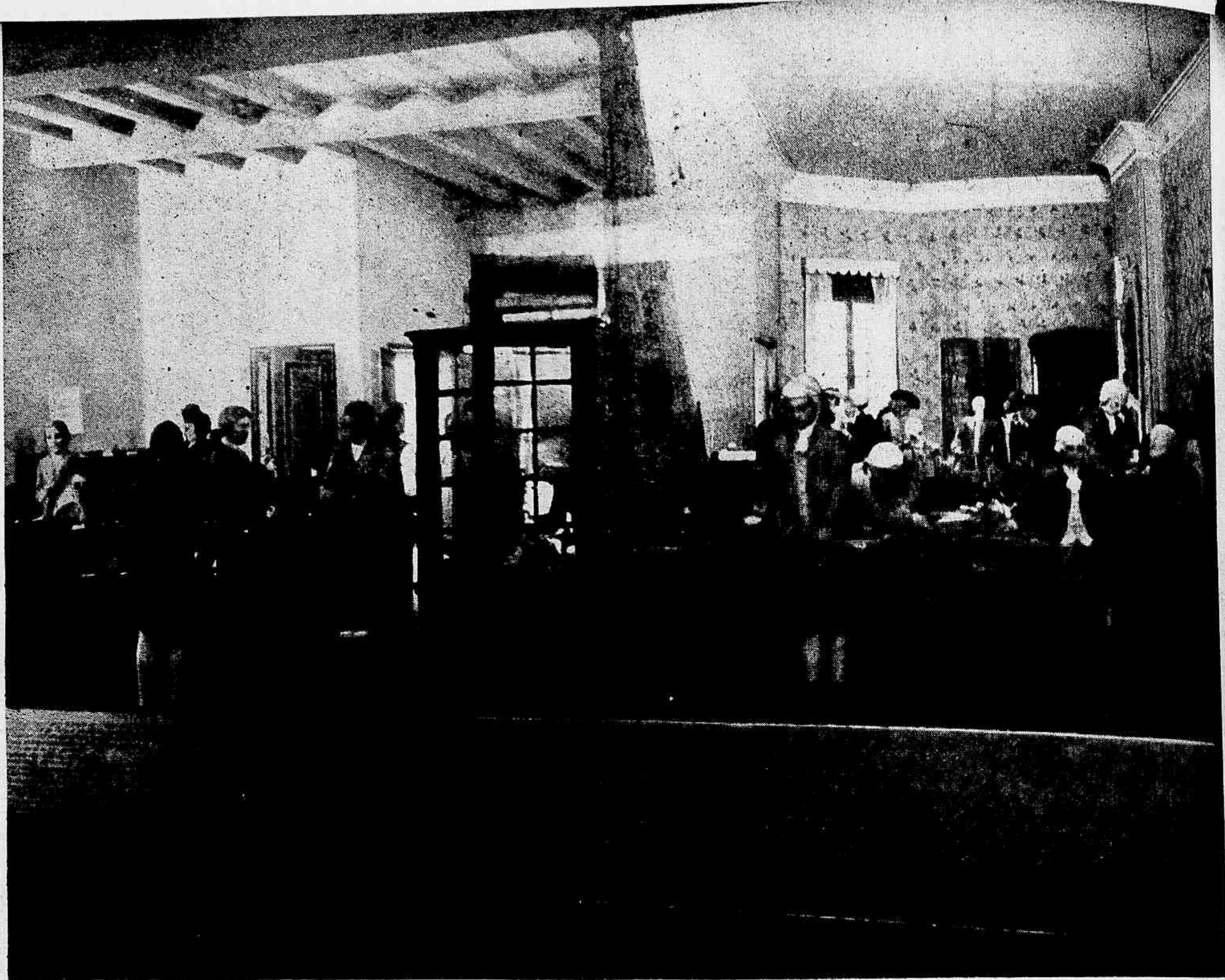
Foi a esse trabalho de exame e comentário que o Sr. Astolfo Serra empenhadamente se applicou e conseguiu dar honroso cumprimento.

RECEBEMOS:

O açúcar e a guerra, série de artigos do Sr. Joaquim Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 1946.

O patronato agrícola Wenceslau Braz, por Adalberto Mário Ribeiro, separata da "Revista do Serviço Público". Rio de Janeiro, 1946.

REVISTA DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, ano IX, n. 34, com trabalhos assinados por Guilherme de Almeida, Castro Nery, Monteiro Lobato, Afonso Schmidt, Mário de Andrade, Plínio Ayroze, René Phiollier e outros escritores — além de abundante matéria de redacção.



"Maquette" de um escritório de remessa postal e outro de recebimento, do século XVIII, em exposição neste momento, no museu postal da rua Saint-Romain, em Paris, juntamente com uma variada e interessante coleção de documentos relativos à evolução do material dos correios. Essa exposição foi inaugurada exatamente no Dia do Selo, cuja comemoração, com alto sentido patriótico, se desenrola em toda a França. Ali também figuraram antigas e preciosas coleções de selos emitidas, através dos tempos, naquele país.

Uma exposição original

Verdadeiramente inédita a exposição que vem de realizar-se em Paris, por motivo das comemorações do "Dia do Selo", levadas a efeito recentemente. Por iniciativa do Ministério dos Correios, Telegrafos e Telefones da França, foi inicialmente emitida uma nova vinheta, com a esfinge de Fouquet de la Varanne, fundador do correio do Estado a serviço público.

No Museu Postal da rua Saint Romain, abriu-se uma exposição retrospectiva, reunindo amplo documentário sobre a evolução do material postal usado em diversas épocas. Na gravura à esquerda, o novo selo representando o Primeiro Promotor dos Correios, Fouquet de la Varanne. E na página em frente: Ao alto, "maquette" das malas postais Paris-Geneve, juntamente com variada documentação concernente à evolução do material dos Correios. Em baixo, "maquette" dos carros empregados para o transporte de despachos e malas reservadas à linha Paris-Strasbourg.

Não foi apenas uma exposição de selos o que se ofereceu ao público e aos estudiosos, mas uma reconstituição de várias épocas. As

miniaturas foram feitas em obediência fiel aos tipos de carruagens através dos tempos, sob o controle de autoridades em história, e os alunos de todas as escolas, públicas e particulares, realizaram visitas, em série, ao Museu da rua Saint-Romain, para melhor se orientarem do valor instrutivo e patriótico desse empreendimento.

Durante o período da invasão nazista, muitas coleções de selos foram destruídas ou roubadas, mas grandes somas são oferecidas agora como prêmio àquelas que apontarem à Polícia um lugar de referência para a apreensão dessas raridades. Atendendo a ter sido a França um dos primeiros países do mundo a estabelecer regularmente um serviço postal, isto há mais de três séculos, é fácil imaginar a curiosidade despertada pelas comemorações do Dia do Selo, não só na França, mas em todos os países civilizados. Comissões de representantes dos grandes filatelistas norte-americanos e ingleses, especialmente convidadas, estiveram presentes ao ato inaugural da Exposição, que ainda se conservava franqueada ao povo, segundo as últimas notícias.

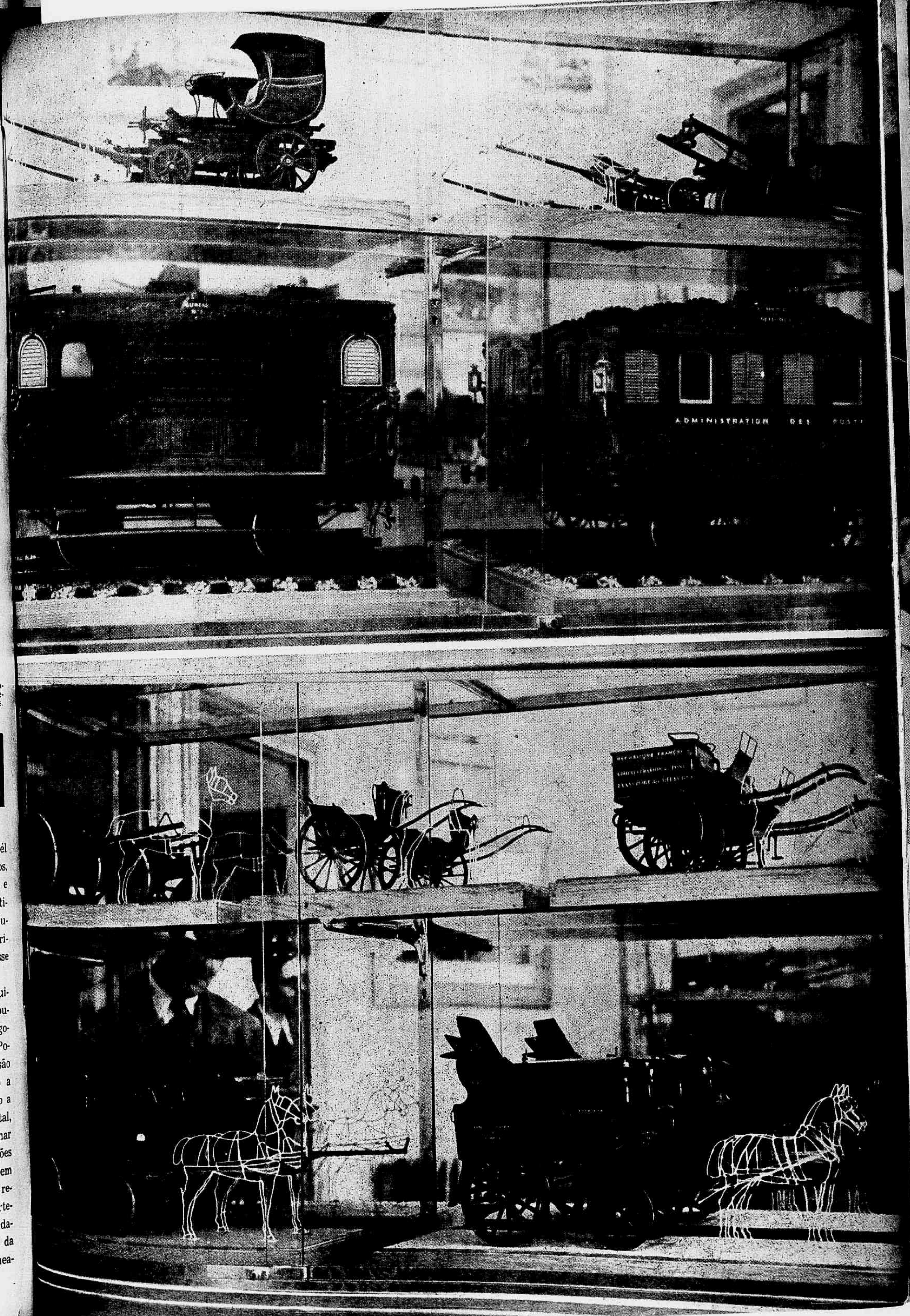


junta-
come-
e país.

al

a fiél
empos.
ória, e
parti-
o Mu-
se ori-
dêsse

, mui-
u rou-
as ago-
á Po-
eensão
sido a
undo a
postal,
aginar
orações
as em
de re-
norte-
onvida-
ural da
anquea-
s.

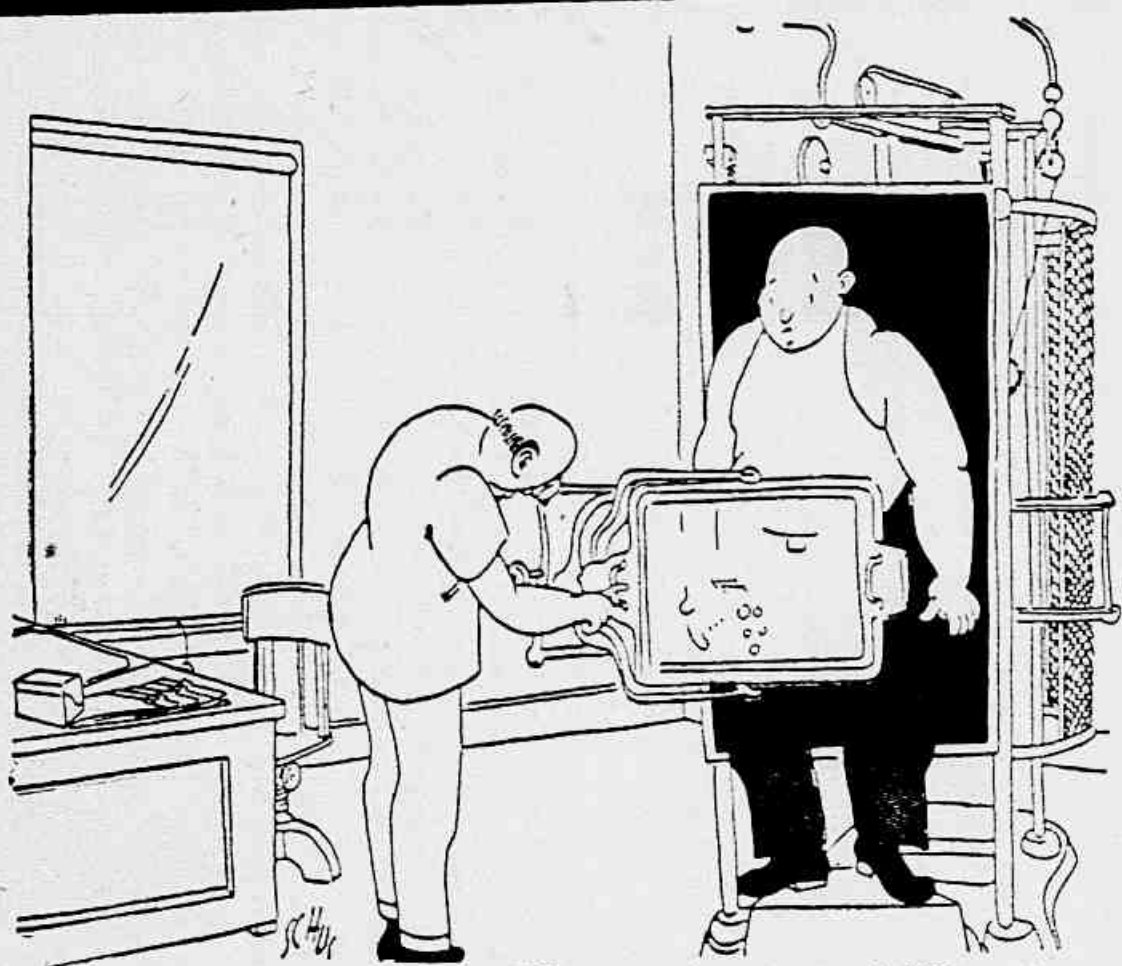




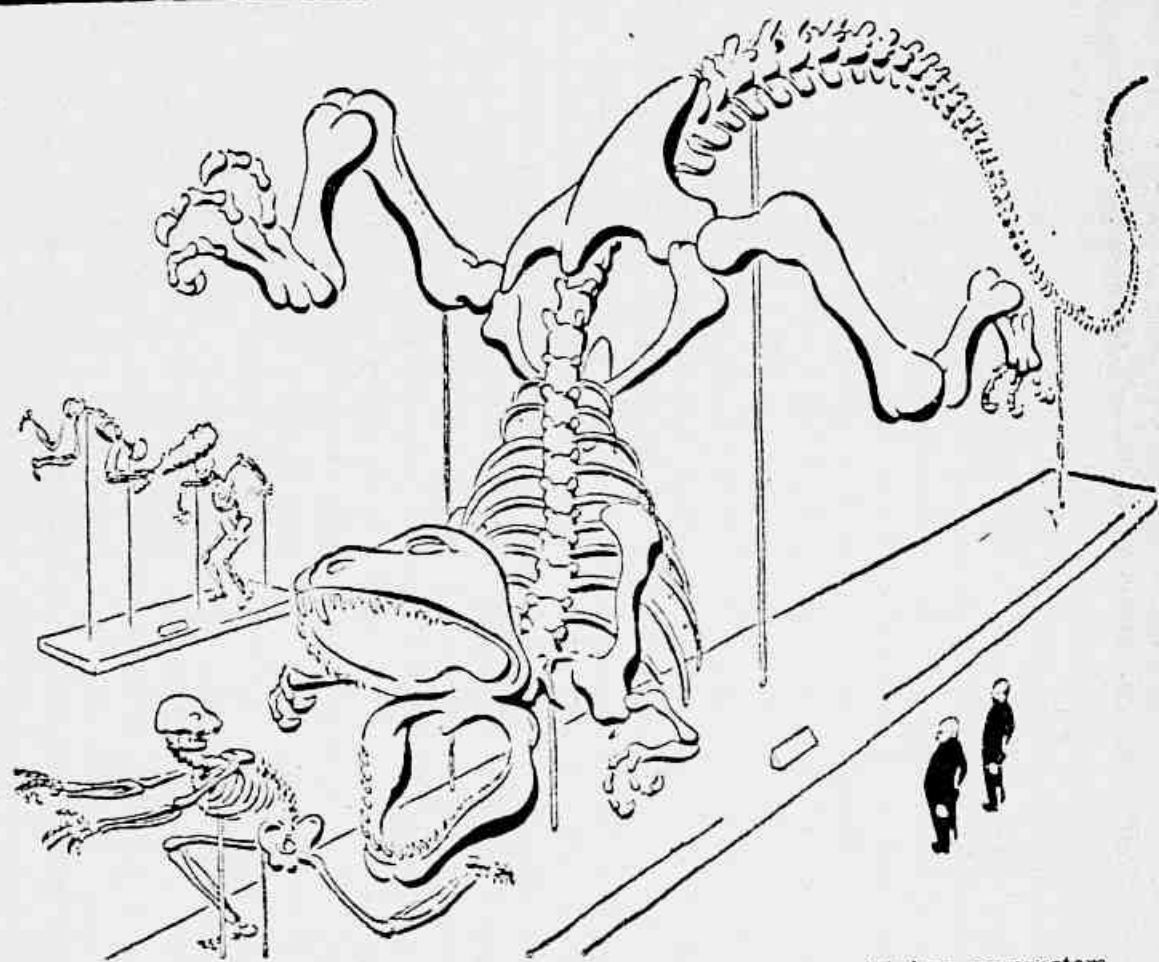
— Calculo o quanto você deve sentir-se feliz de ser o primeiro marido de uma garota bonita como eu, amor!



— Não mude de roupa, não, Anacleto! Faltou água e precisamos jantar fora...



— Cinco... dez... quinze... Exatamente dezesse e setecentos mil quanto o senhor engoliu, amigo!



— Que tal, doutor? Não lhe parece que essas caveirinhas emprestam maior cor local ao ambiente?



DE BOM HUMOR



Sra. William
triz norte-

A Cia. Ed.
mercantes



Sra. William D. Pawley, Embaixatriz norte-americana no Brasil.

FIGURAS E FATOS

Sra. Carmen Camucé Schieck, esposa do dr. Hugo Walter Schieck, em companhia de seu filhinho Hugo Walter.

A Cia. Editora "Fon-Fon" e "Seleta" inaugurou no dia 27 do mês p. findo sua nova séde, á rua Pedro Alves 60, com a presença de numerosas pessoas da nossa sociedade, comerciantes e jornalistas. Lançou a benção ao edificio o Padre Noé Gualberto, que depois saudou a direção da empresa. O sr. Ari Sergio Silva agradeceu, servindo-se champagne e lauta mesa de dôces aos presentes.





UM POEMA DANÇANTE — Galina Ulanova, uma das três principais figuras do "ballet" soviético, é um verdadeiro poema dançante, uma elegia tornada viva para a dança. No palco dá a impressão de um ser constituído de uma bruma ligeira que passa diante de nós como uma leve nuvem e da mesma forma desaparece, deixando-nos comovidos e como que transportados para um outro mundo. É o grande milagre da Arte. Na foto, ela aparece num flagrante do bailado de Tschaikovsky "O lago dos cisnes", interpretando o papel de Odete.

O "ballet" russo goza há alguns decênios de uma glória universal, conhecido e admirado no mundo inteiro por todos aqueles que apreciam a verdadeira arte e têm educação do gosto para as emoções do belo.

A escola de bailado de Leningrado que festejou há oito anos dois séculos de existência — um aniversário excepcional! — é considerada em nossos dias como um verdadeiro templo da dança clássica e se desenvolve de ano para ano sem nunca deixar extinguir-se o fogo sagrado da bela tradição. Ter sido aluno da escola de dança de Leningrado é considerado como um título de glória, tanto na Rússia como em outros países da Europa e da América. E não é por acaso que se vêm sobre os cartazes dos teatros de Paris, New York e Londres tantos nomes de dançarinhas russas.

Mas o que se conhece no estrangeiro sob o título de "ballet russo" nem sempre representa o que nós temos atualmente, pois o "ballet russo" tornou-se soviético, o que não significa absolutamente uma simples troca de nome. (Ce qui n'est point un changement de nom tout court). A Grande Revolução de Outubro de 1917, dando, à vida do país um curso inteiramente novo, ao mesmo tempo contribuiu para a formação de um novo tipo de homem moderno e de uma arte nova, destinada a retratá-lo, a ele e a tudo que o cerca. Este homem moderno, nós o queremos ver por toda parte — na literatura, na pintura e no teatro. Pretendemos que nossa vida considerada em todas as atividades, nossas emoções, nossas esperanças e nossos desejos e reflitam em nossa arte e que nossa arte, estreitamente ligada àquela, nos ajude a viver e a tornar a vida mais bela.

Sendo o bailado uma arte como outra qualquer, ela teve diante de si os mesmos problemas que afetaram as demais. Era preciso guardar a bela tradição conservada durante séculos mas, ao mesmo tempo, tornava-se imprescindível a necessidade de criar obras inteiramente novas. As belas fadas e os príncipes langorosos que enchiam como figuras principais as cenas dos nossos teatros e dos

O "BALLET" SOVIÉTICO

Alguns decênios de glória universal — Seme-nova dançando "O Cisne" de Tschaikovsky é o símbolo de uma bela alma lutando para atingir a felicidade — Ulanova e Lepechinskaia, outras grandes figuras de mininas do "ballet" — A renovação atingiu profundamente a dança masculina — Os antigos príncipes amaneirados e os modernos heróis

Por E. S.



nossos bailados deviam ceder lugar a personagens novos cujos sentimentos, refletidos pela música e pelo movimento, pudessem (sauraient) comover profundamente as almas. A dança devia deixar de ser um mero divertimento para se tornar um intérprete das grandes emoções. Da mesma forma que na nossa pintura hodierna um quadro não poderia ser simplesmente uma mistura de cores e linhas aplicadas sobre a tela sem outro fim senão o de fazer valer sua beleza em si mesmo, não representando nenhum objeto da vida real, o "ballet" não poderia ser uma suite de danças abstratas que não obdeceriam a nenhum movimento da alma nem refletiriam nenhuma emoção. Já nos bailados antigos de Tschaikovsky pode-se apreciar a interpretação de sentimentos profundos pela música e pela dança, o que, por outro lado, tem sido um traço característico da escola de dança russa. Tal é o que acontece, particularmente, no célebre adágio do cisne e do príncipe em "O lago dos cisnes", adágio no qual, em cada movimento do corpo palpitante da dançarina, dos seus braços que planam no ar como as azas de um grande pássaro branco, acredita-se ler, tal como se ouve na divina música do grande mestre russo, os diversos sentimentos que ele quis emprestar a seus personagens: o amor nascente, a esperança e os tristes pressentimentos do cisne que é uma mulher enfeitada e que quer romper o jugo imposto pelo cruel mágico, conquistar sua liberdade e seu direito ao amor. O moderno bailado soviético quis este mesmo caminho. Depois que contava à sua disposição com a música de Tschaikovsky, o "ballet" russo tinha, de algum modo, adquirido uma alma.

Nossas bailarinas modernas têm lutado por

A DANÇA MASCULINA é um dos problemas que se colocaram em face da renovação do "ballet" soviético, exigindo a atenção dos grandes artistas. Não mais os langorosos príncipes maneirados e de sorrisos açucarados. O homem deve aparecer como um belo guerreiro, um herói, um intrepido, um caráter viril e não como uma mariposa adejando de flor em flor. Ermolaieff que se vê na foto, é um dos renovadores. E dá um exemplo bastante significativo no dramático flagrante em que aparece

aprofundar a da
sem nunca
inúmera
"dança n
clássica,
"tours"
exigem o
movimen
da" de m
dos senti
braços,
mo deve
esses m
dos e re
impregn
dos de u
Certo,
nho vist
da pelo
e a suce
nunca e
emoção.
de uma
que ao
As ba
tra cou
Shakesp
têm pro
heroism
mais be
humano

UMA AT
dos das
dos palc

aprofundá-la ainda mais. Pretendem conservar a dança clássica em sua grande pureza, sem nunca se deixarem tentar pelas correntes inumeráveis que se qualificam a si mesmo de "dança moderna". Têm guardado a dança clássica, seus arabescos e suas atitudes, seus "tours" e "fouettés", mas ao mesmo tempo exigem que tais movimentos não sejam nunca movimentos abstratos da "ginástica dançada" de modo algum, mas sempre a expressão dos sentimentos que animam a dançarina. Os braços, os ombros, todo o corpo e o rosto mesmo devem dançar com as pernas, para que esses movimentos, por muito tempo estudados e repetidos em classe todos os dias sejam impregnados de um senso profundo, penetrados de uma música interior.

Certo, muitas vezes nos bailados que eu tenho visto em outros países, ficava maravilhada pelo encadeamento dos belos movimentos e a sucessão de cores não menos belas, mas nunca essas danças me faziam empolgar de emoção. Era agradável de ver mas tratava-se de uma arte que se dirigia mais aos olhos do que ao coração.

As bailarinas soviéticas têm procurado outra coisa: têm querido dançar a Julieta de Shakespeare e a Laurencia de Lope da Vega, têm procurado interpretar o grande amor e o heroísmo supremo e todos os sentimentos, os mais belos que possa fazer nascer o coração humano. E elas o têm conseguido.

Nossas grandes dançarinas, tais como Ulanova, Semenova e Lepechinskaia representam todas o novo "ballet", ainda que consideravelmente diferente uma das outras.

MARINA SEMENOVA

E' a mais idosa das três. Ela fez seu aparecimento no Teatro Mariinsky de Leningrado, em 1925, no momento em que se começava justamente a colocar a questão: se o "ballet" russo sobreviveria à Revolução ou se era uma arte de tal modo ligada ao passado que não pudesse jamais responder às exigências do espírito moderno. E Semenova foi uma das que, graças ao seu talento, puderam demonstrar que a arte do "ballet" não é absolutamente tão arcaica como alguns pretendem demonstrar e que uma bela dança traz em si uma tal riqueza de emoção que pode ser compreendida em qualquer tempo e em todos os países. Semenova fez mais ainda: achou um meio de repassar de um sopro moderno a antiga dança clássica; moderno no sentido mais largo da expressão, significando alguma coisa que é particular à Rússia de hoje.

Quando Semenova dança "O Cisne" de Tchaikovsky vê-se nela como que o símbolo de uma bela alma que luta para atingir a felicidade. Os personagens que ela interpreta, quaisquer que eles sejam — princesas de algum velho conto, pássaros encantados ou ain-

da heroínas do grande Pouckine, — E essas figuras são sempre ativas e belas, fortes e grandes na desgraça. Nunca elas se deixam abater pela infelicidade, jamais o temor as detem, vão diretamente para o seu objetivo, certas de atingi-lo; e se elas morrem, tem-se a impressão de que, não obstante, triunfaram. Dir-se-ia que Semenova é a Vida em pessoa e quando ela aparece, ativa e majestosa, a cabeça erguida e o rosto iluminado por um ligeiro sorriso, dança verdadeiramente a Vida esta vida sempre vitoriosa que tem suas dores e suas tristezas, as quais é preciso saber enfrentar, mas que é sobretudo grande e bela em sua triunfante majestade.

GALINA ULANOVA

Galina Ulanova é igualmente bela. E' um poema dançante, uma elegia tornada viva para a dança. Semenova é uma Rainha que atravessa o universo com uma corôa brilhante sobre a cabeça; Ulanova é uma silueta branca deslizando na sombra, iluminada apenas por um pálido raio da luz da ula. Quando Ulanova dança, acredita-se ver um sonho encarnado, um ser constituído de uma bruma ligeira que passa diante de nós como uma leve nuvem e da mesma forma desaparece deixando-nos comovidos e como que transportados para um outro mundo. E no entanto, tem-se o direito

(Continua na pág. 52)

UMA ATITUDE PRE-REVOLUCIONÁRIA — Como é sabido, os papeis confiados aos homens no "ballet" clássico, em nada diferiam, pela "coquetterie" e preciosismo das atitudes, dos das mulheres. Alexei Ermolaieff aparece, nesta foto, num flagrante que seria condenado no bailado russo, depois da Revolução de Outubro. A' direita, Marina Semenova, veterana dos palcos de Leningrado e Moscou, que empresta aos seus papeis um ar de beleza e altivez. Graças à sua grande força interior, ela triunfa sempre, mesmo dançando o cisne que morre.



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



TRANSPIROL



Atriz Lidia Vani, do elenco Jaime Costa, ora atuando no Teatro Glória.

Lidia Vani é, no meio teatral, apenas uma atriz. Isso causa espanto. Um ator pôde ser somente ator. A atriz; não! deve ser mulher também e, a par dos seus sucessos no palco, cabe-lhe apresentar extensa lista de exitos sentimentais, sem o que pode periclitar seu prestígio... Uma multidão de paixões alimentadas vale por gloriosa consagração...

— Divirto-me grandemente com êsse "outro lado" da vida de Teatro. Talvez porque vivamos em evidência, talvez porque grande numero de figuras de destaque do Teatro de todos os tempos, tenha cedido escandalosamente ao prazer das aventuras de amor, entendem os sentimentais de dentro e de fóra do palco que os dois planos — o artístico e o real — se confundem dentro de nós... Não é exato! O Teatro me absorve, me exalta, me fascina, sou todo dele! O amor... não será rematado tolice perder tempo considerando-o?

Iamos discordar porque sua encantadora figura era um protesto vivo contra essa forma de pensar. Seus lindos olhos, de um azul purissimo, serenos e sinceros, emudeceram-nos.

— Ha, todavia, um grande amor na minha vida, o Teatro. Dou-lhe todo o meu devotamento e minha compreensão, ao mesmo tempo que mégo minhas possibilidades que me parece acharem-se acima do que haja feito até agora. Não me julgue presunçosa: entendo que se o artista sente que não pode ir além do ponto já atingido, seu esforço será inutil, o melhor é desistir, porque devemos ascender sempre. Com receio de me enganar a mim mesma, leio com toda a atenção o que a crítica diz a meu respeito e do pouco que tenho feito. E ela, até hoje, não me desencorajou.

E a uma pergunta nossa, assim remotou a palestra:

— Sinto-me muito bem junto de Jaime Costa e dos seus artistas, alguns excelentes! O desejo latente de um Teatro melhor, mais elevado, produzirá, gradativamente, a seleção do repertório e assim aparecerão peças interessantes e mais substanciais. Surgirão, dêsse modo, as oportunidades com que sonho... E oxalá não fracasse!

Queremos crer que não. Lidia Vani uma das figuras novas do nosso Teatro de comédia melhor dotada, tem um largo futuro deante dela.

(Calvino Lopes)

T E A T R O

AS CO
A Escócia come
De um lado, a long
tradição democrática
elementos ricos "gr
novela e protatista
da Inglaterra. F
e seu pai, até a Un
das pinturas e um
des. A Escócia
ação poderosa
Existem quatro
Edinburgh. São a
Museu Escocês e
municipais estand
as cidades peque
A pintura esc
melhos anos de sé
érie de salas da
Jameson e John
artista Thomson de
estética da pintura
impressionista, má
Gainsborough, o
O segundo gr
na segunda met
isto no colorido
impressionistas a
com espuma e d
É justamente
no que diz respo
A Escócia, a
tísticos, antes de
ríodo celtico, não
apresentar trabal
Nacional de Ant
também a fase p
A arte das e
récia e a Galeria
Van Dyck Titian
Corot, Monet —
representados p
uma das precios
Mas, talvez
responsáveis est
artísticos da G
tomando-se um
A Galeria Glas
proba de patro
Durante a guer

AS COLEÇÕES DE ARTE DA ESCÓCIA

Por IAN FINLEY

A Escócia começou um pouco tarde a colecionar obras de arte, num sentido amplo. De um lado, a longa luta pela existência tornou-a um país pobre; de outro, a sua antiga tradição democrática não permitia que encontrassem em sua história os poderosos e fabulosamente ricos "grandes coletores", cujos palácios e coleções de quadros, tapeçarias, móveis e prateiras formaram o núcleo das grandes coleções que se encontram hoje em museus e galerias de França, Alemanha e Rússia. O Rei Carlos I (1625-1649) era um Stewart da Inglaterra, França, Alemanha e Rússia. O Rei Carlos I (1625-1649) era um Stewart da Inglaterra, França, Alemanha e Rússia. O Rei Carlos I (1625-1649) era um Stewart da Inglaterra, França, Alemanha e Rússia.

Existem quatro museus nacionais e galerias na Escócia, todos situados na capital, Edinburgh. São a Galeria Nacional da Escócia, a Galeria Nacional de Retratos, o Real Museu Escocês e o Museu Nacional de Antiquidade. Existem ainda algumas coleções municipais estando a maior e mais importante localizada em Glasgow, enquanto diversas cidades pequenas como Perth e Kirkcaldy possuem interessantes galerias.

A pintura escocesa começou no século dezanove e alcançou o seu auge nos primeiros anos do século dezanove. Estes duzentos anos muito bem representados por uma série de salas da Galeria Nacional da Escócia, onde encontramos quadros de George Jamesone e John Scougall, Allan Ramsay, Sir Henry Raeburn, Geddes, o grande paisagista Thomson de Duddingston, Wilkie e David Scott. A paisagem é a principal característica da pintura escocesa durante este movimento romântico, e a obra de Raeburn — impressionante, masculina pode ser comparada com ótimos exemplos de Reynolds, Romney e Gainsborough, os mestres ingleses contemporâneos, na outra sala.

O segundo grande período da pintura escocesa foi iniciado com a "Escola Glasgow" na segunda metade do século dezanove — um grupo de pintores interessado antes de tudo no colorido e no desenho. Ao mesmo tempo surgiu o grande William McTaggart, impressionista antes do advento dos impressionistas, cujas marinhas parecem pintadas com espuma e água salgada.

E justamente no trabalho destes homens que reside toda a força da Galeria Glasgow, no que diz respeito à pintura escocesa.

A Escócia, entretanto, produziu verdadeiras obras primas em outras atividades artísticas, antes de começar a pintar. A escultura, a ourivesaria e os manuscritos do período céltico, não são tão brilhantes quanto o trabalho irlandês; mas a Irlanda não pode apresentar trabalhos de entalhe tão perfeitos como os realizados pelos Pictas. O Museu Nacional de Antiquidade é particularmente rico em material deste período, abrangendo também a fase pré-histórica e da ocupação romana.

A arte das escolas estrangeiras se continua principalmente à Galeria Nacional da Escócia e à Galeria Glasgow, nelas se encontrando obras mundialmente conhecidas. Rubens, Van Dyck, Titiano, Tintoretto, Hals, Hobbema, Vermeer, El Greco, Giorgione, Ruisdael, Corot, Monet — todos estes grandes vultos da pintura de todos os tempos acham-se representados pelo menos por uma ou duas telas. A "Fête Champêtre" de Watteau é uma das preciosidades da Galeria Nacional.

Mas, talvez mais importante do que o conteúdo destas galerias é o fato dos seus responsáveis estarem atentos às necessidades do público. Durante a guerra os tesouros artísticos da Galeria Nacional da Escócia foram transferidos para local mais seguro, tornando-se um centro de exposições apresentando à Escócia a cultura de seus aliados. A Galeria Glasgow, dispondo de mais espaço, continua as suas exposições especiais e acaba de patrocinar uma revista de arte de que há muito a Escócia sentia falta.

Durante a guerra, as mais preciosas telas da Galeria Nacional da Escócia foram escondidas para não sofrer qualquer imprevisto desagradável.



A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres

— por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome. A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.



Baton
Van Ess

a cor moderna adequada ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" atomizado



NÃO BAILE
ou
NO PASSEIO
a mesma distinção

Os perfumes MADRESELVA dão às senhoras elegantes uma nota de incedível distinção. Extratos de suavidade e aroma incomparáveis, rivalizam com os estrangeiros em qualidade — e custam muito menos. Há toda uma série de perfumes MADRESELVA à escolha do seu gosto apurado. Peça-os ao seu fornecedor.



Extrato
MADRESELVA
DE LUXO

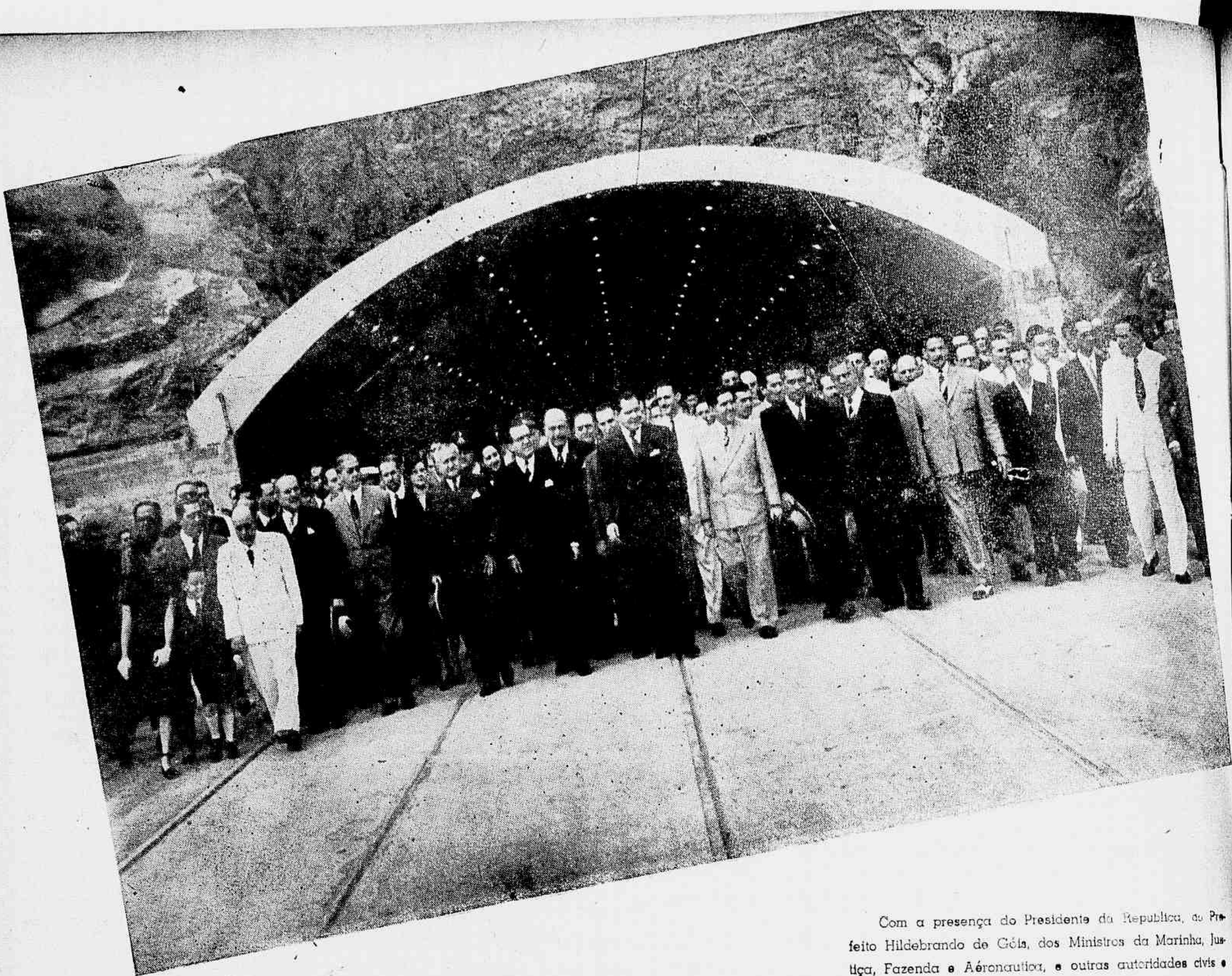
Outros extratos
MADRESELVA:
Narciso branco
Narciso negro
Mon désir
Zilcon

Produtos
MADRESELVA

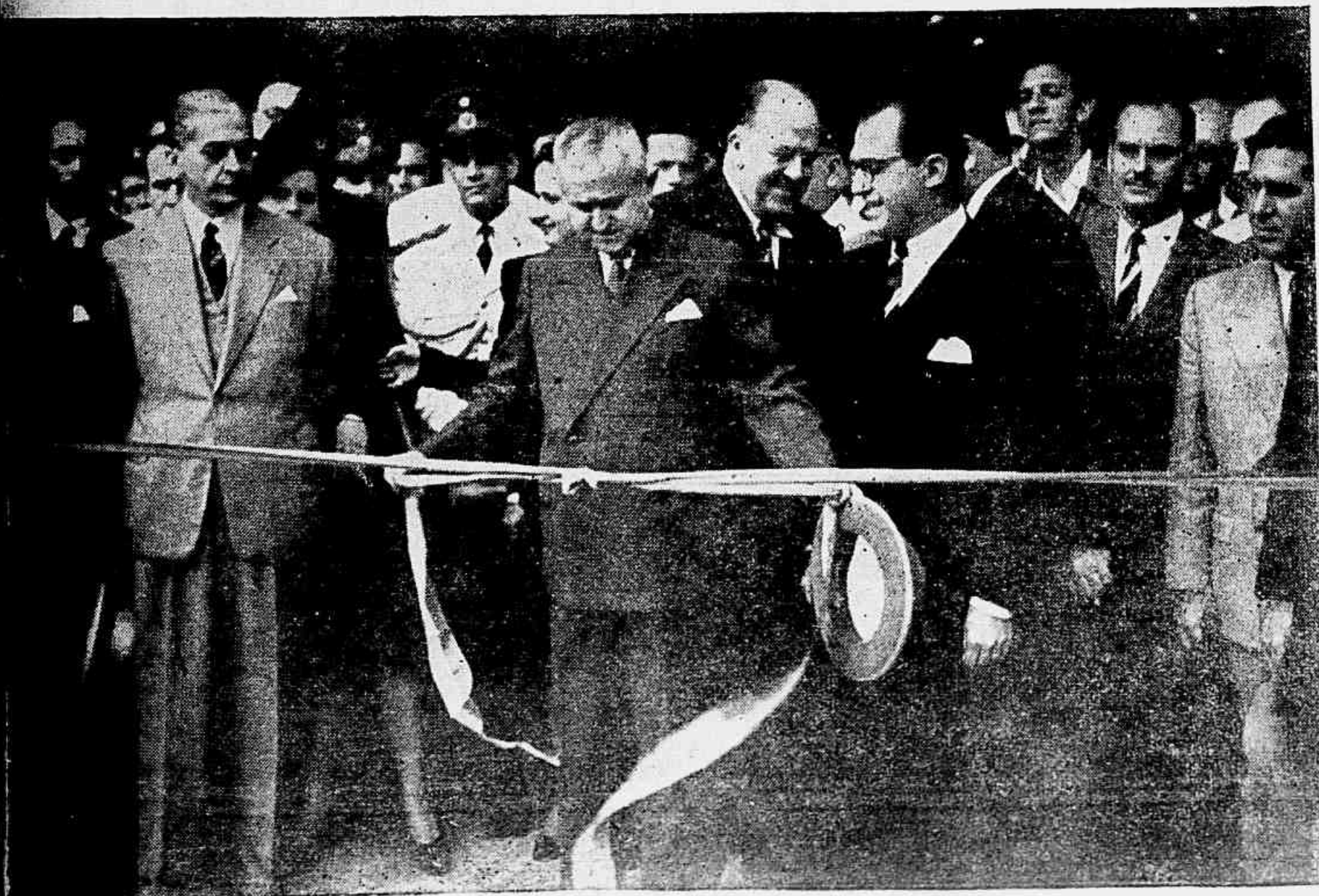
Representantes exclusivos para todo o Brasil:
REPRESENTAÇÕES CIVIA S. A.
Avenida Rio Branco, 311 (Edifício Brasília) 2.º andar - Tel. 22-1848 (Rede interna)
Em São Paulo: Avenida Ipiranga, 795 - Tel. 6-3981
Em Niterói: Rua Vde. do Uruguai, 485 - Tel. 2-2437

1951





O novo e monumental Túnel Copacabana



Com a presença do Presidente da República, do Prefeito Hildebrando de Góis, dos Ministros da Marinha, Justiça, Fazenda e Aeronáutica, e outras autoridades civis e militares, foi inaugurado no dia 20 de Julho o magnífico Túnel de Copacabana.

O General Eurico Dutra, Presidente da República, tendo sido recebido pelo Prefeito, presidiu a solenidade inaugural, dirigindo-se à entrada do imponente túnel, onde acionou uma alavanca de contato iluminando, assim, a nova via de acesso. Logo após, cortou a fita simbólica, tendo na ocasião o Sr. Hildebrando de Góis proferido eloquente discurso sobre o ato, do qual transcrevemos os seguintes trechos:

"Não é mais possível, sem incorrer em grave omissão, deixar de acompanhar o progresso da capital, assistindo com espírito dinâmico e oportunas decisões. A Cidade maravilhosa não se basta a si mesma por mais bela que se reflita no espelho movediço das águas da Guanabara nem mais caprichosa e feminina se apresente no contorno de suas serranias, na raridade de seus felizes e da sua sedução. A cidade impõe e o Governo obedece, com aquele solícito sentimento de obediência, proveniente do amor, misto e ternura de exaltação".

Prometendo realizar mais e melhor, disse, ainda o Prefeito:

"A este túnel, cuja composição externa é final, do ponto de vista estético, depende ainda das obras a serem imediatamente atacadas no Túnel Velho, seguiu-se, então, outros, que encurtando as distâncias e desalojando o tráfego, levam aos bairros atlânticos a comodidade, a que a sua população tem direito. E se, de momento, a esses bairros da zona sul apenas nos referimos é que o desejo desta inauguração só lhes diz respeito, e que não importa em deslembração ou omissão dos outros bairros longínquos da cidade até onde há oportunamente o poder público levar as seguranças de sua vigilante presença".

Imensa multidão aglomerou-se ao local participando da cerimônia, fato que exprime de maneira cabal o interesse público por esta notável realização.

Iniciado em 1941, a construção do novo túnel esteve paralisada cerca de dois anos devido ao enriquecimento da materialização da obra. Filadelfo da Aguiar

e finalmente concluída na atual administração do Prefeito Hildebrando de Góis.

O Tunnel da Copacabana tem de comprimento 249,20 metros por 18 de largura; 3 metros de flexa do arco; 3 metros de altura dos pés direitos; 6 metros de altura total do eixo; 1,70 metros de largura do passeio elevado e 70 centímetros de largura da faixa de proteção.

A Capital da República pode agora orgulhar-se de possuir um amplo e belo túnel, o qual abriu novas perspectivas de desenvolvimento e progresso para a metrópole brasileira.



Na página ao lado, ao alto:

O Presidente da República acompanhado por altas autoridades e pelo povo, retira-se após o ato inaugural.

Em baixo:

O General Eurico Dutra cortando a fita simbólica.

Nesta página, ao alto:

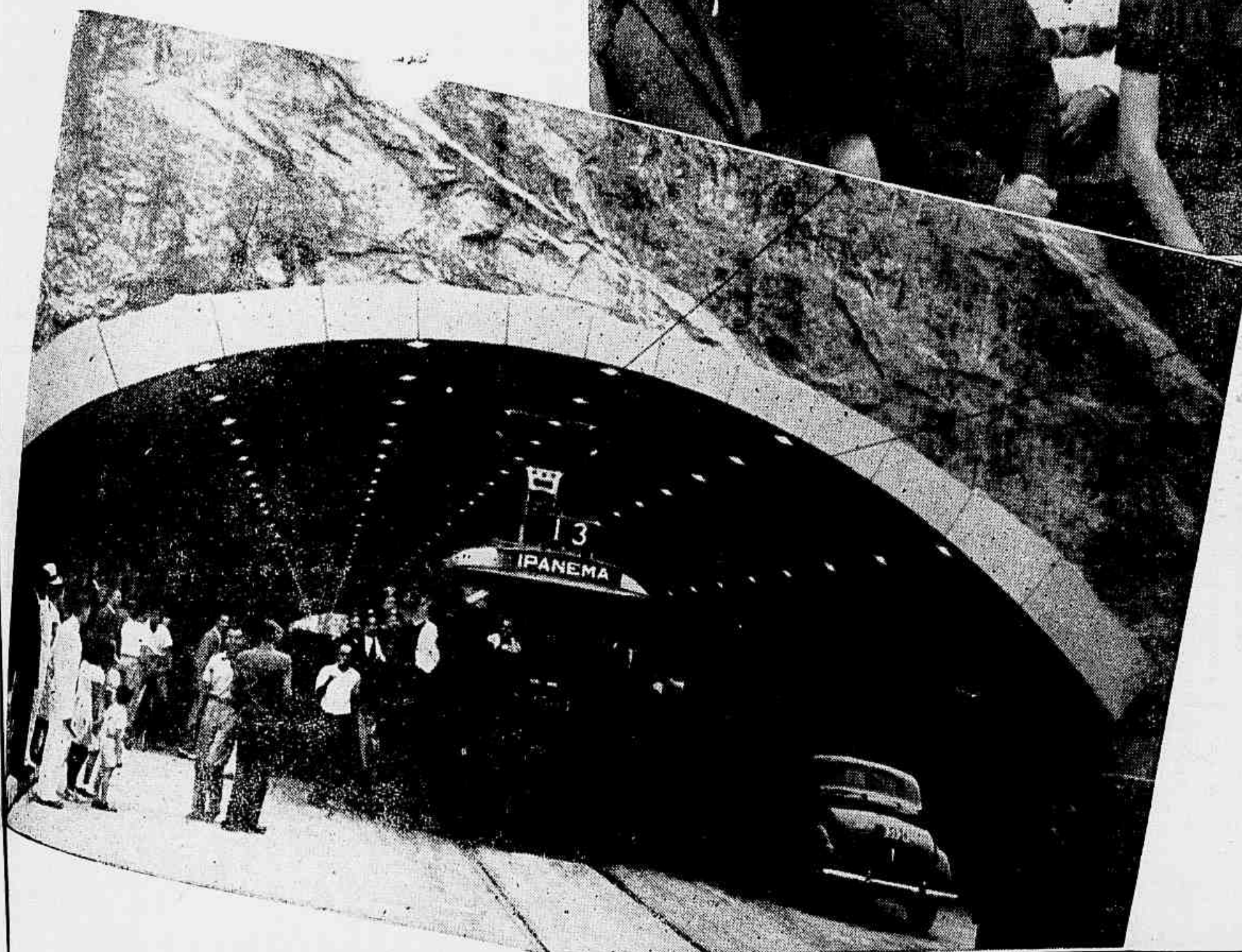
Aspecto da inauguração quando falava o Sr. Hildebrando de Góis, vendo-se também o Chefe do Governo, tendo a sua direita o Dr. Carlos Luz, Ministro da Justiça.

Ao centro:

Uma perspectiva do novo e imponente túnel.

Em baixo:

O Prefeito Hildebrando de Góis pronunciando o seu notável discurso.



O CENTENARIO DA PRINCESA

Transcorreu no dia 29 do mês ultimo o primeiro centenário do nascimento da princesa Isabel, que exerceu por três vêzes as funções de regente do império, sancionando os atos legislativos de 28 de setembro de 1871 e de 13 de maio de 1888, relativos á abolição da escravidão. O governo e varias instituições realizaram diversas solenidades, atendendo á significação daquela data, que assumiu nos fastos de nossa história, tão consideravel vulto. Entre os atos comemorativos, houve missa solene na Catedral, que o governo da República mandou celebrar; cerimonia com a presença de varias escolas da Prefeitura na Quinta da Boa Vista, onde nasceu Dona Isabel; sessão solene no dia 31 promovida pelo Arquivo Nacional, com exposição de documentos originaes, na maior parte ineditos, referentes á personalidade da Redentora. Nela figuraram, alem de dezenas de livros manuscritos de registros concernentes aos autos de nascimentos, batizados, casamentos de pessoas da família imperial, outras peças avulsas como os planos da Constituição do Império e dos projetos manuscritos que a antecederam, autos da sagração, coroação e juramento dos primeiros imperantes, resoluções legislativas que marcam as diversas etapas da extinção da escravidão, desde a abolição do tráfico á Lei do Ventre-Livre; á Lei Saraiva e á Lei Aurea, finalmente.

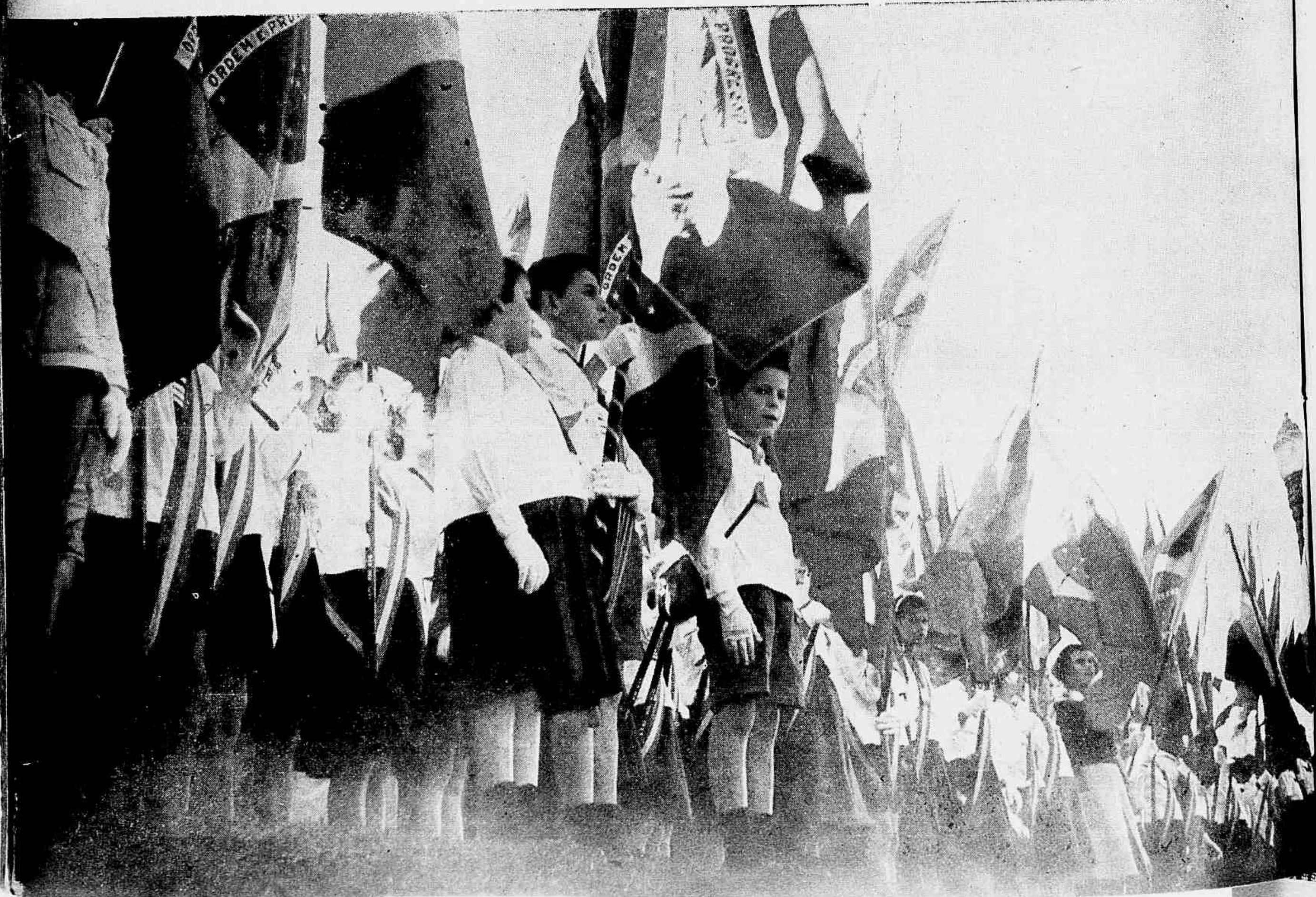
O Principe Pedro Henrique de Orleans e Bragança, por ocasião da cerimonia da Catedral Metropolitana, fêz entrega da "Rosa de

Ouro" ao sr. Cardial-Arcebispo. Essa valiosa insignia, como é sabido, foi conferida á Princesa Isabel pelo Papa Leão XIII, no ano em que a Redentora assinou a Lei Aurea extinguindo a escravidão no Brasil. Conservada durante longos anos pela família imperial, passou agora a pertencer ao patrimônio da Catedral Metropolitana desta Capital, por vontade expressa do Sr. Principe D. Pedro.

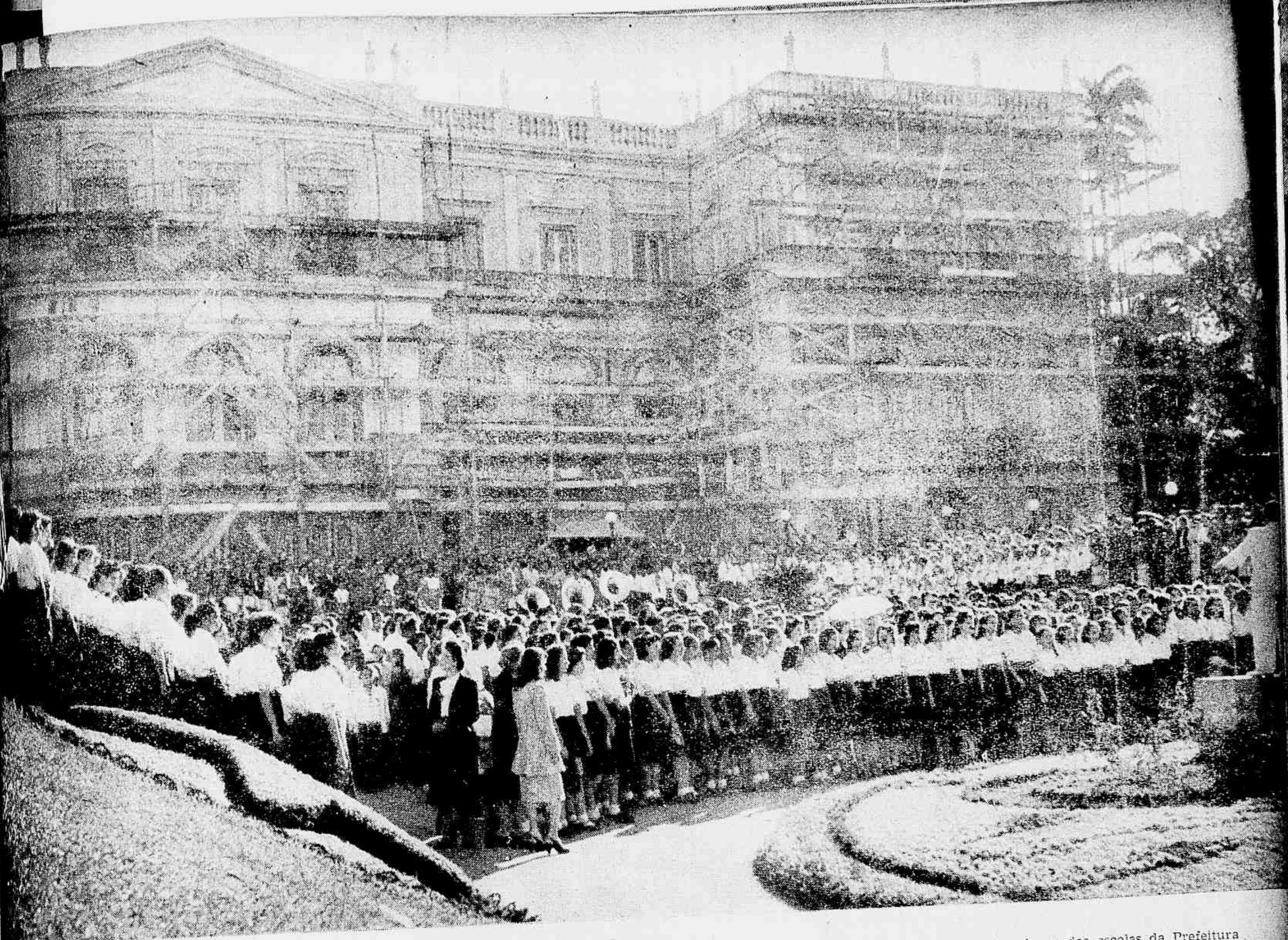
O Presidente General Eurico Gaspar Dutra compareceu a essa cerimonia, alem dos srs. Presidente da Assembléa Nacional Constituinte, Presidente e Ministros do Supremo Tribunal Federal, Ministros de Estado, Chefes dos Gabinetes Civil e Militar da Presidencia da República, Chefes do Estado-Maior da Marinha, Exercito e Aeronautica, Prefeito do Distrito Federal, Chefe de Policia, Secretario Geral do Ministro da Guerra, Senadores e Deputados, Almirantes e Brigadeiros e autoridades civis.

Fôram também emitidos pelo Departamento dos Correios e Telegrafos, selos comemorativos do centenário do nascimento da Princesa, em número de 500 mil. São de cor preta, tamanho comum, no valor de Cr\$ 0,40, em folhas de 90 selos. Tem impressas as datas 1846-1946, tendo ao centro a effigie da Princesa Isabel e por cima a palavra "Brasil".

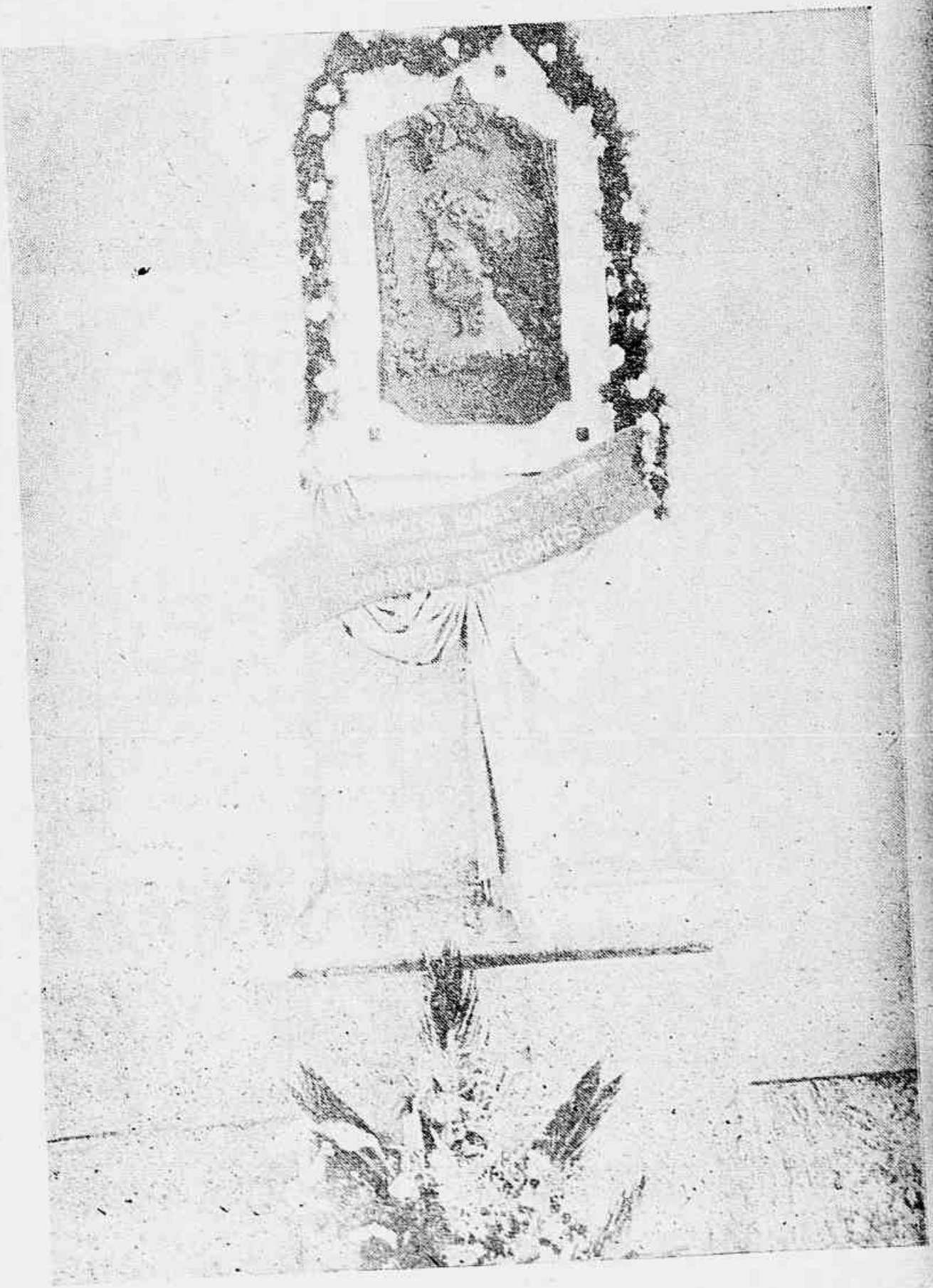
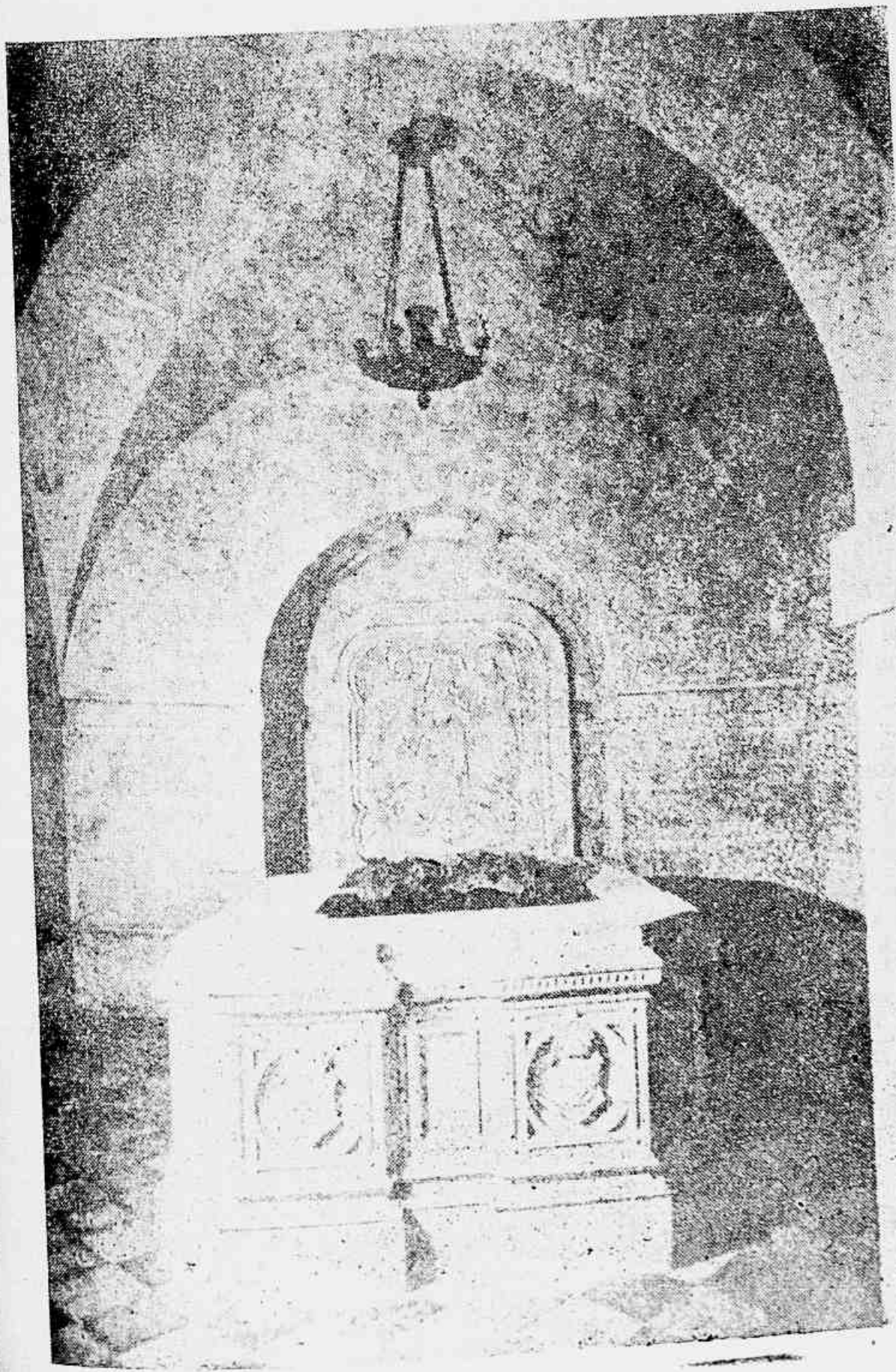
A Princesa Isabel (à esquerda), que ao ser batizada no dia 15 de novembro de 1846, nesta capital, onde nascera, recebeu o nome de Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Rafaela Gonzaga de Bragança. Prestou aos quatorze anos o compromisso constitucional e, com dezoito anos, desposou o principe Gastão de Orleans, Conde d'Eu. — em baixo, aspecto dos alunos das escolas da Prefeitura que compareceram, incorporados, á Quinta da Boa Vista, assistindo á Cerimônia levada a efeito frente ao palacio onde nasceu a Princesa Redentora.



aliosa
 Prin-
 no em
 extin-
 ervada
 perial,
 nio da
 al, por
 Pedro.
 Dutra
 los srs.
 onstitu-
 mo Tri-
 Chefes
 sidencia
 da Ma-
 eito do
 retario
 dores e
 e auto-
 rtamen-
 memora-
 a Prince-
 ôr preta,
 0, em fo-
 as datas
 Princesa



Um aspecto do Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, por ocasião das solenidades promovidas pelo governo da República, com a presença dos alunos das escolas da Prefeitura do Distrito Federal. Em baixo, à esquerda, o antigo mausuleu dos Condes d'Eu, na Capela de Dreux (França). Lado a lado, Isabel e seu augusto esposo. A' direita, a homenagem dos Correios e Telegrafos, no antigo Palacio do Paço, na Praça Quinze de Novembro. Varias outras comemorações se estenderam pela cidade e pelos Estados, inclusive em São Paulo onde o Instituto Histórico e Geografico se associou às festividades.

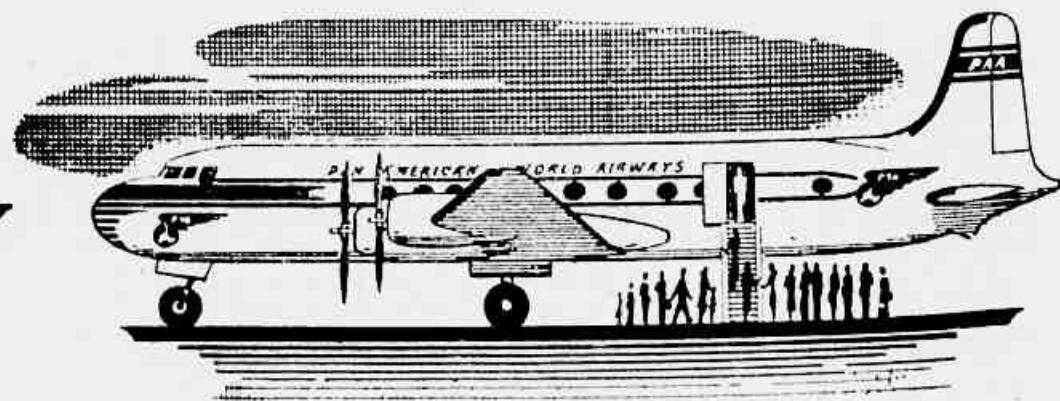




O mundo é seu pelo **CLIPPER**

Hollywood, — a fabulosa capital cinematográfica do mundo — está agora facilmente ao alcance do Brasil... por meio da magia dos gigantes *Clippers* da Pan American World Airways. Faça os seus planos para visitar agora a cidade das "estrelas"... e para passar férias inesquecíveis na maravilhosa Califórnia, das montanhas majestosas, dos vales luxuriantes, das praias encantadoras e das grandes cidades cosmopolitas. Informe-se com o seu agente de viagens ou com a agência local de passagens da PAA, sobre as rápidas conexões e escalas dos *Clippers* entre o Brasil e Los Angeles.

**PAN AMERICAN
WORLD AIRWAYS**
A Rede dos Clippers Voadores



PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDÊNCIA

10.063-BP-25-B

co e aca
turou:
— "Se
vertente
das as f
um abat
abatime
se." Ess
uma esp
so econo
tirada.
O com
po em q
mos. ven
mos ve
chapéu,
nais cab
queta o
mental
operaçã
petão:
— "C
cruzeir
nos, ma
prejuiz
E lá
ta épo
— "C
carece
carissi
Intr
leitore
que un
dar tu
da ho
Chi
virou-
para
rou-se
veis,
pois,
granc
achar
vinha
n.º...
—
Ch
pela
pras
para
Ao o
viu
bre
nou
vass
seg
reti
cab
peti
cas
mes
em

Prisão de Ventre!

O MAIOR INIMIGO DA SAÚDE!

Purgar-se, quando atacado da prisão de ventre e ir contra a natureza. O resultado desta medida é agravar ainda mais as dificuldades dos intestinos. É preciso ajudar a natureza. Seu e as Pímulas Aloicas ajudam a natureza. Seu uso regular reduz os intestinos, normalizando suas funções e desintoxicando o organismo convencendo pelas fermentações dos detritos alimentares retidos por muito tempo. As Pímulas Aloicas lhe restituirão a saúde, o bem estar e a energia.

Pímulas ALOICAS



O chapéu

(Continuação da pág. 37).

co e acabava vencendo-o, aventurou:

— “Se (condicional que é a vertente por onde deslizam todas as fraquezas) o Sr. fizesse um abatimento, isto é, um bom abatimento, talvez o comprasse.” Esse “bom abatimento” era uma espécie de satisfação ao senso econômico, derrotado e em retirada.

O comerciante, ao mesmo tempo em que ela ia repetindo: “Vamos ver o que se pôde fazer, vamos ver...”, pegava de novo o chapéu, revirava-o, olhava os sinais cabalísticos gravados na etiqueta do preço, simulava fazer mentalmente uma complicada operação algébrica e disse de sopetão:

— “Oitocentos e cinquenta cruzeiros! Nem um centavo menos, maior redução será em meu prejuízo.”

E lá veio o lugar comum, nesta época em que vivemos:

— “Como sabe, a guerra encareceu tudo, a mão de obra é caríssima... etc, etc.”

Introito conhecidíssimo dos leitores e que nada mais é do que uma tentativa para referendar tudo que se faz á esquerda da honestidade e da verdade.

Chiquita pegou o chapéu, revirou-o, colocou-o na cabeça, foi para frente de um espelho, mirou-se em todos os ângulos possíveis, ficou-se pensativa e depois, como quem vai fazer um grande sacrifício mas no íntimo achando que o negócio lhe convinha, disse para o vendedor:

— “Está bem, mande-o à rua... n.º..., ainda hoje, por favor.”

— “Pois não, minha senhora!”

Chiquita deu algumas voltas pela cidade, fez diversas compras de miudezas e abalou-se para casa, ansiosa e satisfeita. Ao chegar, a primeira coisa que viu foi um embrulho grande sobre a mesa da ante-sala. Ordenou logo, à empregada que o levasse para o quarto. Subiu, em seguida, desembalou a caixa, retirou o chapéu, colocou-o na cabeça, foi para o espelho e repetiu o ceremonial executado na casa de modas, que é sempre o mesmo para todas as mulheres, em todas as altitudes e latitudes.

Correu ao armário, tirou o vestido rôxo, vestiu-o, pôz sapatos rôxos e voltou ao espelho.

— “Ah! Como fica bem!”

Tirou o vestido rôxo, pôz o vermelho e colocou o azul e, assim, combinou o chapéu com toda a indumentaria que possuía. Tudo casava admiravelmente com aquele miraculoso objeto.

A leitora já deve estar curiosa de saber que espécie de chapéu era esse que tanto entusiasmo despertava numa representante do sexo feminino. Tentaremos descrevê-lo com as poucas tintas de um mau conhecedor do vestuário das mulheres. O chapéu era feito de dezenas de pequenas flores artificiais, que imitavam violetas, amores-perfeitos, miosotes e primaveras, todas de

côres mais ou menos carregadas, mas que se combinavam com grande felicidade e davam a ilusão de um belíssimo ramalhete de flores naturais. Dispostas como estavam as delicadas florinhas, tudo que lembrava o chapéu era cuidadosamente disfarçado.

A tez clara de Chiquita, seus olhos grandes e escuros, o cabelo castanho, o contorno sedutor do rosto, o perfil agradável sem ser clássico, das mulheres de nossa terra, sua altura mediana, seu corpo cheio, porém não gordo e deselegante, condiziam também com a miscelânea de côres suaves do chapéu. Este, indiscutivelmente, despertava a admiração mesmo daqueles que nada

(Continua na página 53)



Suave carícia...

— e agradável sensação de bem estar é o que lhe proporciona a espuma de

Fêno de Chimène



O sabonete perfumado a serviço da belera de sua cutis. O ditador de sua personalidade.

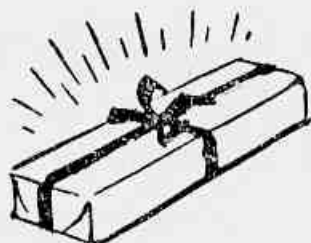
PERFUMARIA CHIMÈNE
SÃO PAULO

UMA ESFERA QUE *Gira*

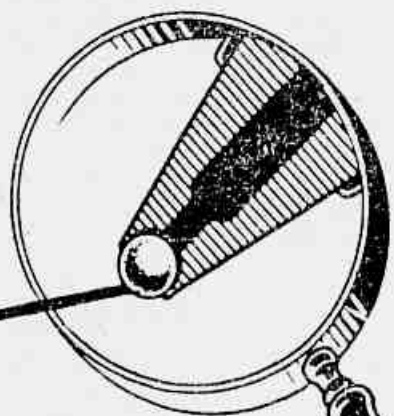
NOS ALTOS CÍRCULOS



A ponta esférica da Esferográfica BIROME já se impôs nos altos círculos sociais, porque oferece, com o seu desenho sóbrio e elegante, um moderno toque de distinção.



Presenteie aos seus parentes e amigos esta verdadeira jóia, e utilize-a nas suas reuniões sociais e em todas as suas atividades.



BIROME

ESFEROGRÁFICA

RETRÁTIL

LAUREADA PELOS ALTOS CÍRCULOS DE TODO O MUNDO

Modelos desde Cr\$ 275,00 até Cr\$ 2.800,00

A venda em todas as boas casas do ramo

Distribuidores gerais: - BIROME INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.
Rua Pedro Lessa, 35 - 8.º - Rio de Janeiro

DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento da ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL.

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes - R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 - Cine. Lândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

O penteado de Estela

(Continuação da pág. 15)

Jimmy riu também, embora fracamente.

— Creio que o conheço... Não é Mr. Brown, da NBC...?

— Não, — disse Jimmy. — Meu nome é Smith.

George não quis incomodar a conversa. Voltou e, depois de inspecionar várias mesas, que não precisavam ser inspecionadas, levou a informação a Miss Collins. Mas, como não tivesse visto uma gorgeta de um dólar nas mãos dela, se limitou a declarar:

— Não tive sorte. Ele já se foi.

Estela levantou-se e pagou a conta. Mas não partiu antes de lançar um olhar ao espelho grande, do restaurante. E teve, então, uma verdadeira crise de raiva. Sim, realmente com aquele penteado sua cabeça parecia uma beringela! O atrevido rapaz tinha razão, viu-se obrigada a confessar. Mas não havia de mudar o seu penteado, — sim, continuaria a ser aquele, só de pirraça, para que ele, encontrando-a não pensasse que ela mudara de penteado só por causa dele. Saiu. E, com surpresa, — a chuva havia parado tão subitamente como começara, — notou que o atrevido ia andando apenas alguns passos na frente dela. Não lhe seria difícil descobrir de quem se tratava, se pudesse segui-lo à curta distância. Ela não somente o seguiu, como o ouviu dizer ao rapaz do elevador: "Quatorze". Subiu também e perguntou à encarregada da portaria, em cima: "Como é mesmo o primeiro nome do Sr. Smith?" A resposta não tardou: "E' James Forrest Smith". Agradeceu e saiu. Saiu satisfeita, ruminando um plano de vingança. Bem que reconheceria as suas feições, pelos retratos que saíam habitualmente nas seções de rádio...

★

E a vingança não tardou muito. Dentro de alguns dias mais, Jimmy era chamado à sala do diretor da estação de rádio. Uma moça, de chapéu enfiado na cabeça e de óculos, com uma pasta de contrapeso, estava ao lado do

chefão, todo cheio de medidas.

— Acabo de chegar de Chicago, — disse Estela, — e sou a nova diretora de "Moda e Beleza". Queremos aumentar a circulação do nosso magazine e pensamos num programa de rádio... Mas que seja alguma coisa de verdadeiramente bom, fino, original...

Jimmy estava perplexo. Parecia a mesma moça do restaurante. A tal da cabeça de beringela. O diabo eram os óculos e o chapéu.

— Tenho um encontro urgente, — disse o diretor. Mas você converse com a senhorita Collins, Jimmy, e veja se arranja um programa como ela quer...

Os dois ficaram sózinhos. O contrato seria enorme. Envolvia a despesa de muitos milhares de dólares. Jimmy ficou de apresentar sugestões, de fazer planos para grandes programas...

— A senhora não tem uma irmã em Nova York, perguntou Jimmy — Uma que trabalha aqui por perto?

— Não... Eu não tenho irmã.

— Bem... Eu vou lhe confessar uma coisa... Outro dia, encontrei essa moça... que eu pensava que era sua irmã... Creio que eu tinha passado da conta... A culpa foi da cerveja. Disse-lhe uma porção de grosserias... A ela, que é a coisa mais linda, mais admirável, mais encantadora que eu já vi... Creio que fui um grande tolo, em falar mal do penteado dela...

(Continua na pág. 58)

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Miss. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE



*Pelo transcurso, em 1.º de agosto corrente,
 do 40.º aniversário de sua fundação, a
 Companhia de Seguros de Vida
 "Previdência do Sul"
 saúda, cordialmente, os seus inúmeros se-
 gurados e amigos de todo o Brasil, e dis-
 tintas famílias, augurando-lhes um futuro
 feliz, próspero e tranquilo.*

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

BALLET SOVIÉTICO

(Continuação da pág. 41)

de dizer que Ulanova também é uma dançarina moderna. Moderna porque ela penetra profundamente na alma dos personagens que encarna e porque sendo uma dançarina das sensações apenas definidas e das tintas apenas perceptíveis, ela é também e antes de tudo a dançarina do coração humano e o que ela dança é sempre o amor e o sofrimento.

Se Semenova triunfa por sua grande força interior, sua atitude de rainha que ela sempre conserva, mesmo dançando o cisne que morre, Ulanova triunfa por sua grande pureza interior pela beleza e grandeza dos sentimentos que ela traz em sua alma.

OLGA LEPECHINSKAIA

Olga Lepechinskaia é a mais jovem. Não foi senão em 1935 que ela apareceu na cena de Moscou, no Grande Teatro da ópera e do "ballet".

Lepechinskaia é uma dançarina moderna no sentido mais exato da expressão. Enquanto Semenova e Ulanova encarnam as mais qualidades da alma humana, qualidades por assim dizer "interiores", Lepechinskaia é um corpo esportivo, dois olhos espirituosos e uma grande alegria de viver que transparece no seu menor gesto. É pequena e ridente, sempre ativa, sempre em movimento. Caminha com um passo dançante nas ruas de Moscou como se estivesse na cena do seu teatro e tem-se a impressão, ao vê-la passar, da juventude radiosa em pessoa que ilumina tudo com o seu sorriso radiante. Ao mesmo tempo, nunca se viu uma dançarina tão assídua ao seu trabalho. Vêmo-la em classe todas as manhãs, fazendo durante horas exercícios fatigantes, o sorriso nos lábios e viva como uma criança. Ela se distingue sobretudo dançando as jovens modernas, cabelos ao vento e uma raquete de tennis na mão ou ainda as pequenas camponesas maliciosas e "coquettes" que nós encontramos em alguns dos nossos antigos bailados.

Mas além disso, Lepechinskaia é também uma comedianta notável e sua natural vivacidade a torna uma dançarina muito apreciada em Moscou, enquanto Ulanova e Semenova o são de preferência, na escola de Leningrado.

Um dos grandes problemas que se colocaram diante do "ballet" soviético desde os primeiros anos de sua existência é o da dança masculina. Os príncipes refinados e um pouco maneirados dos antigos bailados, de sorrisos açucarados e graça efeminada não poderiam subsistir em nosso tempo. Nêsse sentido, tem-se pretendido que o homem do teatro apareça ornado de todas as qualidades que nós atribuímos ao homem moderno: que ele seja um herói e não somente um cavalheiro galante, que ele seja um belo guerreiro e não uma mariposa adejando de flor em flor, em uma palavra que ele seja homem...

E os melhores dançarinos soviéticos, Mésérère, Ermolaieff, e Tchabukiani puseram mãos à obra para criar um novo estilo de dança o qual se denominou na Rússia "a dança heroica". Sem nada substituir do alfabeto da dança clássica, eles cultivaram tudo o que é verdadeiramente próprio ao homem, — os grandes saltos, os grandes giros no ar, todos os movimentos enérgicos e apaixonados. E assim desembarçaram a dança masculina de toda afetação e de toda "coquetterie" degradante para o homem substituindo as atitudes preciosas, das espáduas levantadas, da cabeça inclinada langorosamente, essa graça enlanguescidas e amaneirada do dançarino do antigo "ballet", por uma atitude ativa e nobre. Quiseram, assim, que a dança masculina recebesse a influência de uma grande força de caráter e de um vigor próprio do homem.

A reforma dessa dança ainda não está terminada e nós não temos em nosso repertório um número considerável de bailados nos quais ela seja apresentada como o deveria ser, mas um trabalho quotidiano e persistente se continua fazendo em nossos teatros e todo espetáculo novo que aparece é sempre mais próximo do que nós procuramos para a solução do problema. É que nós precisamos de bailados novos, de uma maneira absoluta: criar um novo estilo de dança como o fazem nossos artistas não é o bastante. São necessários bailados novos, grandes bailados que fariam ao mesmo tempo valer o talento dos nossos dançarinos e corresponderiam às exigências do nosso tempo. Sendo modernos, entretanto, êsses bailados não deveriam tratar de assuntos modernos como o faria uma peça sem essa condição de atualidade, isto é, mostrando a vida tal qual ela é na realidade de todos os dias. Sendo o "ballet" uma arte um pouco simbólica e inteiramente convencional deveria falando-nos de cousas que preocupam o homem moderno nos mostrá-las, ou refletidas no espelho da história, separados assim do prosaísmo da vida quotidiana ou bem, melhor ainda, sob a forma de um belo conto fantástico onde, sob um aspecto de algum modo alegórico nos falaria das cousas do presente.

Assim é que nós temos um grande número de bailados históricos: "As chamadas de Paris" de que é motivo a Revolução Francesa, um "ballet" em que Semenova se distingue; "Lola", bailado espanhol do tempo da luta da Espanha contra Napoleão; "No coração das montanhas", tratando da história do Cáucaso, no qual há danças muito belas para um dançarino do estilo heroico...

Em seguida, vêem os contos que sob uma forma às vezes um pouco infantil, às vezes um



Em São Paulo...
é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.
Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

pouco tocante e pitoresco, sobretudo se se baseiam nas nossas belas lendas populares, nos mostram a vida sob seus aspectos ora alegres ora tristes, falando-nos do amor, da esperança, e da luta do bem e do mal. Tal é um dos nossos novos bailados — "Os veus escarlates", história de uma jovem que à força de nunca perder a fé na realização do seu sonho soube conquistar a felicidade. Tal é igualmente o alegre "ballet" infantil "A pequena cegonha" e o "ballet" cômico "Os três homens gordos" criado especialmente para Lepechinskaia. Enfim, o mesmo sucede com o "ballet" apresentado ultimamente no Grande Teatro de Moscou: "A gata borralheira", de Prokofieff.

Em último lugar, temos um terceiro gênero de bailado que é talvez o mais popular entre nós — os que são feitos segundo peças clássicas, os romances e os poemas, trabalhos nos quais o espírito moderno se mostra muito mais profundo no tratamento do assunto escolhido do que como se fazia outrora. Comparo-se "Don Quixote", por exemplo, obra antiga feita segundo o romance de Cervantes, com o "ballet" de Prokofieff "Romeu e Julieta" ou ainda com dos numerosos trabalhos feitos sobre os poemas de Pouckine. Vê-se logo a grande diferença: "Don Quixote" não é na realidade senão uma suite de danças espanholas, muito divertidas e pitorescas, é verdade, mas que não mantêm nenhuma relação com o que o célebre autor espanhol quis dizer em seu romance e o personagem Don Quixote apenas aparece. O bailado de Prokofieff, do mesmo modo que "A Fonte de Bakhtchissarai" de Assaieff e outros ainda são obras que comovem profundamente.

Ulanova interpretando Julieta o faz como poucas atrizes trágicas o fizeram antes. É bailado mas é, ao mesmo tempo, o verdadeiro Shakespeare e em "A Fonte de Bakhtchissarai" (Continua na pág. 58)

Estude PORTUGUÊS por Correspondência
PREPARE-SE PARA UM
FUTURO BRILHANTE!
APROVEITE AS HORAS DE FOLGA EM SUA CASA
PARA ACUMULAR EM POUCO TEMPO VALIOSOS CONHECIMENTOS
GRATIS!
• 100 CARTÕES DE VISITA • 1 ATLAS EM CORES
• 1 DICCIONÁRIO • CARTEIRA DE IDENTIDADE
CURSO RÁPIDO MODERNO E PRÁTICO DO IDIOMA PORTUGUÊS
Mande hoje mesmo o coupon abaixo
INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL, 5058 — SÃO PAULO
Itmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de português por correspondência.
NOME
RUA
CIDADE
ESTADO

REGULADOR XAVIER
* O remédio de confiança da mulher *
DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA MALES DIFERENTES:
N.º 1 Regras Aborrecidas - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

O chapéu

(Continua da página 52)

entendiam de elegância feminina. E foi o caso do Sr. Gustavo, marido de Chiquita. Quando chegou, cansado da labuta diária, ela foi ao seu encontro de chapéu na cabeça e, toda faceira, pediu-lhe a opinião.

Gustavo a princípio olhou-o de soslaio, depois, contemplou-o

demoradamente e disse quasi indiferente:

— “Sim, muito bonito!” Após uma pausa, indagou:

— “Quanto custou?”

Chiquita não gostou daquela sumaria aprovação e muito menos da interrogação. Para preparar o terreno e evitar a estupefação que o preço iria causar, começou dizendo:

— “Pouco mais de 400 cruzeiros...” e olhou o marido, apreciando a impressão que as cifras iam lhe causando:

— “Acima de 500... ainda além de 600...”

A fisionomia do marido, até então impassível, começou a ensaiar os primeiros sinais de espanto. Rugas imperceptíveis foram surgindo progressivamente na testa. Chiquita percebendo a transformação, fechou os olhos e atirou a cifra final:

— “850 cruzeiros...”

Gustavo esboçou uma reação, que não passou de tentativa, pois Chiquita caiu-lhe nos braços e cobriu-lhe a face de beijos. O espanto esboçou-se apenas, mas não se corporificou. Se ela o fitasse bem, veria que somente seus olhos revelavam sentimento de desaprovação. Unicamente

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca ao nosso serviço tecnico todas as informações e solicite o interessante folheto “A Arte de Pintar Cabelos”, que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sab. Rio

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....

RS

os olhos? Não, todo o interior vibrava de indignação, mas aquela ducha fria de carinho sufocou a revolta e êle silenciou, ficou mudo e aprovou. Perdôe o leitor a expressão um tanto paradoxal “ducha fria do carinho” Creio que me compreendem...

Com a presumida aquiescência do marido, encerra-se o capítulo da compra. Passemos agora ao da estreia.

Só faltava o momento azado, que veio daí a dois dias. Faleceu o Fagundes, velho amigo da família, numa sexta-feira. Gustavo trouxe a noticia, consternado, na hora do almoço.

— “E o pior”, disse êle “é que, no sábado, dia do enterro, tenho reunião da diretoria, à tarde, à qual não posso faltar nem propôr adiamento. Bem que desejava levar o Fagundes ao cemitério; era nosso amigo ha tanto tempo. Terás que ir em meu lugar; dirás á Amelia o motivo da minha ausencia e na missa do setimo dia pedirei desculpas pessoalmente. Concordas?”

— “Sim”, respondeu Chiquita friamente, “não estava muita disposta a assistir cenas tristes”. Nisto, lembrou-se do chapéu e da oportunidade para estreia-lo.

— “Sim, Gustavo” ajuntou

apressadamente, “irei em seu lugar”.

O marido notou aquela subita mudança da esposa, mas não a entendeu nem procurou entendê-la e levou-a na conta de esquizitice feminina.

Na decisão de Chiquita ha dois pontos que o escrupulo de alguns leitores vai por certo condenar, porém, como estou resolvido a contar a história dêsse chapéu com todos os pormenores, desculpar-me-ão êsses catões a fraqueza de Chiquita e procurarei justificá-la.

Primeiro: convenhamos, um

(Continua na pag. 55)

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se êste suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e êstes fermentam nos intestinos. Então sobrevem a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que êsse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

**MAIS VALE
PREVENIR...
DO QUE
REMEDIA**

**SIGA
ESTE
PROVERBIO**

**TOME E DÊ
AO
SEU FILHO
EMULSAO
DE SCOTT**

A RESPONSÁVEL

por petiscos saborosos
e saudáveis /

• Sopas, pudins
e demais pratos
ficam saborosos e
nutritivos si preparados com Maizena Duryea — alimento ideal para todas as idades.

MAIZENA DURYEA

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-8 - São Paulo
Peça enviar-me, GRATIS, o livro
“Receitas com Maizena Duryea”

NOME

RUA

CIDADE



O PÃO BOLORENTO...



Sete horas. Brederódes, a abotoava os suspensórios, reclama, do quarto, o cafésinho matinal. Dona Beringéla avisa que o pão miúdo está para chegar e espere um bocadinho. Esse bocadinho durou mais de uma hora. Enfiado no pallô saco, Brederódes dirigiu-se á sala de jantar e ficou surpreso. Estava a família á procura de qualquer coisa preciosa. Que seria? A cara metade, metia a dita por baixo do guarda-louça, a procurar qualquer coisa, talvez indispensavel. Cocóta, a filha mais velha, esgavatava as gavetas do armario. Nicóta fôra pesquisar na cópa. Janjão, o caçula, examinava as prateleiras. (Impaciente, Brederódes interrogou a criada. A procura continuava e a impaciencia do chefe aumentava; reclamou de novo o cafésinho, o tempo corria, o trem não esperava, a repartição era longe e precisava assinar o ponto facultativo, na "cidade". Como é sabido, a "cidade" é o chamado "centro" carioca, embora seja ex-centrico e longuiquo. Beringéla, aflita, mandou servir o cafésinho quasi simples, por haver pouco açúcar, e proseguiu na pesquisa da tal qualquer coisa.

— "Afínal, porque tanta azáfama? Indagou o marido. Explicaram. Faltara um pãosinho; vieram sete pães de milho com hipóteses de trigo e faltava um; deviam vir oito e não se encontrava o desgardado. A falta estragava a disciplina comestível. A criada garantia, jurava até, que trouxera os oito cácos, bem contadinhos, antes de embrulhados.

— "Embrulhado ficou", exclamou o chefe, "vou já reclamar".

— "Isso não, — disse a matrôna, eu mesma contei os oito pães, que o Janjão levou para a copa; depois, não sei como, dei por falta de um.

Brederódes desabotoou o pallô e abotoou o garoto:

— "Você abafou um pão, seu patife?"

O pequeno, com os dedos em cruz sobre a boca, quasi choroso, negou de modo convencedor. Nicota declarou que vira um dos pães fóra do embrulho e não sabia explicar o sumiço. Cocóta foi examinar o guarda-vestidos, e nada! Faltava pesquisar somente no porão e no quintal. Reconfortado pelo café com búcha, o chefe assistia á busca, calmamente; foi á casinha, acendeu o cigarro na chama do fogão, por falta de fósforo, escovou o chapéu e chamou a mucama.



— "Vá, já e já, reclamar o pão que falta; você não contou certo e não estou para morrer, na conta do mês com o que não recebi nem foi consumido.

— "Sumido está ele", observou a Micota, que era fase do Aporeli.

A mucama dispunha-se a sair, garantindo sempre a conta certa. Brederódes deu-lhe voz de alto e decidiu:

— "Vou eu mesmo reclamar; uma homeopatia de trinta centávós não se abafa assim; faz falta á economia doméstica".



E voltando-se para a cara metade:

— "Você tem certeza de que contou certinho?"

Ela, um tanto hesitante, limitou-se a dizer que "era capaz de jurar..." D'ahi, quem sabe? estivesse enganada pelos trabalhos da barafunda caseira.

Continuou a procura. O dono da casa resolveu ir á padaria, ainda que perdesse a hora do trem. Caminhou cinco quarteirões.

Mal chegava, o padeiro, com o sorriso profissional, muito parecido com o de bailarina cheia de cálos, antes de ser perguntado, avisou:

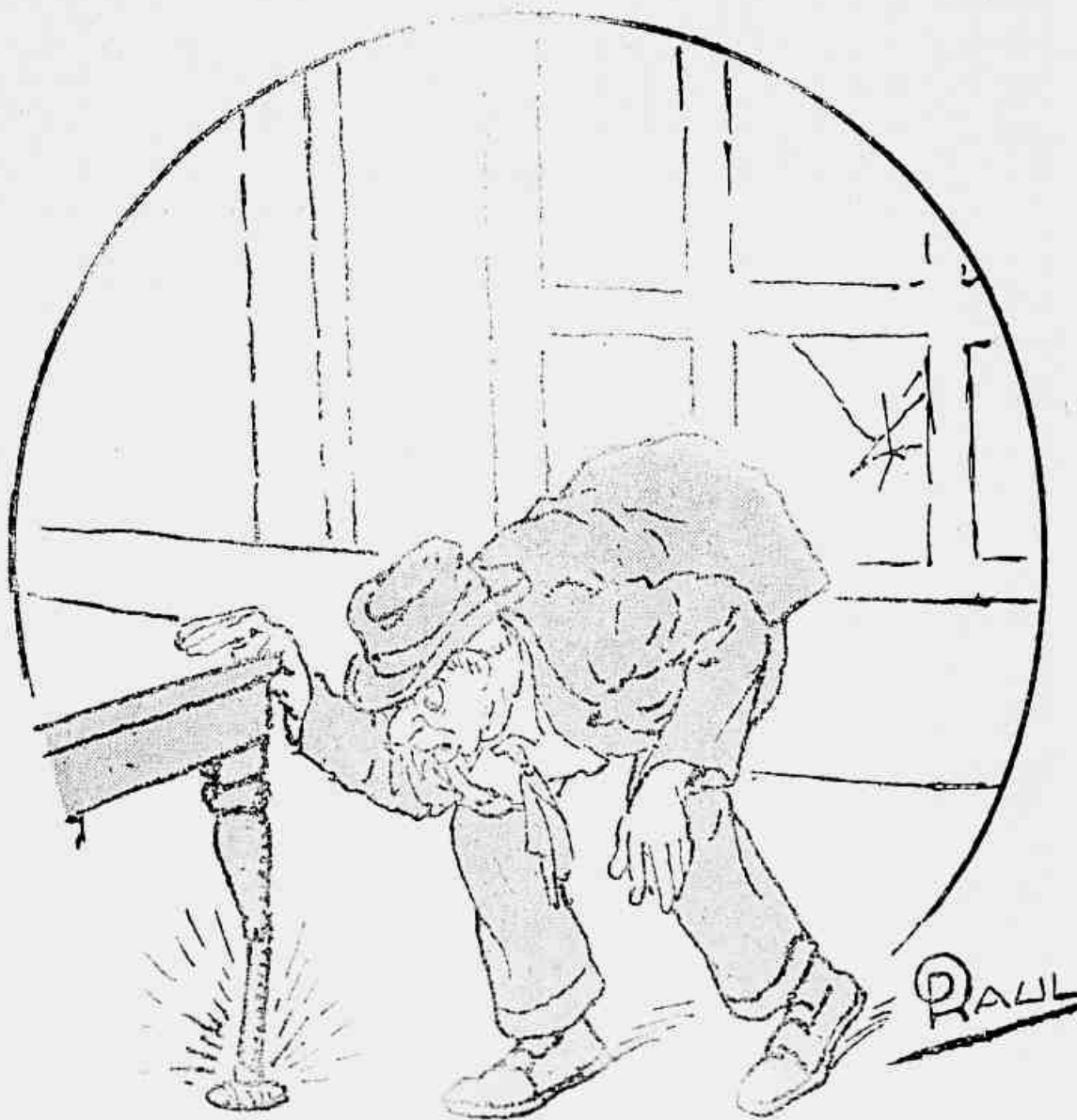
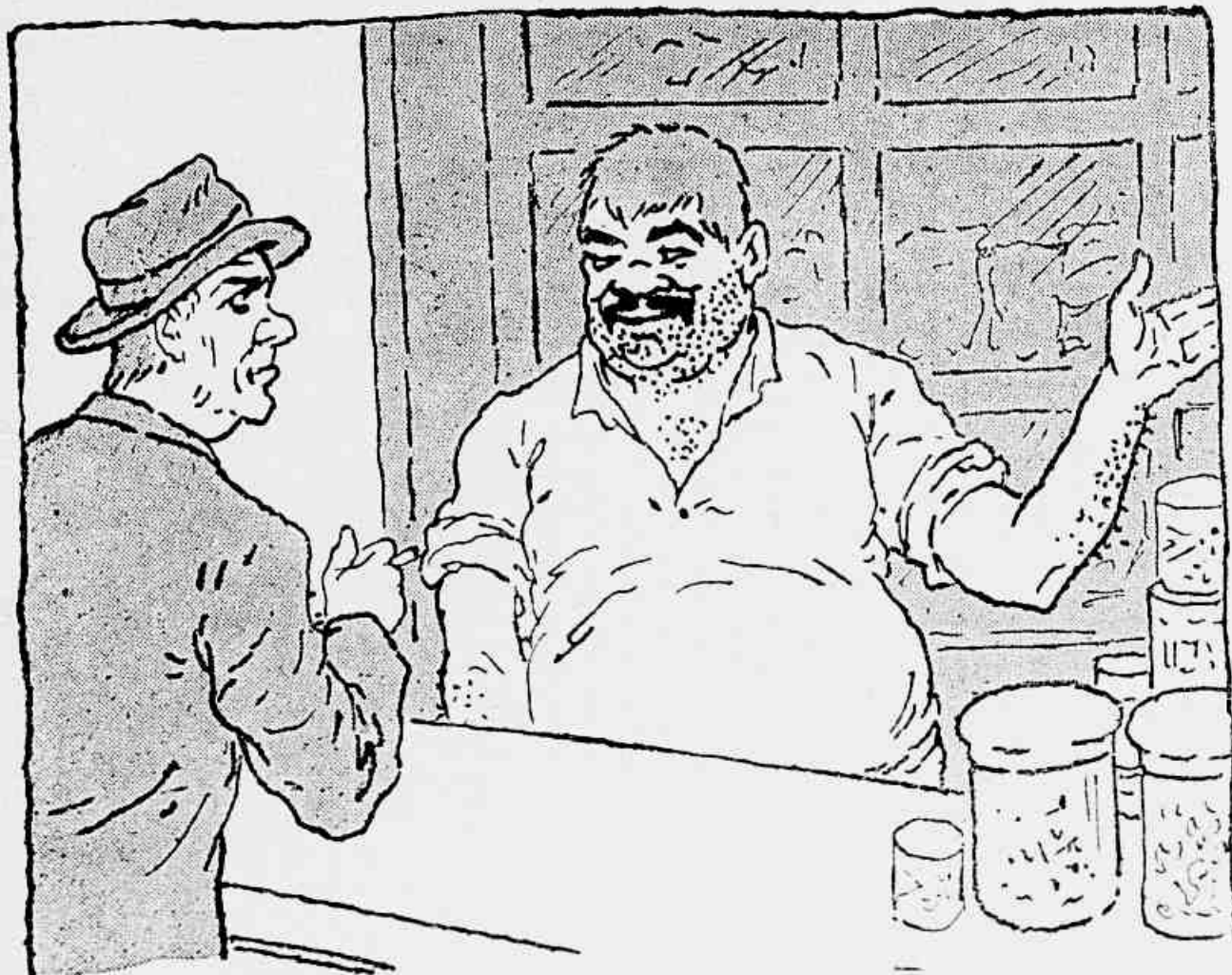
— "A sua empregada se esqueceu de um pão, que eu ia agora mandar para lá e já era tempo, porque não ha mais um para semente".

Dirigiu-se ao caxeiro:

— "Cadê o pão de trinta, do Dr. Brederódes?"

O empregado olhou para o grande cesto vazio, espiou para dentro do gavetão, passou revista no armario. Começou nova procura tal como na casa do freguês. Brederódes ajudava a busca para apreensão do faltoso e, ao cabo de meia hora, no fundo da loja, não exclamou, como Arquimedes, eurécal, porque não sabia grego. Aponhou para o soálho. Lá estava o pãosinho de três centavos, a calçar o pé cambaio da mesa da mulher do padeiro...

RAUL



BRAS
A VE

0

enterr
própri
novo.
aconte
muita
quer a
os ha
merad

Segu
ção o
mesm
já a h
orient
chapé
mento
res, à
para
podia
rão a
rame
ment
tiu-se
chape
do fa

A
bem
mos
e nas
comp
perso
intim
reza
guns
vel
sent
mes
sofo
são
ser
hum
vel
mul
nos
lida
se
cup
de,
sad
ana
da
sen
po;

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

0 chapéu

(Continuação da página 53)

enterro é ocasião muito pouco própria para exhibir um chapéu novo. Mas, um enterro é um acontecimento que sempre atrai muita gente, e toda estreia requer admiradores e críticos, que os ha, ás duzias, em todo aglomerado humano.

Segundo: Despertar admiração ou inveja nas amigas, ou mesmo vingar-se de alguma que já a humilhara com um vestido oriental, ou, quem sabe, com um chapéu deslumbrante, é sentimento latente em muitas mulheres, à espera de oportunidade para desabrochar. Chiquita bem podia ser assim. Incoerente, dirão alguns. Mas, a coerência raramente acompanha os sentimentos. No dia do enterro, vestiu-se de preto, pôs o famoso chapéu e dirigiu-se para a casa do falecido Fagundes.

A vaidade é um sentimento bem perdoável, se a examinarmos do lado puramente estético, e nas mulheres, sobretudo, é um complemento indispensável da personalidade. Denuncia a luta íntima contra o tempo e a natureza — esta, madrasta para alguns, e aquêle, Saturno insaciável para todos. Poderá ser em sentimento fútil, reprovável ou mesmo vil aos olhos de um filósofo; para mim e para os que são de carne e osso ela poderá ser uma excrecência, vá lá, mas humana, e até útil e indispensável quando se revela em uma mulher feia ou num homem menos favorecido. Não é uma futilidade, como pensam aquêles que se julgam isentos dessa preocupação; não é uma inferioridade, como a consideram os pensadores baratos; é, em ultima análise, a reação subconsciente da espécie contra esse general sem derrotas que se chama tempo; é o desejo de ficar parado

em quanto tudo passa; é essa luta obscura, indezível, que cada um sustenta contra a decadência.

Desculpemos, pois, o procedimento de Chiquita. Ela não é vil nem perversa, como poderia parecer aos hipocritas, é huma-

na e dá expansão à sua personalidade franca e sincera.

A casa de Amelia estava cheia. Amigos e parentes ocupavam o jardim, a escada e a sala do velório. Chiquita quando entrou, ouviu discretíssimos Oh! Oh!. Os primeiros louros da vitória.

pensou ela. Corôas, flores naturais espelhadas por todos os cantos misturavam seus odores às emanações nauseantes de quatro velas de sêbo que ardiam lentamente em torno do defunto.

C n i n a n a á i n a 57

Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



Nas cores:

- * Branco
- * Rosa
- * Raquel
- * Ocre-claro
- * Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

P. FERRAZ



ANEL ZODIACO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Man-de medida do dedo, dia e mês do nascimento, pagando no acto de recebê-lo na Agência do seu Correo pelo Reembolso Postal. Peça os catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" - Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

O "GOAL-KEEPER..."

(Continuação da pág. 23)

O ambiente se carregara de nervosismo; os aparelhos registradores acusavam uma tensão anormal, verdadeiramente digna deste jogo. Alguns descontentes culpavam o Dalai-Lama de estar de convivência com os juizes, mas seus protestos não encontravam eco.

Terminando o primeiro tempo, os Tibetanos, trancados em seu vestiário e acompanhados do som do gong e de tambores, executaram umabreve dança ritual. Seu massagista, um anão amarelado e cebento, lhes espetou as coxas com alfinetes, segundo as remotas regras do treinamento chinês.

Os Patagônicos, sentados em círculo, sorriam animadamente o chimarrão, bebida rica em vitaminas e restauradora de forças.

Terminado o descanso regulamentar, as duas equipes voltaram à campo em fila indiana. O árbitro, segundo uma tradição ancestral, era britânico.

Na cabine dos dirigentes, o presidente da Federação Planetária de Foot-Ball, M. Smirnov, de Moscou, conversava com seu assistente, M. C. K. Ferguson, de Milville (New Jersey).

Decidiram colocar em redor do campo alguns controladores. Esses fiscais eram humanos, pois os dispositivos elétricos até ali experimentados não tinham resistidos aos pontapés dos jogadores violentos. Esses "robots" estavam reservados para encontros calmos.

Foi um desses controladores, M. Marcel Bardin, colocado atrás do goal Patagônico, que desvendou o mistério da morte do arqueiro Juan Guadalupe, um mestiço guaraní, cuja única preocupação era mascar "chiclet".

"Desde o começo do segundo tempo, declarou ele, ocupei meu lugar, à uns dez metros das rédes patagônicas. O aparelho transmissor-receptor que me ligava à sala de controle estava bem ajustado e funcionava perfeitamente. Diante de mim, ajoelhados e em pé, estavam os doze fotógrafos oficiais".

Com efeito, em razão do fraco desenvolvimento técnico da época, ainda não se tinha substituído o fotógrafo tradicional pelas câmeras elétricas.

"Aproveitando um intervalo de jogo, continua M. Bardin, consultei a lista de profissionais da câmera, que me fora remetida pela comissão de controle, e reparei no nome de Gesong, o fotógrafo tibetano; este homem, se-

gundo informações; pertencera há tempos à tribo dos Facas-Longas."

Tratava-se de uma seita budista abolida pelo Conselho Político Planetário por tentar utilizar a energia atômica em fins particulares; no momento de sua prisão, o chefe dos Facas-Longas ia movimentar um dispositivo que elevaria de dez graus centígrados a temperatura da atmosfera terrestre. O Tibete, em razão de sua elevada altitude, seria o único beneficiado, enquanto que o resto do planeta ficaria literalmente torrado.

"Por certo, prossegue a testemunha, a presença de Gesong era normal; todavia um instinto misterioso me incitava à desconfiança. A ginástica mental, da qual eu seguia as aulas pelo rádio, todas as manhãs, de 7 horas às 7,15 horas, tinha desenvolvido em mim uma espécie de sentido de adivinhação, muito útil no exercício de minha profissão".

"A partida se desenrolava normalmente. O domínio patagônico, menos acentuado, dava margem à perigosos ataques dos tibetanos. Guadalupe empregava-se à fundo... E apesar da violência dos "shoots" adversários, entre 85 e 108 kms por hora, o valoroso arqueiro conservava intacta a sua méta.

O fato ocorreu aos 35 minutos da segunda fase. Interceptando uma bola alta centrada por Tsang-Po, meia esquerda dos Tibetanos, Guadalupe foi chargeado pelo center-forward adversário. Com a violência do choque caiu e ficou desfalecido no chão. Um clamor de protesto elevou-se das arquibancadas. O juiz e alguns jogadores se aproximavam do corpo do guardião estendido no solo, quando, largando sua máquina, Gesong adiantou-se à eles e, ajoelhando-se tentou inutilmente levantar Guadalupe, segurando debaixo dos braços. Decorreram uns dez segundos: os jogadores dos dois teams esgotavam seu conhecimento de esperanto em investidas furiosas; os massagistas empurravam-se inutilmente. Ao longo das grades de vidroplex que cercavam o campo, os bombeiros apontavam suas mangueiras sobre o povo. Quando conseguí passar por entre a multidão e chegar ao corpo inanimado de Guadalupe encontrei o médico legista que, trêmulo e nervoso, pronunciou estas duras palavras "Morreu; Colapso Cardíaco".

"Os altos falantes transmitiram a notícia, M. Smirnov declarou que, segundo o regulamento, os nove minutos restantes seriam jogados. Depois do jogo procederiam à inquérito.

Levaram o corpo do inditoso guardião para fóra de campo. Foi então que, no lugar onde estivera o cadáver, eu reparei num alfinete com a ponta tinta de sangue. Sabedor de que o emprêgo deste acessório nos uniformes dos jogadores era proibido, deduzi logo que só podia ter sido utilizado por um estranho.

A partida prosseguia. Atrás do goal, guardado por um reserva de Guadalupe, jazia o corpo deste. O médico tirara-lhe a camisa. Examinei cuidadosamente a região compreendida entre os ombros e a cintura. E somente com o auxílio do médico pude perceber um minúsculo ferimento semelhante à uma gotinha de sangue extravasado".

"M. Smirnov, o legista e eu, nos entreolhamos boquiabertos.

— "Curare, ou outro veneno semelhante, disse enfim o médico.

"Eu lhe apontei discretamente o fotógrafo tibetano".

— "Por falar nisso, disse ele, os guerreiros Oua, que vivem no sul do Tibete, utilizam na ponta de seus dardos um veneno que mata um ser humano em menos de dez segundos".

O mesmo pensamento nos invadiu.

Abreviemos, o leitor já conhece o essencial.



Aqua Florida
MURRAY & LANMAN

dá ao corpo uma delicada fragrância, tonifica a cutis e produz uma deliciosa sensação refrescante.

EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808

A equipe tibetana empatou a peleja aos 43 minutos debaixo de tremenda vaia. E tomou a vantagem no decorrer da prorrogação.

"Foi para mim um momento solene, declarou M. Bardin, quando, tendo descoberto o culpado dirigia-me à ele para dar-lhe voz de prisão. As oitenta e sete torres de televisão focalizavam seus objetivos sobre minha pessoa, e eu sentia fixados em mim os olhares de 27 milhões de torcedores.

M. Bardin ia agarrar Gesong, que parecia estar invocando o espírito de seus antepassados.

Ouviu-se um estalo: o Tibetano desaparecera. No lugar que ocupara, o capim estava queimado; esta fuga, porém, equivalia à uma confissão. Uma hora depois, os astrônomos do observatório estratosférico do Polo Norte, transmitiram a notícia de que um bólido de forma humana, movido com incrível velocidade afastava-se gradualmente do sistema solar.

Vinte minutos eram decorridos, e o Conselho Político Planetário reunido em sessão extraordinária decretava a abolição do Tibete; os fatos estabeleciam a responsabilidade do Dalai-Lama e de uma camarilha de aventureiros.

No dia 18 de julho de 2945, às 18 h. 35. o Tibete, com seus altos cumes, com seus templos e seus sacerdotes, abismou-se nas entranhas do globo.

Para darmos ao atual leitor de 3945, uma ideia aproximada deste grande dia, transcrevemos as frases pelas quais o Sr. Tino Rossi, historiador de Foo-ball, terminou seu relato: "A Federação Planetária de Foot-Ball dera ganho de causa à equipe Patagônia.

O estádio se esvaziava; do alto das arquibancadas, os helicópteros particulares e os helicóptaxis partiam numa zuada ensurdecadora. Motivados pelo nervosismo, os choques aéreos multiplicavam-se. Por toda parte viam-se paraquedas descendo lentamente para a terra".

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 - 2.º Lote

O chapéu

(Continua da página 56)

Chiquita procurou Amelia e foi encontra-la, sentada no sofá, triste, chorosa e cercada de amigas. Abraçou-a e disse-lhe as coisas que se dizem nessas horas. Amelia balbuciou um quasi imperceptível "muito obrigado, esteja á vontade". Chiquita sentou-se ao lado, numa cadeira que se vagara e ficou muda, contemplativa, na atitude de quem tem que ficar sério, calado e com a fisionomia anti-natural da tristeza.

Meia hora depois, em companhia de D. Helena, irmã de Fagundes, Chiquita foi ao quarto de Amelia para recompor-se. D. Helena elogiou muito o seu chapéu e perguntou-lhe se não o queria tirar, para ficar mais á vontade. Ainda faltavam duas horas para a saída do enterro e como o chapéu apertava-lhe um pouco, Chiquita aceitou o alvitre. Retirou-o da cabeça e o colocou sobre o guarda-vestido, pois no quarto havia certa desordem — flores por toda parte, caixas vazias, papéis de embrulho amarrados, capas, e guardasóis enchendo as cadeiras, mesinhas e cama. Demoraram alguns minutos, em quanto D. Helena contava os últimos momentos de Fagundes e voltaram ao velório, depois de rápida passagem pela sala de jantar onde Chiquita encontrou varias pessoas conhecidas.

A casa foi se enchendo cada vez mais, á medida que se aproximava a hora do saímento fúnebre. Mais flores foram colocadas no caixão de Fagundes.

As quatro chegou o padre e iniciou pouco depois a cerimonia da bênção do corpo. Levantaram-se todos e aproximaram-

se do ataúde em que jazia Fagundes, quasi todo coberto de flores.

No meio de pesado silencio o sacerdote começou a pronunciar frases em latim. Na cabeceira do caixão, a viuva mergulhada numa dôr sem fim fitava o semblante indifferente de quem dorme, daquêlê que fôra o companheiro inseparavel de tantos anos.

Chiquita, ao lado de Amelia, resava em voz baixa, quando teve um sobresalto, empalideceu e seus olhos fixaram-se num determinado ponto do caixão. Santo Deus, o que viu ela?

Lá, no meio das flores que cobriam o corpo de Fagundes havia algumas que lhe despertaram a atenção pela semelhança

que tinham com as do seu querido chapéu. Aflita, disfarçadamente e simulando qualquer incomodo, dirigiu-se rapidamente ao quarto em que deixara o chapéu. Procurou-o por todos os cantos, revistou os armarios, as caixas, estendeu a busca aos comodios vizinhos e não o achou. Ficou desesperada, quiz gritar, chamar alguém que a acudisse, mas o momento tolhia-lhe qualquer iniciativa.

Correu á sala. A cerimonia terminava, Amelia já se despedira do marido, e preparavam-se para fechar o caixão.

Chiquita olhou atentamente. Era êle mesmo, seu rico chapéu misturado com flores e cobrindo o corpo de Fagundes. Quem o puzera ali? pensou.

Uma senhora, velha amiga da casa, dessas que acompanham quasi todas as famílias e que elas envelhecem e morrem, assíduas, infalíveis mesmo nos grandes atos da vida, geralmente miopes, prestimosas, ao arrecadar as flores espalhadas pela casa levára na mesma braçada o chapéu de Chiquita.

Quando Chiquita o viu sumir-se sob as tampas do caixão que se fechavam, chorou copiosamente.

Quem a olhou nesse instante julgou-a, naturalmente, tomada de profunda dôr pela morte do amigo, hipersensível ou solidaria com a viuva. Amelia quando a percebeu, atirou-se aos seus braços, soluçante e inconsolavel, comovida com tanta prova de amizade.

O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

Vale Quanto Pesa

RIO

Beijador

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postiza sai, quando o solta, frita, si ou espreito? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alvino (de talão) para polvilhar as dentaduras postizas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a impressão de uma perfeita reprodução da natureza e da cor. Não dá a impressão de uma dentadura postiza.

Cumpra **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou dentário. **Beijador**.

Beijador para todo o Brasil
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

90-B

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

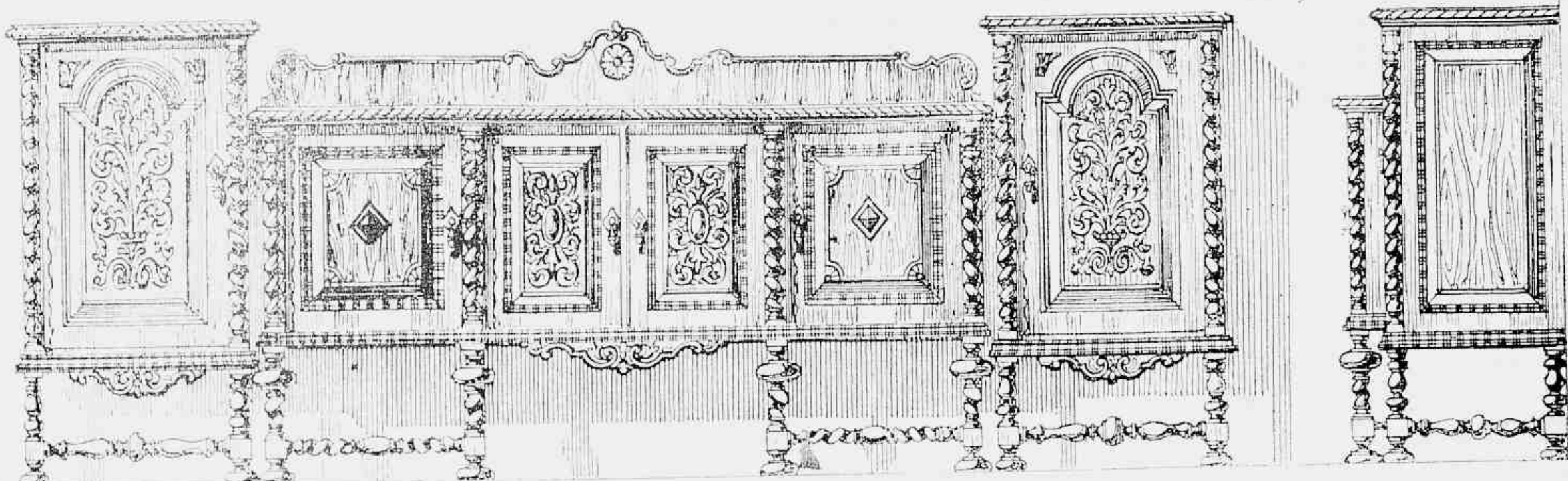
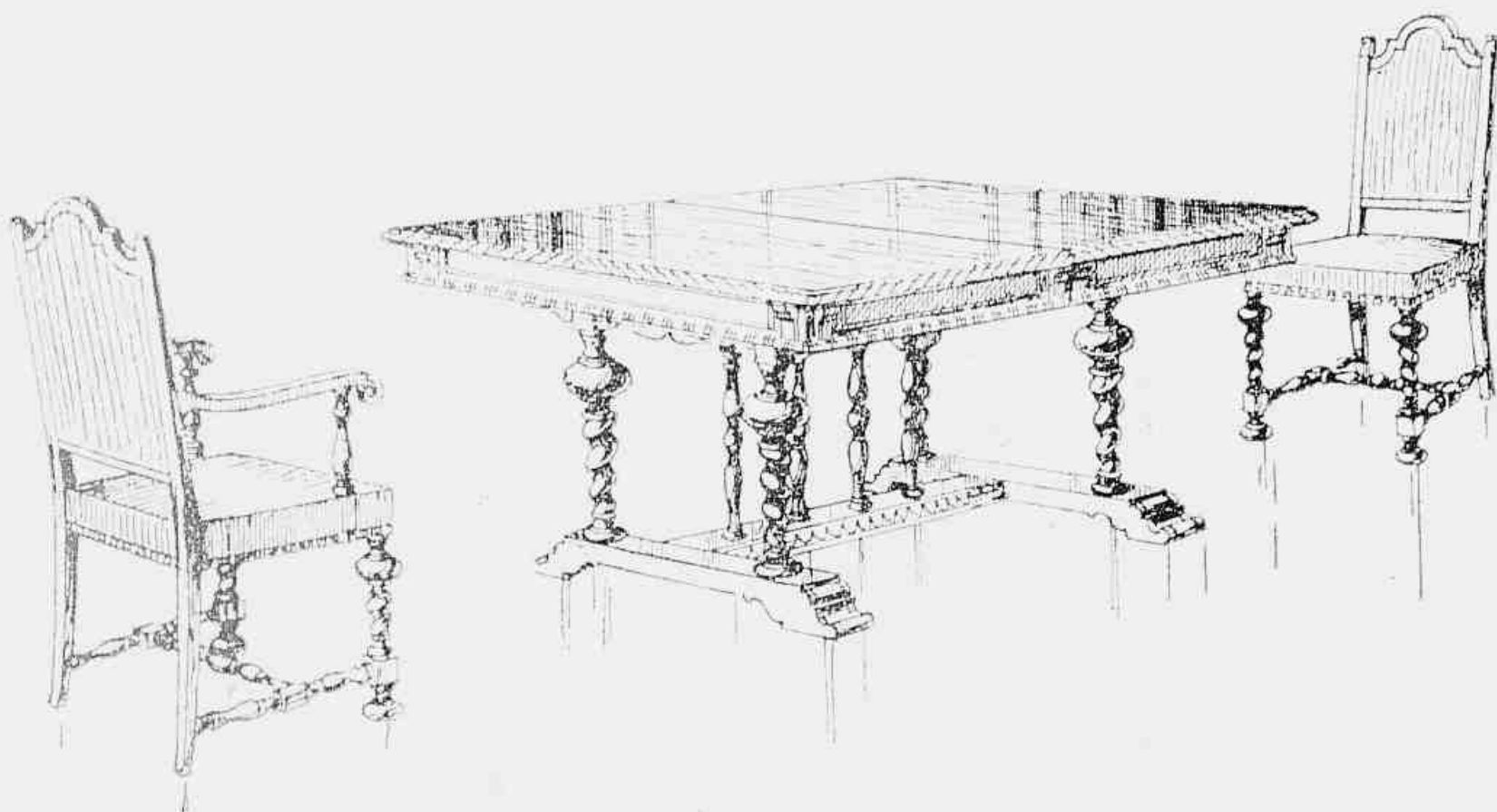
(Medicamento auxiliar no tratamento da sífilis)

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

de Ferraes



SALA DE JANTAR COLONIAL

A estilização nos tempos atuais, é o processo mais fácil para que se possa, sem prejuízo da estética, construir ou criar um ambiente artístico de acordo com os velhos estilos, sem vultosas despesas. Apresentamos aqui um modelo de sala de jantar colonial estilizado, com cadeiras forradas em couro liso. Os pés destas cadeiras, como os dos outros móveis, são torneados e recurvos, o que dá a todas as peças um encanto todo próprio e original.

Além da mesa, faz parte do mobiliário um "buffet", dividido em três partes.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



OFERTA DO «ALMANAQUE EU SEI TUDO» PARA 1947
EM PREPARO